



INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS EDUCATIVAS

Departamento de educação

Como promover o desenvolvimento das relações sociais numa sala com crianças de três anos?

Sofia Alexandra Barradas Teixeira Lopes da Silva

Relatório Final para obtenção de grau de Mestre em Educação Pré-Escolar

Orientadoras:

Professora Especialista Celeste Rosa, Instituto Superior de Ciências Educativas

Coorientadora:

Professora Doutora Mónica Pereira, Instituto Superior de Ciências Educativas

Abril, 2017

Ramada

Agradecimentos

Em primeiro lugar agradeço à minha amiga Patrícia Santos pela sua insistência para que me fosse matricular. Depois por todo o meu percurso ter sido acompanhado por ela. Pela força que me deu, por todo o apoio e ajuda que necessitei para chegar até aqui.

À minha amiga Fátima Reis, pelas horas dispensadas a incentivar-me e a apoiar-me. Um obrigada enorme a estas duas amigas.

À Manuela que me acompanhou numa parte deste percurso.

Ao meu marido que apesar de ter estado longe nestes quatro anos, sempre me soube dizer as palavras certas, na hora certa e sempre me apoiou e incentivou a nunca deixar de fazer aquilo que se quer alcançar,

Aos meus filhos por compreenderem parte da minha ausência no seu crescimento

Aos meus pais, que compreenderam a minha ausência neste período das suas vidas.

À minha professora, coordenadora e orientadora Celeste Rosa por todo o apoio nestes longos anos, assim como a toda ajuda da professora Mónica Pereira nesta fase final.

Cheguei ao final, com esforço e sacrifício, mas dedico esta minha vitória a duas pessoas especiais: ao meu pai e ao meu marido.

A todos o meu obrigada.

Resumo

Considerando a relevância das relações sociais no desenvolvimento da criança do pré-escolar, a presente investigação pretende compreender como promover o desenvolvimento das relações sociais numa sala com crianças de três anos de idade. Foi desenvolvida numa sala de jardim-de-infância com vinte e cinco crianças, onde quatro crianças fizeram parte integrante do estudo.

As relações sociais que as crianças pequenas estabelecem com os pares e com os adultos são profundamente importantes, porque é a partir destas relações que as crianças de idade pré-escolar geram a sua compreensão do mundo social (Hohmann & Weikart, 2011). As crianças vão crescendo e explorando o mundo que as rodeia, contribuindo para o seu desenvolvimento cognitivo, físico e social. De acordo com as OCEPE (2016) a formação pessoal e social, nomeadamente o desenvolvimento das relações sociais, é fundamental para que a criança se desenvolva não apenas na relação com o outro, mas também no desenvolvimento da sua personalidade como um ser solidário e entendedor das consequências das suas ações sobre si e o outro.

Devido à natureza do estudo e das questões da investigação, o presente estudo é feito através da investigação da própria prática, com uma abordagem qualitativa, baseada em entrevistas, observações, notas de campo e a aplicação da categoria das relações sociais do Child Observation Record (COR).

Com este estudo procura-se compreender a importância que as relações sociais têm na primeira infância da criança, e por isso, mediante a análise de conteúdo, é possível afirmar que a promoção de atividades, cujo o objetivo procura promover as relações sociais, o comportamento e as atitudes das crianças tendem a melhorar, capacitando-as para ter interações com os outros mais saudáveis, onde elas se envolvem na elaboração de projetos complexos, o que lhes permite um desenvolvimento pessoal e social, sendo capazes de transmitir os seus sentimentos e compreender os dos outros, de forma socialmente aceitável.

Palavras-chaves: Educação Pré-Escolar, Formação Pessoal e Social, relações sociais.

Abstrat

Considering the importance of social relations in the development of a child in the early years, this research aims to understand how to promote the development of social relations in a room with three years old children. It was developed in a kindergarten room with twenty-five children, where four children were part of the study.

The social relationships that young children establish with peers and adults are extremely important. It is from these relationships that children in early years generate their understanding of the social world (Hohmann & Weikart, 2011). And so, children grow and explore the world around them, contributing to their cognitive, physical and social development. According to Silva, Marques, Mata e Rosa (2016), personal and social formation, namely the development of social relations, is fundamental for the child to develop not only their relation with others, but his/her personality as a solidarity being and understanding consequences of their actions on themselves and the others.

Due to the nature of the study and the research questions, the present study is done through the investigation of the practice itself, with a qualitative approach based on interviews, observations, field notes and the application of the social relations category of the Child Observation Record (COR).

This study seeks to understand the importance of social relations in the child's early childhood. Through the analysis of its content it is possible to affirm that the promotion of activities, whose objective seeks to promote social relations, behavior and children's attitudes tend to improve, enabling them to have healthy interactions with others. As a result, they engage in elaborate complex projects, allowing them personal and social development, being able to convey their feelings and understand those of others, in a socially acceptable way.

Keywords: Pre-School Education, Personal and Social Training, social relations.

Siglas

COR- Child Observation Record

MEM - Movimento da Escola Moderna

OCDE- Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico

OCEPE - Orientações Curriculares Para a Educação Pré-Escolar

Índice

Índice de figuras	7
Índice de Apêndice	8
1.Introdução	9
2. Enquadramento Teórico	11
2.1. Fundamentos e princípios da Educação Pré-Escolar	11
2.3. Formação Pessoal e Social.....	14
2.4. As relações sociais no jardim-de-infância	17
2.5. Papel do Educador de infância	21
3. Caraterização do contexto institucional.....	23
3.1. Caraterização da Instituição.....	23
3.2. Caraterização do grupo	24
3.3. Caraterização do ambiente educativo	26
3.3.1. Organização do tempo	27
3.3.2. Organização do espaço	30
3.3.3. Organização social.....	38
4. Metodologia da Investigação	40
4.1. Situar a Pesquisa	41
4.3. Desenho da Investigação	41
4.2. Participantes.....	42
4.4. Técnicas de Recolha de Dados	42
4.5. Identificação dos instrumentos a usar.....	44
4.6. Etapas da Investigação.....	48
4.6. Etapas da Investigação	48
5. Plano de ação no contexto educativo	49
5.2. Planificação Global.....	52
5.3. Apresentação global do plano de ação	53
6. Apresentação dos resultados obtidos	54
7. Reflexões Finais.....	83
7.1. Implicações do Plano de Ação para a prática profissional futura	84
7.2. Potencialidade e limites do estágio na promoção do desenvolvimento profissional do formando	85
8. Referências Bibliográficas.....	87
Apêndices.....	91

Índice de figuras

<i>Figura 1- Distribuição das crianças por género</i>	<i>24</i>
<i>Figura 2 - Idade dos Encarregados de Educação</i>	<i>25</i>
<i>Figura 3 - Profissão dos Encarregados de Educação</i>	<i>25</i>
<i>Figura 4 - Número de irmãos</i>	<i>26</i>
<i>Figura 5 - Rotina diária.....</i>	<i>28</i>
<i>Figura 6 - Agenda semanal.....</i>	<i>29</i>
<i>Figura 7 - Planta da Sala</i>	<i>32</i>
<i>Figura 8 -Escrita e Oralidade</i>	<i>33</i>
<i>Figura 9 - Área das expressões visuais.....</i>	<i>33</i>
<i>Figura 10 - Área da Biblioteca.....</i>	<i>34</i>
<i>Figura 11 - Área da matemática e ciências</i>	<i>35</i>
<i>Figura 12 - Área dos jogos</i>	<i>36</i>
<i>Figura 13 - Área da Garagem e construções</i>	<i>36</i>
<i>Figura 14 - Área do Faz-de-conta.....</i>	<i>37</i>
<i>Figura 15 - Área das Expressões Livres</i>	<i>37</i>
<i>Figura 16 - Área Polivalente</i>	<i>38</i>
<i>Figura 17 - Desenho da Investigação.....</i>	<i>41</i>
<i>Figura 18 - Etapas da investigação.....</i>	<i>48</i>
<i>Figura 19 - construção da árvore do outono.....</i>	<i>49</i>
<i>Figura 20 - Árvore do Outono</i>	<i>50</i>
<i>Figura 21 - Jogo da cadeira</i>	<i>50</i>
<i>Figura 22 - Plano de Ação.....</i>	<i>53</i>
<i>Figura 23 - E. Relações com adultos.....</i>	<i>56</i>
<i>Figura 24 - F. Relações com outras crianças</i>	<i>59</i>
<i>Figura 25 - G. Criação de relações de amizade com outras crianças</i>	<i>65</i>
<i>Figura 26 - H. Envolvimento na resolução de problemas de relações sociais.....</i>	<i>71</i>
<i>Figura 27 - I. Compreensão e expressão de sentimentos</i>	<i>74</i>

Índice de Apêndice

Apêndice I - Guião da primeira entrevista às crianças.....	92
Apêndice II- Respostas da primeira entrevista.....	93
Apêndice III - Guião da Segunda entrevista às crianças.....	97
Apêndice IV - Respostas à segunda entrevista.....	98
Apêndice IV – Registo de Observações do COR.....	102
Apêndice VI – Planificações das atividades desenvolvidas.....	113
Apêndice VII - Notas de campo.....	130

1.Introdução

Este trabalho insere-se na unidade curricular de Seminário Interdisciplinar e Prática de Ensino Supervisionada, referente ao mestrado em educação pré-escolar, e foi solicitado um relatório final onde foi realizado um plano de investigação e um plano de ação.

O plano de ação foi desenvolvido numa IPSS no Concelho da Amadora, na freguesia da Falagueira, numa sala de jardim-de-infância com vinte e cinco crianças com três anos de idade.

A temática abordada neste projeto de investigação centra-se na área de Formação Pessoal e Social, mais precisamente nas relações sociais que os adultos e as crianças estabelecem, a criação das amizades entre pares, a resolução de problemas que dizem respeito às relações sociais e ainda como são compreendidos e expressos os sentimentos pelas crianças. Este projeto de investigação tem a questão “Como promover o desenvolvimento das relações sociais numa sala com crianças de três anos?”.

Durante o período de observação, que aconteceu logo na parte inicial da investigação, verificou-se que existem relações sociais positivas na sala de atividades, ou seja, bem como as crianças têm relações positivas com adultos, brincam com os pares resolvendo problemas quando estes surgem e as relações de amizade que se criam são suportadas pela compreensão e expressão de sentimentos por ambas as partes. No entanto, nem sempre tal acontece, pois, foram surgindo conflitos que necessitavam de intervenção do adulto. Após várias observações, este tema foi considerado pertinente, uma vez que se procura entender como acontecem as relações sociais numa sala de jardim-de-infância, com uma amostra de quatro crianças e o que o adulto pode fazer para potenciar estas relações sociais.

Skinner (2007) indica que as experiências criativas – e aqui consideramos todas as atividades que permitem à criança a representação de si próprios e não de outro qualquer - podem ajudar a criança a desenvolver-se se ela for capaz: de fazer conexões com os outros, expressando os seus sentimentos através de uma linguagem verbal ou não verbal expressando os seus pensamentos num determinado tema; resolver problemas numa variedade de situações; desenvolver o seu sentido estético: demonstrar uma boa autoestima. As relações sociais são fator fundamental para o desenvolvimento de competências pessoais e sociais, que permitem às crianças pequenas não só terem acesso às outras áreas de desenvolvimento, mas também aprenderem a desenvolver o seu potencial enquanto seres humanos.

Silva, Marques, Mata e Rosa (2016) contemplam as relações sociais como parte do desenvolvimento da criança, incluindo-as na área de Formação Pessoal e Social.

Tal como é afirmado pelas autoras nas Orientações Curriculares para a educação Pré-escolar (OCEPE), a área de Formação Pessoal e Social é considerada uma área transversal, porque, embora tenha uma intencionalidade e conteúdos próprios, está presente em todo o trabalho educativo realizado no jardim-de-infância. Assim, tendo em conta a importância desta área para um desenvolvimento integral, carece a necessidade de ser compreendido, na sala de jardim-de-infância, como acontecem as relações sociais, evidenciando e atribuindo a importância que possui.

Deste modo apresenta-se o objetivo de investigação:

- Compreender as relações sociais estabelecidas numa sala com crianças de três anos.

Para compreender a problemática em questão aprofundam-se os fundamentos e os princípios da educação pré-escolar, o conceito da formação pessoal e social, as relações sociais no jardim de infância e o papel do educador nas relações sociais.

Neste relatório apresenta-se então, o enquadramento teórico onde se expõe os Fundamentos e princípios da educação pré-escolar, aprofunda-se o significado das Formação Pessoal e Social, as relações sociais no jardim de infância e o papel do educador de infância. Para compreender o ambiente educativo onde esta investigação decorreu, faz-se uma caracterização do contexto educativo apresentado a organização do espaço, do tempo e social.

De forma a contextualizar a investigação apresenta-se a metodologia utilizada bem como os participantes, o desenho da investigação, as técnicas utilizadas na recolha de dados, os instrumentos usados e as etapas de investigação.

De forma a compreender a estrutura da investigação é apresentado o plano de ação, a sua justificação e a teia de planificação global.

A apresentação e discussão dos resultados obtidos faz-se a partir das observações registadas, das notas de campo e ainda tendo em conta das atividades desenvolvidas.

Para finalizar este trabalho, apresenta-se a conclusão com uma reflexão geral sobre as implicações do plano de ação para a prática profissional futura e ainda as potencialidades e limites do trabalho.

2. Enquadramento Teórico

Neste enquadramento teórico estabelece-se o conceito de educação pré-escolar e o surgimento das orientações curriculares para a educação pré-escolar. Neste ponto foca-se, para maior compreensão, na área de Formação Pessoal e Social e ainda se estabelece o papel do educador nesta área.

2.1. Fundamentos e princípios da Educação Pré-Escolar

A educação pré-escolar assenta num conjunto de princípios que apoiam e orientam a atividade pedagógica dos educadores, previstos na Lei Quadro da Educação Pré-Escolar. Desta surgiram as Orientações Curriculares para a educação pré-escolar, aprovadas pelo despacho nº5220/97 de 10 de julho, que vieram unificar e justificar a intencionalidade da ação educativa dos educadores de infância, aumentando a qualidade neste nível de ensino. Reformuladas pelo Ministério da educação em 2016 (Silva, Marques, Mata e Rosa, 2016), as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, continuam a ser um referencial para os educadores de infância, uma vez que contribuem para a promoção da melhoria da qualidade da educação na rede nacional da educação pré-escolar em Portugal.

Segundo Vasconcelos (2009, p.17), destaca-se a valorização do estatuto da educação de infância, estabelecendo-se que “o investimento numa educação de qualidade desde os primeiros anos é factor de sucesso educativo e (...) factor de prevenção da exclusão social.”. Deste modo, para ser possível a existência de uma educação de infância de qualidade esta deverá ir ao encontro das orientações curriculares para a educação pré-escolar, evitando a exclusão social, tal como é afirmado por Vasconcelos (2009). Deste modo, para ser possível a existência de uma educação de infância de qualidade esta deverá ir ao encontro das orientações curriculares para a educação pré-escolar, evitando a exclusão social, tal como é afirmado pela autora acima. Estas permitem ao educador fazer uma reflexão sobre as finalidades e sentidos da sua prática pedagógica, e sobre a forma como organiza essa ação pedagógica e a adequa às crianças. (Silva, Marques, Mata e Rosa, 2016).

A educação pré-escolar destina-se a crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos de idade, tal como está estabelecido na Lei-Quadro (Lei n.º 5/97, de 10 de

fevereiro). Segundo esta lei, os objetivos definidos para a educação pré-escolar são os seguintes:

- “- Promover o desenvolvimento pessoal e social da criança com base em experiência de vida democrática numa perspectiva de educação para a cidadania;
- Fomentar a inserção da criança em grupos sociais diversos, no respeito pela pluralidade das culturas, favorecendo uma progressiva consciência do seu papel como membro da sociedade;
- Contribuir para a igualdade de oportunidades no acesso a escola e para o sucesso da aprendizagem;
- Estimular o desenvolvimento global de cada criança, no respeito pelas suas características individuais, inculcando comportamentos que favoreçam aprendizagens significativas e diversificadas;
- Desenvolver a expressão e a comunicação através da utilização de linguagens múltiplas como meios de relação, de informação de sensibilização estética e de compreensão do mundo;
- Despertar a curiosidade e o pensamento crítico;
- Proporcionar a cada criança condições de bem-estar e segurança, designadamente no âmbito da saúde individual e colectiva;
- Proceder a despistagem de inaptações, deficiências, promovendo a melhor orientação e encaminhamento da criança;
- Incentivar a participação das famílias no processo educativo e estabelecer relações de efectiva colaboração com a comunidade”

A educação pré-escolar assenta, assim, num documento que orienta a prática educativa dos educadores. Este apresenta quatro fundamentos que sustentam a prática dos educadores e que se articulam entre si:

1. Desenvolvimento e aprendizagem da criança como vertentes indissociáveis;
2. Criança como sujeito do processo educativo;
3. Resposta a todas as crianças;
4. Construção articulada do Saber.

Por vezes as aprendizagens das crianças acontecem de forma espontânea, mas no contexto de educação de infância existe uma intencionalidade educativa num ambiente estruturado, culturalmente rico e estimulante. Através das relações e interações que a

criança estabelece com os pares e com o adulto é-lhe proporcionada várias experiências onde adquire aprendizagens que contribuem para o seu desenvolvimento, tal como Silva, Marques, Mata e Rosa (2016, p.8) indicam “a aprendizagem influencia e é influenciada pelo processo de desenvolvimento físico e psicológico da criança, sobretudo numa fase a vida em que essa evolução é muito rápida. Por isso em educação de infância não se pode dissociar desenvolvimento e aprendizagem.”.

Nas aprendizagens que as crianças fazem, estas devem ter um papel ativo. Ao aproveitar-se da sua curiosidade natural o educador permite à criança compreender e dar sentido ao mundo. Este papel decorre dos direitos da criança estabelecidos na Convenção dos direitos da crianças de 1989, que indicam “o direito de ser consultada e ouvida, de ter acesso à informação, à liberdade de expressão e de opinião, de tomar decisões em benefício e do seu ponto de vista ser considerado.” (Silva, Marques, Mata e Rosa, 2016, p.9).

Todas as crianças têm direito à educação, tendo em conta que cada uma tem como base uma igualdade de oportunidades, independentemente da sua nacionalidade, cultura, religião, etnia, língua materna ou mesmo uma ou outra orientação sexual. Esta inclusão cabe ao educador regular a prática pedagógica de forma a diferenciá-la e criar oportunidades estimulante para todas as crianças, promovendo um sentido de segurança e autoestima. Como Silva, Marques, Mata e Rosa (2016, p.10) “a interação e cooperação entre crianças permitem que estas aprendam, não só com o educador, mas também umas com as outras.”, permitindo criar um ambiente democrático e acolhedor de forma as crianças se sentirem-se seguras, onde seja possível dar resposta a todas através de condições estimulantes que favoreçam o seu desenvolvimento e aprendizagem.

Neste ambiente educativo deve-se dar importância ao brincar, pois é desta forma natural que a criança aprende. Esta configuração holística, pode ser verificado no envolvimento da criança nas brincadeiras através da concentração na atividade, da energia que a criança investe, na complexidade e criatividade observáveis quando a criança mobiliza, de livre vontade, as suas capacidades, pela expressão facial e a postura, bem através da persistência, da precisão, do tempo de reação, da linguagem, nos comentários que vão fazendo e ainda pela satisfação que apresenta no decorrer da atividade (Formosinho, 2009). Através do brincar a criança tem oportunidade de aprender a aprender, desenvolvendo a criatividade, conseguindo criar momentos de colaboração com os outros, fazendo descobertas e expressando as suas opiniões, o que promove o desenvolvimento das competências sociais (Silva, Marques, Mata e Rosa, 2016, p.9).

Estes fundamentos são indicadores de intencionalidade educativa. Já por si só, esta intencionalidade acarreta um vasto leque de elementos que assentam na comunicação e articulação: a necessidade de organizar o ambiente educativo tendo por base a observação, o registo e a documentação, que deverá surgir do planeamento e da avaliação e que sustentam a ação. A organização do ambiente educativo implica que se tenha a intenção da organização do mesmo na sala de atividades de forma a promover as aprendizagens nas três diferentes áreas de conteúdo: A área de formação Pessoal e Social, a Área de expressão e Comunicação e a área do Conhecimento do Mundo.

2.3. Formação Pessoal e Social

A área de Formação Pessoal e Social é, de acordo com o enunciado nas OCEPE, transversal uma vez que está presente em todo o trabalho educativo realizado no jardim de infância. Esta área baseia-se fortemente na organização do ambiente educativo, pois este deve ser contruído como “um ambiente relacional e securizante, em que a criança é valorizada e escutada, o que contribui para o seu bem-estar e autoestima, e, ainda como um contexto democrático em que as crianças participam na vida do grupo e no desenvolvimento do processo de aprendizagem.” (Silva, Marques, Mata e Rosa, 2016, p.33). Deste modo, esta área visa contribuir para que as crianças se tornem cidadãos autónomos, conscientes e solidários.

Segundo Estrela (2008),

(...) Se o bem-estar e a implicação das crianças aumentam, o educador saberá que está no caminho correto: aumenta a sua autoconfiança e ajuda-as a tornarem-se mais fortes na vida; alimenta a sua curiosidade e ímpeto exploratório; ajuda-as/auxilia-as a desenvolver as suas competências e talentos. (p.55).

Segundo Vasconcelos (2004, p.144) “o processo de desenvolvimento pessoal e social das crianças é, essencialmente interativo, envolvendo relações e interações com as outras pessoas”. De acordo com as OCEPE (2016), a Formação Pessoal e Social é uma área com conteúdos e intencionalidade própria, e no que diz respeito às relações sociais, contempla quatro componentes:

- Construção da identidade e da autoestima – esta componente diz respeito à construção do conhecimento de si próprio, que é influenciado pelo modelo do adulto, levando a que esse conhecimento possa ser positivo ou negativo. A

construção da autoestima é muito importante e depende sempre da forma como o educador valoriza a criança, pois esta necessita que a respeitem, que a encorajem, e que a estimulem. Isto acontece numa fase em que a criança está a construir a noção do eu. A construção da identidade passa pelo aspeto central de ser menina ou menino, nesta distinção, as crianças vão tendo comportamentos conforme as expectativas culturais, e por isso é importante que o educador vá estando a par dos estereótipos e que os contrarie através de atitudes e dos materiais que disponibiliza na sala de atividades. Todas as crianças devem ser aceites mesmo que existam diferenças, eliminando assim a discriminação e a exclusão das mesmas. (Silva, Marques, Mata e Rosa, 2016);

- Independência e autonomia – a criança deve ser capaz de cuidar de si e conseguir utilizar instrumentos e materiais que se encontrem à sua disposição, ou seja, ser autónoma nas escolhas daquilo que quer fazer e elaborar propostas. É necessário que a criança se sinta confortável no seu espaço, para ir adquirindo uma progressiva autonomia, fazendo escolhas, tomando decisões de forma a garantir a sua segurança e bem-estar de forma responsável, conseguindo ser independente. Valoriza-se a vida democrática do grupo onde se combinam e se decidem regras em conjunto, tal como Silva, Marques, Mata e Rosa (2016, p.36) referem “esta participação da vida no grupo permite às crianças tomar iniciativas e assumirem responsabilidades, de modo a promover valores democráticos, tais como a participação, a justiça e a cooperação.”. O papel do educador é importante para conseguir mediar a construção dos conhecimentos permitir um ambiente educativo promotor de aprendizagens onde a criança tenha um papel efetivamente ativo;

- Consciência de si como aprendente – no processo de aprendizagem o educador deve apoiar a criança a refletir para que possa compreender o que aprendeu, como o aprendeu e se faz sentido para ela. Assim, vai tomando conhecimento de si como aprendente, aprendendo a ultrapassar dificuldades, adquirindo autoconfiança e gosto por aprender. Também é importante que a criança tenha a oportunidade de partilhar as suas aprendizagens com o restante grupo, de forma a que cada criança contribua para a aprendizagem de todos (Silva, Marques, Mata e Rosa, 2016);

- Convivência democrática e cidadania – numa sala de jardim-de-infância todas as crianças têm o direito a participar no processo educativo, mesmo que existam

diferenças sociais, físicas, cognitivas, religiosas e éticas. (Silva, Marques, Mata e Rosa, 2016). Estas diferenças interculturais devem de ser entendidas para o enriquecimento do grupo. Ao participar na vida do grupo é-lhes permitido tomar iniciativa e assumir responsabilidades, resultando na sua expressão de sentimentos, na compreensão dos sentimentos dos outros, existindo respeito pela diferença, tal como Silva, Marques, Mata e Rosa (2016) afirmam

“É neste contexto que se desenvolve a educação para a cidadania, enquanto formação de pessoas responsáveis, autónomas, solidárias, que conhecem e exercem o seus direitos e deveres em diálogo e no respeito pelos outros, com espírito democrático, pluralista, crítico e criativo.” (p.39).

Segundo as OCEPE (Silva, Marques, Mata e Rosa, 2016, p.33) “A área de Formação Pessoal e Social é considerada uma área transversal, porque, embora tenha uma intencionalidade e conteúdos próprios, está presente em todo o trabalho educativo realizado no jardim de infância.”.

Esta área está sempre presente, é visível ao observar como as crianças lidam umas com as outras, como se relacionam consigo próprias e com o mundo que a rodeia, a influência, promovendo desta forma atitudes e valores para que tenham uma aprendizagem bem-sucedida. É através da convivência com os outros que a criança vai demonstrando as relações sociais que vai adquirindo, tal como: a autonomia, o respeito pelo outro, autoestima. Todas estas competências são desenvolvidas no jardim de infância quer em grupo ou em individualmente, pois “A educação pré-escolar tem um papel importante na educação para os valores, que não se “ensinam”, mas se vivem e aprendem na ação conjunta e nas relações com os outros.” (Silva, Marques, Mata e Rosa, 2016, p.33). Quando surgem conflitos as crianças devem ser incentivadas a resolvê-los de forma socialmente aceitável. Para acompanhar com eficácia estas resoluções é importante que os adultos tenham presente as características das crianças em idade pré-escolar e de como elas pensam, ou seja: “Lembrem-se que as crianças de idade pré-escolar ainda estão muito centradas em si mesmas, lutam por independência e controlo, e pensam de formas muito concretas.” de acordo com Hohmann e Weikart (2009, p.615). Dado que estas características vão influenciar a resolução de conflitos, cabe ao educador ajudar a reconhecer os seus sentimentos, ao fazer da resolução de problemas um processo ativo.

De acordo com Silva, Marques, Mata e Rosa (2016), a organização do ambiente educativo contribui muito para o desenvolvimento da Formação Pessoal e Social da criança, se a criança é vista como um participante ativo, e se lhe é dada a oportunidade de se expressar, se está a sentir-se valorizada o que promove a sua autoestima. Sommer (2002) indica que não há nenhum comportamento que possa estar desligado do espaço. O espaço físico é uma forma de comunicação com as pessoas.

Os espaços educativos devem ir ao encontro das necessidades das crianças e apoiar os valores e os objetivos dos educadores. As decisões tomadas sobre como delinear o espaço vão influenciar diretamente a qualidade da relação da criança com outras pessoas e com materiais de aprendizagem (Vasconcelos, 1997).

O favorecimento da autonomia das crianças é feito através de materiais e mobiliário acessíveis às crianças, para que estas sozinhas os consigam manipular. Possibilita ao educador mais tempo para trabalhar em pequenos grupos ou individualmente, a desenvolver projetos, enquanto as outras crianças estão nas outras áreas. Desta autonomia que as crianças se vão apropriando, também permite que tenham à vontade para se envolverem em projetos complexos com os adultos, seja na ajuda para organizar um projeto ou atividade, como na ajuda em seguir regras (High/Scope, s/d). Para que isto seja possível, o mobiliário deve ser bem escolhido garantindo segurança total, deve ser estável, sem arestas que causem arranhões ou cortes, os materiais devem ser higiénicos e garantir a salubridade (regras exigidas). O ambiente educativo deve promover sempre a diversidade de áreas de forma a dar respostas às necessidades do grupo, tais como a forma de ser e suas preferências.

A criança que frequenta o jardim de infância tem maior facilidade em envolver-se em situações de relações sociais com os outros, do que uma criança que não tenha a oportunidade de frequentar, tal como Schweinhart e Weikart (1980, in Marques, s.d) concluíram “a educação pré-escolar fornece às crianças uma interacção cognitiva com o seu meio, que de outra forma não teriam possibilidades de experimentar” (p. 25).

2.4. As relações sociais no jardim-de-infância

As relações sociais são muito importantes para qualquer ser humano, principalmente na primeira infância, para que a criança comece a compreender o mundo que a rodeia. Através das relações sociais a criança começa a compreender os outros e aprende a

socializar, ideia partilhada por Vygostky (Silva & Lucas, 2003). O jardim de infância é o local ideal para que isso aconteça, pois através das brincadeiras em grupo, ou mesmo em atividades que sejam realizadas a criança começa a enfrentar diversos problemas que tem de os conseguir resolver. O primeiro núcleo social é sem dúvida a família e depois os amigos tal como afirma Brofenbrenner (1994) este autor com a sua teoria dos Sistemas Ecológicos do Desenvolvimento Humano afirma que a ecologia serve para entender o desenvolvimento humano e a sua relação com o meio. Partindo das interpretações que fazem, as crianças experimentam de tudo em termos de relações interpessoais, pois aquilo que é internamente significativo para esta, é interpretado e acaba por transparecer. Assim, todas as pessoas, objetos ou situações, afetam a motivação da criança.

Segundo a Organização de Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE 2015) o jardim de infância potencia o desenvolvimento de competências sociais e emocionais, esta idade é fundamental para tal.

O ser humano é por si um ser sociável. O tipo de relações sociais influencia diretamente o desenvolvimento social da mesma que na sua importância espelha-se em consequências futuras significativas. A forma como se relacionam com a criança influencia diretamente a forma como esta posteriormente se irá relacionar com os outros, a forma como assume o seu *eu*, o padrão social adotado. Segundo Schaffer (1996) o eu é uma “teoria” que cada criança vai desenvolvendo durante a infância sobre quem é, e da forma como se adapta à sociedade. Baldwin (1987), argumenta que os conceitos do eu e do outro despontam simultaneamente das interações sociais, que ambos se desenvolvem do mesmo modo e que ambos partilham os mesmos aspetos. Nesta partilha as crianças criam laços umas com as outras que se vão estreitando e que contribuem para o seu desenvolvimento ao nível social. Formosinho (1996) afirma que, quando uma criança recebe apoio social de um amigo, esta já está a mostrar comportamentos de lealdade para com o outro, por outro lado, a mesma autora refere que “(...) é na Educação de Infância (...) e através dela que se desenvolvem competências e destrezas, se aprendem normas e valores, se promovem atitudes úteis para o desenvolvimento das crianças, (...)” (p.11), para a sua inserção social, para o seu sucesso na escola e para a sua cidadania presente e futura.

De acordo com Childhood Observation Record (COR) (High/Scope, S/d), todas as experiências que as crianças vão obtendo entre elas e mesmo com os adultos ajudam-nas a adquirir competências sociais. É evidente que as crianças na educação pré-escolar podem ainda não ter tido oportunidade de começar a compreender que existem relações

sociais e portanto, por vezes mordem, gritam ou mesmo batem; o que pode dificultar a iniciação de interações com os amigos ou mesmo dificuldade em manter essas interações, tal como nos indica o COR (High/Scope, s/d). É necessário o acompanhamento do adulto para que as crianças comecem a desenvolver competências sociais saudáveis, consigam comunicar frustrações, opiniões e ainda que tenham oportunidades de resolver conflitos de forma autónoma e socialmente aceitável. Numa observação realizada a algumas crianças durante um ano letivo, Marques (s/d) verificou que, no final do ano letivo, as crianças brincavam de uma forma mais construtiva, tinham maior capacidade de atenção, demonstrando que as relações sociais entre crianças melhoram significativamente aquando envolvidas no jardim de infância.

Cada criança é uma criança por isso temos que ir ao encontro dessa criança para que ela se sinta segura para desenvolver competências sociais. Segundo Hohmann e Weikart (2009) as relações sociais que as crianças em idade pré-escolar utilizam são através da linguagem e da brincadeira. Estas já são capazes de expressar as emoções que sentem, assim como as que observam nos outros.

De acordo com Marques (2008), nenhuma das virtudes de carácter que a criança possa adotar é inata, não nascem com ela. Estas virtudes de carácter, como Marques (2008) tende a caracterizar, são adquiridas da mesma forma como que se adquirem a mestria nas artes e nos ofícios: pelo exemplo, pela prática supervisionada e pelo hábito de fazer. O mesmo autor afirma que “As virtudes do carácter não são adquiridas pelo ensino, mas sim pelo hábito.” (p. 20).

Estas interações que as crianças vão vivendo são o forte das relações humanas tais como: a iniciativa, autonomia, a confiança e auto estima que as possibilitam de idealizar imagens construtivas delas próprias e dos outros. Willard Hartup (1986) defende que as amizades das crianças parecem gerar a confiança e o sentido de pertença centrais para prosseguir no desenvolvimento.

Spodek e Saracho (2007) afirmam que:

Se as crianças contactarem com um conjunto de experiências que envolvam sentimento de rejeição elas irão tornar-se agressivas, sempre procurando muita atenção, hostis, invejosas. Os adultos podem ajudar as crianças neste aspeto, adquirindo uma personalidade saudável, criando um ambiente de aceitação através de amor e encorajamento. (p.2)

Ainda sublinham a importância de serem proporcionadas às crianças oportunidade para assumirem responsabilidades, para fazer escolhas o mais cedo possível. Mesmo que isso signifique experienciar as consequências das escolhas erradas. Se as crianças forem independentes dos adultos, e experienciarem as consequências do seu comportamento elas terão maior probabilidade de conseguir enfrentar a realidade do seu mundo social.

Segundo Portugal (2008), inicialmente, é necessário compreender o que as crianças têm em comum, e não, apenas, aquilo que faz delas seres únicos (as diferentes culturas, contextos sociais, a comunidade) para conseguirmos potencializar ao máximo o seu desenvolvimento. Spodek e Saracho (2007) indicam que possuímos dois tipos de identidade: a identidade pessoal, ou seja, aquela que nos faz ser diferente dos outros; e a identidade social, ou seja, aqueles elementos que nos trazem em comunhão com o outro que é derivada do nosso papel no grupo.

Desde que a criança nasce, as relações sociais que mantém com outras aumentam substancialmente na educação pré-escolar, onde existem mais episódios de cooperação e cada vez mais complexos, existindo até mesmo papéis a desempenhar e guiões para representar, tal como afirmam McCartney e Phillips (2006, p.457).

De acordo com McCartney e Phillips (2006), uma grande questão com que os investigadores se deparam quanto tendem a perceber as relações entre pares vai ao encontro aos fatores que influenciam a qualidade, quantidade e desenvolvimento das relações entre pares na infância, destacando-se três fatores: as características próprias de cada criança, as relações que estabelecem com os seus pais e as experiências da sua infância.

As relações sociais que as crianças pequenas estabelecem com os pares e com os adultos são profundamente importantes, porque é a partir destas relações que as crianças de idade pré-escolar geram a sua compreensão do mundo social (Hohmann & Weikart, 2011). E assim, as crianças vão crescendo e explorando o mundo que as rodeia, contribuindo para o seu desenvolvimento cognitivo, físico e social.

De acordo com as Orientações Curriculares para o Pré-escolar (1997),

É nos contextos sociais em que vive, nas relações e interações com os outros, que a criança vai interiormente construindo referências que lhe permitem compreender o que está certo e errado, o que pode ou não pode fazer, os direitos e deveres para consigo e os outros. (p. 51)

De acordo com as OCEPE (2016) a formação pessoal e social, nomeadamente o desenvolvimento das relações sociais, é fundamental para que a criança se desenvolva não apenas na relação com o outro, mas também no desenvolvimento da sua personalidade como um ser solidário e entendedor das consequências das suas ações sobre si e o outro.

Seguindo a formulação de Marques (2008, p.40) “Sem amigos não se pode ser feliz” onde o autor remete para a amizade “(...) em qualquer um dos seus tipos, seja ela a amizade por utilidade, a amizade agradável ou a amizade perfeita, é um elemento essencial da vida boa.”. Por isso para crescer é necessário relacionar-se com outros.

2.5. Papel do Educador de infância

O jardim de infância é a primeira etapa da vida de uma criança, como tal, o educador deve promover as competências sociais na sala de jardim de infância de modo a que as crianças possam participar em relações sociais diversificadas com todos os intervenientes da sala e fora dela. O perfil do educador é importante como mediador das relações entre as crianças. Segundo Oliveira (2002, p. 203) “A função de educador é a de ser uma pessoa verdadeira que se relaciona efetivamente com a criança, garantindo-lhe a expressão de si, visto que ela precisa de alguém que acolhe as suas emoções, e, assim lhe permita estruturar o seu pensamento”.

Na perspetiva de desenvolvimento da criança, o educador deve conhecer as crianças do grupo com quem trabalha e, também, as respetivas famílias de a tentar criar relações positivas com estes. Apesar de as relações serem mais simples de manter com pessoas com as mesmas visões, é fundamental que os profissionais da educação se esforcem por se relacionar de forma aberta e honesta com todas as crianças e suas famílias (Fernandes, 2010). De acordo com o seu perfil de desempenho profissional do educador de infância, importa que este crie laços afetivos positivos, de forma a favorecer a necessária segurança afetiva e promover a autonomia das crianças (Decreto-lei n.º 241/2001, de 30 de agosto).

O Educador deve deixar a criança descobrir, experimentar, observar e descrever as suas emoções. Toda a sua prática pedagógica deve estar situada na criança, nas suas aprendizagens, nos seus desejos e interesses ajudando-a assim na estruturação do Eu, tal como afirma Dewey (1967, p. 37) "A escola é vida e não preparação para a vida".

Evidencia-se assim, a importância do papel do educador neste contexto, uma vez que é ele que promove aprendizagens e dele advém a intencionalidade pedagógica da ação.

Ser educador, ser professor, é um caminho exigente, rigoroso, um processo intrincado, um desafio em constante construção “(...) que começa na formação inicial, mas tem subjacentes as vivências anteriores ao processo formativo (...) que acabam por ter um papel relevante nas motivações e expectativas (...)” (Cardona, 2002, p.45).

No jardim-de-infância as crianças gostam de apanhar objetos e mostrar aos colegas o que apanharam. O educador deve promover estas iniciativas para compreender o que desperta a atenção dos mesmos.

O adulto deve apoiar e transmitir modos corretos às crianças para que estas comecem a interiorizar comportamentos socialmente aceitáveis perante os outros. Através da postura do adulto, servindo este de modelo a criança vai observando e vai adquirindo essas competências sociais. Começa a saber lidar com situações com que é confrontada, mesmo sem a ajuda do adulto, obtendo assim sucesso nas relações sociais.

Para Vasconcelos (2001, p.172) que faz uma abordagem culminante e esclarecedora, na prática educativa de Ana, quando diz que “Ana gosta de ser solidária e mostra às crianças como se tem empatia, (...) primeiro limita-se a tomar conhecimento da dor que a criança deve estar a sentir, (...) solidária com a frustração da criança, sugere às outras que lhe demonstre a sua simpatia”. Esse é o papel do adulto, aquele que deve ser o modelo, quando o educador interage de acordo com os sentimentos e demonstra a regulação do problema, passa a ter um papel apaziguador e regulador de sentimentos; e é este papel que deve continuar a ser promovido junto das crianças.

Os pais e os educadores têm o papel principal de demonstrar valores de partilha, respeito, cooperação e transmiti-los. As crianças passam muitas horas no jardim de infância e veem o educador como um modelo. Desta forma o educador promove estas relações aplicando-as e as crianças seguem-no, uma vez que “Os pais e os educadores só podem desempenhar o seu papel de educadores se possuírem as virtudes de carácter porque um mau mestre faz do aprendiz um mau praticante” (Marques, 2008, p.27)

3. Caraterização do contexto institucional

O contexto em que a criança está inserida, influencia o seu desenvolvimento e aprendizagem. Este contexto abarca tudo o que está ao seu redor. Ela influencia o seu meio tal como o meio a influencia. Assim, importa que o educador estabeleça relações próximas com o meio educativo envolvente, reconhecendo a sua importância para o desenvolvimento das crianças e o sucesso da sua aprendizagem (Silva, Marques, Mata e Rosa, 2016).

Desta forma faz-se a caraterização da instituição, do grupo e do ambiente educativo onde o estágio decorreu.

3.1. Caraterização da Instituição

A instituição onde foi desenvolvido o estágio tem várias valências sendo uma delas um jardim-de-infância situado numa das freguesias do concelho da Amadora.

Esta instituição é uma coletividade, e foi inaugurada com o intuito de desenvolver atividades de carácter cultural e recreativo que vão desde a banda de música a local de encontro e convívio. Durante muitos anos foi o único pólo de atividade cultural desta zona. Após 32 anos de atividade, esta adaptou-se a sociedade atual mantendo, contudo, o seu ecletismo expressando-se através de diversas áreas tais como a Educação, a Cultura, o Desporto e o Recreio.

No que concerne os recursos físicos que constituem o jardim-de-infância este é um edifício construído de raiz, com 13 anos de existência e no seu redor existem, prédios e um parque infantil.

É constituído por três salas de atividades que respeitam a legislação e as normas de segurança exigidas pelo Ministério da Educação, sendo elas a lei nº5/97 que apresenta a Lei-quadro da Educação pré-escolar; o decreto de lei nº 379/97 que estabelece as condições de segurança; o decreto de lei nº72-a/2014 que aprova o Estatuto das Instituições Particulares de Solidariedade Social; o despacho conjunto nº268/97 que apresenta as normas das instalações de pré-escolar; despacho conjunto nº 258/27 referente à escolha das instalações e do equipamento didático. O jardim-de-infância prevê o acolhimento de 75 crianças. Estas crianças encontram-se divididas pelas três salas:

- Sala 1 – crianças entre os 2 e os 3 anos;

- Sala 2 – crianças entre os 3 e os 4 anos;
- Sala 3 – crianças entre os 4 e os 5 anos.

Todas as salas têm saídas diretas para o exterior, as janelas são apenas até meio da parede o que não permite ter uma iluminação natural.

Desta valência fazem parte dos recursos humanos três educadoras de infância, quatro auxiliares de ação educativa e uma auxiliar de serviços gerais.

O edifício possui ainda duas instalações sanitárias para as crianças, uma para meninas e outra para meninos e uma instalação sanitária / vestiário para os adultos. O espaço físico do edifício conta ainda com um gabinete de pessoal, com um gabinete de coordenação e um vasto refeitório para todas as crianças com uma pequena cozinha de apoio. O exterior oferece um espaço amplo com relva, que pode igualmente ser um espaço educativo, devido às potencialidades que este pode oferecer.

3.2. Caraterização do grupo

A investigação foi realizada com um grupo de crianças de 3 anos, sendo este um grupo homogêneo no que respeita a idade. Deste grupo fazem parte vinte e cinco crianças uma educadora e uma auxiliar de ação educativa.

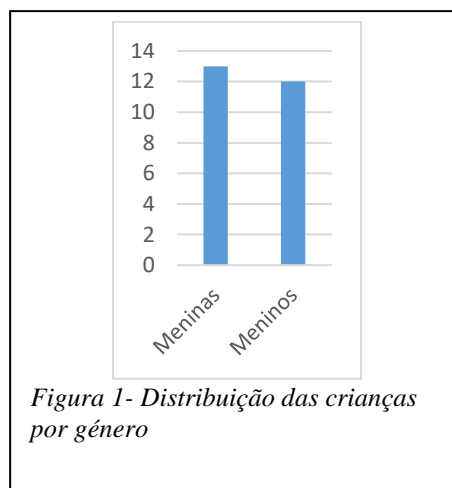
Todas estas informações foram retiradas dos processos individuais de cada criança.

Através da figura 1, é possível verificar que o grupo é constituído por 13 meninas e 12 meninos.

Estas vinte e cinco crianças, vieram todas da creche, treze delas permaneciam com esta educadora e as restantes doze estavam noutra sala com outra educadora. Quatro destas crianças necessitam de terapia da fala. Estas crianças são residentes na área do concelho da Amadora e são de nacionalidade portuguesa.

Devido à sua idade algumas ainda necessitam de ajuda nas refeições, apesar de já demonstrarem alguma autonomia.

Todas as crianças têm um agregado familiar onde a idade dos pais varia bastante, conforme se apresenta no gráfico seguinte.



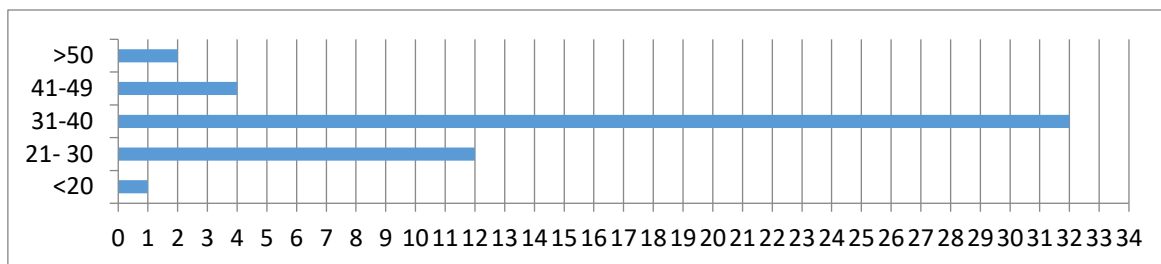


Figura 2 - Idade dos Encarregados de Educação

Conforme se verifica na figura 2, a idade dos encarregados de educação varia entre os 20 anos e os 40 anos, sendo que não há encarregados de educação com mais de 50 anos. Existem 4 pais com idades entre os 41 e os 49 anos e 12 entre os 21 e os 30 anos e apenas 1 tem menos de 20 anos.

As profissões são muito diversificadas, verificando-se um elevado número de encarregados de educação desempregados. A profissão predominante é administrativa (5), e de seguida é segurança (4). De seguida, com menos, existem o empregado de balcão (3), o motorista (3) e personal trainer (3). Existem dois técnicos de informática, dois enfermeiros, dois comerciais. Todas as outras profissões têm apenas um elemento (figura 3). O nível socioeconómico é médio, tendo em conta as profissões apresentadas na figura 3.

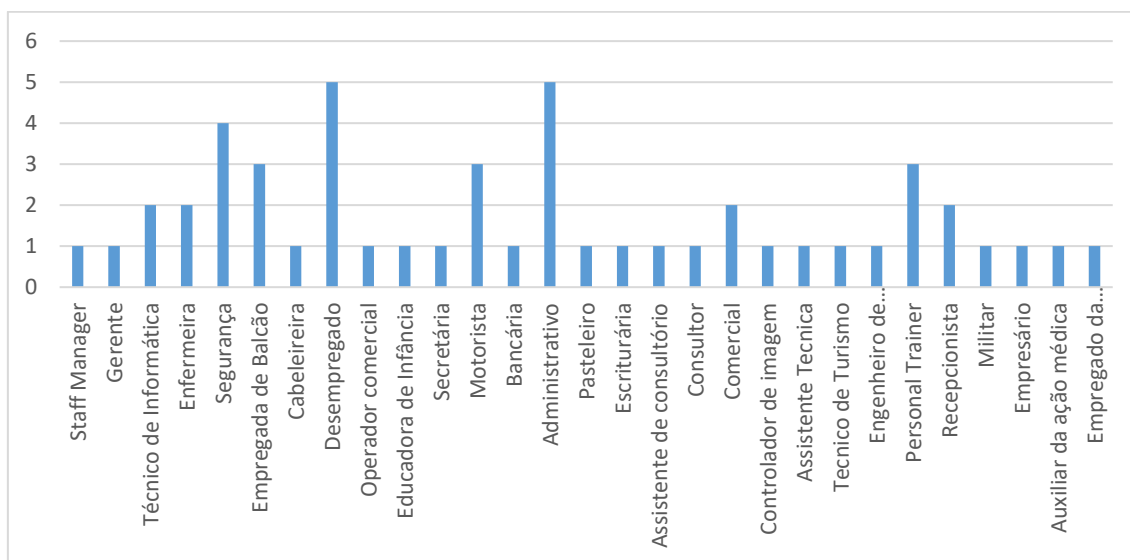


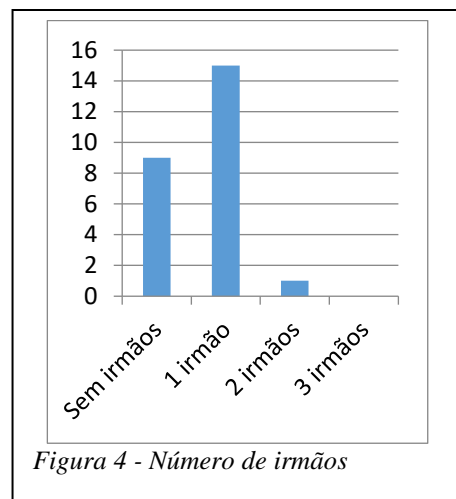
Figura 3 - Profissão dos Encarregados de Educação

Como é possível verificar na figura 4, existem 9 crianças que são filhas únicas.

Predominam as crianças com um irmão (15) e em último as crianças com dois irmãos (1).

Assim conhecendo as características do grupo é possível solicitar ajuda a algumas crianças para apoiar outras, acabando assim por servirem de modelo de referência, reforçando positivamente os seus comportamentos e atitudes, promovendo o espírito de entreaajuda, favorecendo “(...) uma aprendizagem cooperada em que a criança se desenvolve e aprende contribuindo para o desenvolvimento e aprendizagem das outras.” (Educação, 1997, p.36).

Só assim, respeitando as características de cada criança se constitui a base da promoção de novas aprendizagens, desta forma vai-se “(...) Favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança (...)” (Educação, 1997, p.15), usando para isso estratégias que permitam o desenvolvimento global da criança no respeito pelas suas características individuais, incutindo comportamentos que favoreçam, aprendizagens significativas e diversificadas, bem como proporcionar à criança ocasiões de bem-estar e segurança, nomeadamente no âmbito da saúde individual e coletiva. No âmbito do desenvolvimento integral da criança compete ao educador reconhecer a criança como sujeito indissociável do processo de aprendizagem.



3.3. Caraterização do ambiente educativo

A organização do ambiente educativo situa-se em três dimensões que se encontram interligadas sendo estas, a organização do grupo, do espaço e do tempo (Silva, Marques, Mata e Rosa, 2016). Toda esta organização vai fazer parte do desenvolvimento curricular. As crianças devem de ter à sua disposição diversos materiais, que se devem de encontrar organizados e distribuídos pelas diversas áreas aprendendo assim que existe um determinado tempo para cada área. Desta forma as crianças vão aprendendo a socializar com as outras crianças e mesmo com adultos adquirindo assim as regras existentes da sala de atividades. Esta interação social assenta no modelo socio-construtivista, que é uma teoria que se desenvolve baseando-se nos estudos de Vygotsky (Folque, 1999) sobre o

efeito da interação social da linguagem e da cultura. Segundo Vygotsky o conhecimento não é uma representação da realidade, mas um mapeamento das ações e operações conceituais que provam ser viáveis na experiência da criança. Desta forma a aprendizagem é um resultado adaptativo que tem natureza social, histórica e cultural. Tal como indicam as OCEPE “A educação pré-escolar é um contexto de socialização em que a aprendizagem se contextualiza nas vivências relacionadas com o alargamento do meio familiar de cada criança e nas experiências relacionais proporcionadas” (Silva, Marques, Mata e Rosa, 2016, p.24).

Assim sendo, é importante analisar a organização do tempo e do espaço de forma a compreender como está organizado o ambiente educativo, conforme se aprofunda de seguida.

3.3.1. Organização do tempo

O tempo educativo de uma sala de jardim de infância é flexível, assim sendo o tempo é de cada criança, do grupo de crianças e do educador, importa que haja uma organização do tempo decidida pelo educador e pelas crianças (Silva, Marques, Mata e Rosa, 2016).

De acordo com Formosinho (1996) a rotina diária é uma estrutura temporal flexível, consistente e estável, na qual a criança pode realizar muitas e variadas experiências, com segurança e sem ansiedade. A mesma autora indica que é uma estrutura da qual a criança, progressivamente aprende o próprio processo, isto é, o fluir de rotina, e onde define, apoiada pelo adulto, a sua agenda educacional.

O tempo educativo foi promovido de modo a que a criança participasse nas suas escolhas, proporcionando-lhes assim momentos, em que estas se sintam independentes e autónomas.

Porque o tempo é de cada criança, do grupo de crianças e do educador, importa que haja uma organização do tempo decidida pelo educador e pelas crianças (Silva, Marques, Mata e Rosa, 2016). O tempo educativo tem, em geral, uma distribuição flexível, embora corresponda a momentos que se repetem com uma certa periodicidade, a rotina diária.

A educadora cooperante procura na rotina diária, que o tempo educativo seja um tempo de experiências ricas e de interações enriquecedoras. Para tal, cria oportunidades

para atividades de pequeno e grande grupo ou individuais, promove interações criança/criança e criança/adulto, fomenta momentos em que a criança pode expor as suas intenções e colocá-las em prática, promove momentos de reflexão sobre as atividades desenvolvidas. Carecem oportunidades de experimentar ambientes diferenciados, culturais, como ir a visitas ao exterior.

Zabalza (1998), quando se refere aos dez aspetos chave da qualidade na Educação pré-escolar, indica que as rotinas estáveis devem ter um papel organizador das experiências quotidianas das crianças, ou seja, domínio do processo em que a rotina está no domínio do processo de aprendizagem (Zabalza, 1998). A rotina implica um quotidiano previsível, onde as crianças sabem o que podem fazer nos vários momentos do dia, o que lhes permite ter segurança e autonomia.

Os instrumentos de regulação utilizados na sala de atividades fazem parte do Movimento da Escola Moderna e ajudam a que as crianças saibam o que vão fazer, sendo estes: o plano do dia e o diário. O plano do dia que serve para planificar o dia, tal como o nome indica; e o diário semanal, que ajuda as crianças a registar o que vão fazer ao longo da semana. No entanto, existe uma rotina, que podemos considerar geral, na sala de atividades:

Horas	Momentos	Horas	Momentos
7h 30m/ 9h 00m	Acolhimento	12h 30m/12h 35m	Higiene
9h 00m/ 9h 45m	Reunião da manhã	12h 35m/13h 50m	Sesta
9h 45m/11h 15m	Atividades /áreas	14h /15h 30m	Atividades/áreas
11h 15m/ 11h 50m	Tempo livre	15h 30m/ 15h 40m	Higiene
11h 50m/ 12h 00m	Higiene	15h 45m/ 16h 15m	Lanche
12h 00m/12h 30m	Almoço	16h 15m/16h 30m	Higiene
		16h 30m/19h 00m	Atividades Extracurriculares

Figura 5 - Rotina diária

Para muitos educadores a definição de uma sequência diária é sinónimo de inflexibilidade. Cardona (1992), indica que mesmo quando não explicitada, acaba por estar sempre uma rotina que se repete e que por não ser devidamente refletida e explicitada, acaba por ser totalmente orientada pelo adulto, nem sempre correspondendo

É através desta rotina diária que as crianças aprendem a noção de tempo, segundo Hohmann “desde que tenha participado na sequência da rotina diária uma série de vezes e saiba o nome de cada uma das suas partes, a criança pode começar a compreender o horário do Jardim de Infância como uma série previsível de acontecimentos. Não precisa de depender de um adulto que lhe diga o que vai acontecer a seguir” (Hohmann, Banet, e Weikart, 1979).

A rotina acaba por permitir às crianças antecipar o que se passará a seguir e proporciona um grande sentido de controlo sobre aquilo que fazem em cada momento do seu dia pré-escolar (Hohmann & Weikart, 2009).

	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
9h/11h45	<ul style="list-style-type: none"> - Reunião da manhã e planificação em grupo - Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita 	<ul style="list-style-type: none"> - Reunião da manhã e planificação em grupo - Domínio da matemática 	<ul style="list-style-type: none"> - Reunião da manhã e planificação em grupo. - Domínio educação artística (subdomínio artes visuais) 	<ul style="list-style-type: none"> - Reunião da manhã e planificação de grupo. - Conhecimento do mundo (Culinária /ciências) 	<ul style="list-style-type: none"> - Reunião da manhã e planificação em grupo. - Domínio educação motora
11h45/14h	<p>Formação Pessoal e Social</p> <p>Higiene Almoço Sesta Higiene</p>				
14h/15h50	- Conhecimento do mundo	-Domínio educação artística (subdomínio dramatização)	- Domínio Educação artística (subdomínio expressão musical e dança)	- Trabalho projeto	- Reunião de avaliação da semana
16h	<p>Higiene lanche higiene</p>				
16h30	- Brincadeiras livres e atividades extracurriculares	- Brincadeiras livres	- Brincadeiras livres e atividades extracurriculares	- Brincadeiras livres	- Brincadeiras livres

29

Durante a semana as crianças têm as seguintes atividades extracurriculares: Ballet à quarta e sexta, e o inglês às terças-feiras e quintas-feiras. Ainda como atividade curricular têm o canto coral, que acontece às segundas-feiras e sextas-feiras.

3.3.2. Organização do espaço

A organização do espaço é feita pelo educador de modo a que as crianças se sintam motivadas. Todos os equipamentos e materiais disponíveis condicionam o modo como as crianças vão utilizar esse espaço e esses materiais para que as aprendizagens aconteçam. Os materiais são fundamentais para as aprendizagens das crianças e devem estar de acordo com a regulamentação para aspeto, do despacho conjunto nº 258/97 de 21 de agosto, que define os critérios a utilizar pelo estabelecimento de educação pré-escolar, quanto à escolha das instalações e do equipamento didático. Segundo as OCEPE “A escolha de materiais deverá atender a critérios de qualidade e variedade, baseados na funcionalidade, versatilidade, durabilidade, segurança e valor estético” (Silva, Marques, Mata e Rosa, 2016, p.26). Na sala de jardim-de-infância pode-se verificar que existe uma grande variedade de materiais em bom estado de conservação, de interesse para todas as crianças.

O ambiente de sala, enquanto contexto de aprendizagem, constitui uma rede de estruturas espaciais, de linguagens, de instrumentos e, finalmente, de possibilidades ou limitações para o desenvolvimento das atividades formadoras (Zabalza, 1987).

Os espaços educativos devem ir ao encontro das necessidades das crianças e apoiar os valores e objetivos dos educadores. As decisões tomadas sobre como delinear o espaço vão influenciar diretamente a qualidade da relação da criança com outras pessoas e com materiais de aprendizagem (Vasconcelos, 1997).

Vasconcelos (1997) indica que ao se fazer escolhas sobre o espaço educativo deve-se considerar três questões básicas:

- O espaço é seguro, saudável e adequado ao estágio de desenvolvimento das crianças?
- Como é que o espaço afeta as relações humanas entre as crianças, entre os adultos e as crianças e entre adultos?
- Como é que o espaço facilita a aprendizagem e desenvolvimento das crianças?

Entende-se que a sala está organizada de acordo com o estágio de desenvolvimento das crianças. Este permite que as relações que se estabelecem sejam enriquecedoras e logo facilitem a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças (Vasconcelos, 1997).

Como afirma Zabalza (1987), esta fala do espaço como uma estrutura de oportunidades e contexto de aprendizagem e significados:

O espaço na educação é constituído como uma estrutura de oportunidades. É uma condição externa que favorecerá ou dificultará o processo de crescimento pessoal e o desenvolvimento das actividades instrutivas. Será estimulante ou, pelo contrário, limitante, em função do nível de congruência em relação aos objectivos e dinâmica geral das actividades que forem colocadas em prática ou em relação aos métodos educacionais e instrutivos que caracterizem o nosso estilo de trabalho. (Zabalza, 1987 cit. por Zabalza, 1998, p.236)

No que respeita à organização, para conseguirem tomar decisões por elas próprias, as crianças precisam de desenvolver um sentimento de segurança com os educadores, pares e espaço. No entanto, para desenvolver este sentimento de segurança elas necessitam de estar familiarizadas e confortáveis com o meio que as envolve tanto interior como exterior. (Whitebread, Dawkins, Bingham, Aguda, & Hemming, 2008)

A sala de jardim de infância é ampla, com sete janelas não muito grandes pois só vão até metade da parede o que dificulta o acesso à luz natural. Tem também uma porta que é considerada saída de emergência. Nas paredes da sala estão expostos os trabalhos que as crianças vão realizando ao longo do ano. A imagem que se apresenta de seguida é a planta da sala de actividades. A legenda tem descrito as diferentes componentes da sala.

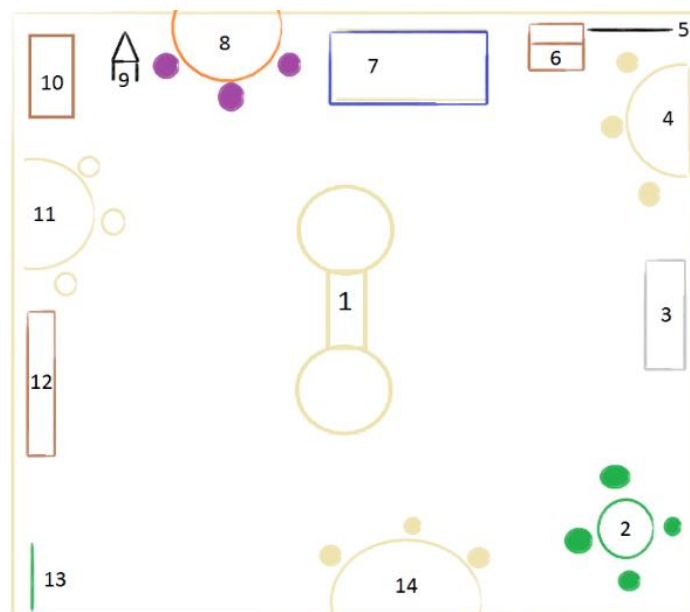


Figura 7 - Planta da Sala

Legenda:

- | | |
|----------------------------------|---------------------------------|
| 1- Mesa Polivalente | 8- Área da Expressões Visuais |
| 2- Faz-de-conta | 9- Cavalete |
| 3- Garagem e construções | 10- Ponto de água |
| 4- Área da Matemática e Ciências | 11- Área da escrita e oralidade |
| 5- Porta para o exterior | 12- Móvel dos Jogos |
| 6- Móvel de apoio | 13- Porta de entrada |
| 7- Biblioteca | 14- Área das Expressões Livres |

A sala possui nove áreas de trabalho, sendo elas: escrita e oralidade; expressões visuais; a biblioteca; matemática e ciências; a garagem e construções, o faz-de-conta; a expressão livre; os jogos e, por fim, a mesa polivalente.

Todas estas áreas estão identificadas, com o respetivo nome da área bem como o número de crianças que pode nela estar. Deste modo, para as crianças é uma forma de orientação e de estimular a escrita. De acordo com Sim-Sim, Silva e Nunes (2008)

O domínio do código alfabético obriga, não apenas à compreensão de que a linguagem escrita representa unidades da linguagem oral. (...) Assim, a natureza das relações entre a linguagem oral e a linguagem escrita faz com que a sensibilidade infantil à estrutura sonora das palavras se revele como uma competência importante

na aquisição da leitura e da escrita”. (p.53)

Assim a identificação das áreas bem como os outros elementos pertencentes à sala afigura-se importante na aquisição de competências de leitura e escrita.

Escrita e oralidade

Segundo Niza (1998), “a oficina da escrita, esta deve integrar a máquina de escrever e, sempre que possível, a prensa de Freinet ou o computador com impressora, o limógrafo ou qualquer dispositivo de reprodução de textos e de ilustrações”. Estes são materiais que não existem nesta área por motivos estruturais e de



Figura 8 - Escrita e Oralidade

verba. No entanto, nesta área as crianças têm à sua disposição os seguintes materiais: papel, canetas de feltro, lápis de cera, agrafador, furador, tesoura, lápis de carvão, borracha e alguns jogos para fazerem frases ou nomes. Esta área encontra-se apelativa para as crianças porque é o lugar onde por vezes elas imitam o adulto dizendo que estão a fazer o plano do dia.

Os materiais que constituem esta área são utilizados pelas crianças como objetivo de iniciar as crianças na escrita, estes estão dispostos de modo a que a criança seja autónoma e os possa utilizar livremente. Um envolvimento precoce com a linguagem escrita facilita a apropriação da funcionalidade da mesma (Mata, 2008).

Esta também é uma área onde, apesar de a educadora não o fazer, se pode expor textos enunciados pelas crianças e captados para a escrita pela educadora e as tentativas várias de pré-escrita realizadas neste espaço ou outro (Niza, 1998).

Área das expressões visuais

A área da pintura segundo Niza (1998) ou área das expressões visuais como é denominada na sala, integra os dispositivos para a pintura e desenho.

Apesar de aqui ser o local privilegiado para o desenho, este pode ocorrer também noutras áreas,



Figura 9 - Área das expressões visuais

como na área da matemática e das ciências, quando as crianças fazem o registo das suas conquistas.

Esta área está composta por um cavalete com várias tintas e pinceis. Tem também uma mesa onde as crianças brincam com a plasticina criando algo com que se identifiquem. Considero que esta área tem pouco material disponível para as crianças podendo ser enriquecida com mais materiais tais como: lãs; plasticina de várias cores (pois só existe plasticina verde), jornais, tecidos – todo o tipo de materiais que incentive a criatividade.

Área da biblioteca

Segundo Niza (1998)

A biblioteca, é um pequeno centro de documentação, dispõe geralmente de um tapete com almofadas que convidam à consulta dos documentos que aquela contém, para além de livros e revistas, tem trabalhos produzidos no âmbito das actividades e projectos das crianças que frequentam actualmente o jardim de Infância ou de outras crianças que já o frequentaram. É esta fonte de documentação que serve de apoio a grande parte dos projectos a realizar. O livro leva a criança a reconhecer, a identificar e a falar. A imagem que a criança reconhece num livro deve corresponder às suas necessidades fundamentais, deve falar-lhe da sua segurança afectiva e material, da sua necessidade de autonomia e descoberta, deve levá-la a interrogar e a interrogar-se.” (p.146)

A área da biblioteca dispõe de um tapete com duas almofadas no chão e diversos livros de vários temas tais como: dicionário de imagens, histórias, livros científicos. Apenas carece a falta de livros construídos pelas crianças e um dicionário. Contudo deveria de estar mais organizada, por exemplo em vez de os livros estarem em cima da mesa que acabam por estar sempre caídos, deveriam de estar colocados em cima da mesa na mesma, mas com um suporte de forma a permanecerem ao alto e seria pertinente ter os livros identificados pela sua natureza



Figura 10 - Área da Biblioteca

(histórias, enciclopédias...)

Área da matemática e ciências

Muitos dos métodos de abordagem à matemática pressupõe a criança como uma folha branca em que se pode escrever conhecimentos matemáticos (David Whitebread, 1996). David Whitebread (1996) defende que uma abordagem assim não só ignora o conhecimento que a criança já possui sobre a matemática, mas também assume que todas as crianças aprendem da mesma maneira, pela mesma ordem, e nas mesmas categorias. Se pretendemos ter sucesso na educação matemática das crianças, precisamos de olhar para elas como pessoas que pensam sobre as suas experiências e se constroem a partir delas; nós temos que esperar ver as crianças como pensadores matemáticos, capazes de desenvolver o seu raciocínio e para isso precisamos de lhes proporcionar experiências, das quais eles possam explorar a matemática por elas mesmas.

Saracho e Spodek (2008), chegam inclusive a afirmar que a matemática é mais do que a numeracia, partilhando a ideia de que a aprendizagem da matemática no jardim-de-infância não tem que ser apenas mecanizada e levada por um processo de memorização, é fundamental os educadores aproveitarem os diversos momentos da rotina para fazerem matemática, como por exemplo construir torres com diferentes alturas. Nesta linha de ideias, a área da matemática não fica por aqui. Ela acontece também na área das construções, ou na área do faz de conta quando as crianças têm de contar quantos são para a festa.

Nesta área existem bastantes jogos de matemática tais como: tangram; cubos; jogos de encaixe, jogos de enfiamentos entre outros. Quanto ao que respeita às ciências Niza (1998) diz que as ciências devem proporcionar atividades de medições e de pesagem experiências em ficheiros ilustrados, registo das variações climáticas (mapa do tempo) e materiais de apoio ao registo e observações e a



Figura 11 - Área da matemática e ciências

resolução de problemas no âmbito da iniciação científica. Esta área não apresenta muito material tendo só disponíveis seringas, copos plásticos e caixas de plástico o que no meu ver seria necessário melhorá-la. Existem materiais diversificados de valor reduzido que

despertam a criatividade e a curiosidade das crianças e a satisfazem tais como: Pinças, paus de médico, lanternas, espelhos, lupas entre outros que despertam a curiosidade das crianças e a faz sentirem-se realizadas pois conquistam novas descobertas. Fialho (2009) considera que uma área das ciências numa sala de jardim de infância é um espaço privilegiado de ciência, devendo mesmo existir uma área específica das ciências, pois aí as crianças têm acessibilidade a recursos, materiais que podem propiciar explorações e aumentar a sua curiosidade natural pelo mundo que os rodeia.

Área dos jogos

Os jogos desta área estão colocados num armário de fácil acesso às crianças. Existem vários jogos de puzzles com quantidades diferentes de peças, jogos de dominó e jogos de “Encontra o par”. Contudo nem sempre é uma área que se encontra arrumada, pois alguns jogos já se encontram com as caixas em mau estado o que dificulta a arrumação dos mesmos.

Esta área está intimamente relacionada com a área da matemática, apesar de estes jogos estarem noutra área. Uma vez que nesta área existem jogos de puzzles entre outros e na área da matemática e das ciências tem jogos mais específicos de trabalho matemático como o tangram e o geoplano. Apesar desta separação, esta área poderia ser nomeada como área da matemática e a área da matemática e das ciências ser focado apenas nas ciências.



Figura 12 - Área dos jogos

Área da garagem e construções

Niza (1998), refere que esta área serve para a construção e reprodução de construções. Nesta área a criança expressa livremente a sua criatividade, criando figuras e formas, descobrindo cores e tamanhos, obtendo deste modo um progressivo controlo da motricidade fina.



Figura 13 - Área da Garagem e construções

Nesta área existem diversos tipos de carros, de diversos tamanhos e material

estando assim bem constituída a nível de carros, sendo possível as crianças fazerem comparações com os diversos tamanhos de carros e visualizarem também como existem diversos materiais de que os carros podem ser feitos. Existe ainda uma garagem e legos de diversos tamanhos.

Área do faz de conta

Esta área é basicamente uma casinha, tem elementos que proporciona momentos em que elas procuram a imitação do adulto e a distribuição de papéis.

A área dos brinquedos, segundo Niza (1998) inclui atividades como “faz de conta” e jogos tradicionais de sala. É neste espaço que as crianças dispõem de uma arca das trapalhadas que guarda roupas e adereços que ajudam a compor as suas personagens para atividades de “faz de conta” e de projetos de representação dramática.

Segundo Mendes & Fonseca (1977) é pela imitação que a criança se apropria dos dados que justificam o seu desenvolvimento. Ao imitar os mais velhos, a criança forma-se e (trans)forma-se num ser social. A imitação torna-se então sinónimo de identificação e participação com os modelos sociais.

Esta é uma área que se encontra com diversos brinquedos que proporciona às crianças brincadeiras cheias de emoção. Elas brincam aos pais e às mães, vão às compras, vestem bebés, mascaram-se. Está área está repleta de brinquedos, tais como: uma cozinha, com diversos utensílios, uma cama, vários bonecos, um cesto com mudas de roupa, uma mesa, três bancos um carrinho de bebe entre outros. Todos estes brinquedos levam a criança ao lúdico e ao seu imaginário de forma livre e surpreendente trabalham o seu desenvolvimento da linguagem.



Figura 14 - Área do Faz-de-conta

Área das expressões livres

Nesta área apenas se encontra um castelo com alguns cavalos e bonecos e duas caixas de fantoches. Uma das caixas contém fantoches de dedo e a outra caixa fantoches de mão. A criança nesta área expressa-se de forma livre, inventam



Figura 15 - Área das Expressões Livres

diversas histórias.

Área polivalente

A área polivalente está no meio da sala e é constituída por diversas mesas e cadeiras. Nesta área faz-se o acolhimento da manhã, realizam-se as reuniões de conselho, e dá-se apoio à área dos jogos e também é utilizada para fazer trabalhos individuais ou de pequeno grupo.



Figura 16 - Área Polivalente

3.3.3. Organização social

A organização social de um grupo passa por lhes permitir ser autónomos, em que as regras, elaboradas e negociadas por todos, são compreendidas pelo grupo de crianças, permitindo uma progressiva autorregulação do comportamento. Ao participar na vida social do grupo, as crianças tornam-se capazes de tomar iniciativas e assumir responsabilidades, de modo a promover valores democráticos, tais como a participação a justiça e a cooperação, tornando-se independentes e autónomas (Silva, Marques, Mata e Rosa, 2016). Folque (1999) indica que “a organização do trabalho partilhada com as crianças permite que estas participem democraticamente e assim desenvolvam a cooperação, através de uma organização cooperativa do trabalho” (p.6).

No entanto, a construção da autonomia passa também por a criança ter consciência de si como aprendente, participando não só na organização social do grupo, mas também no desenvolvimento do processo de aprendizagem “em que as crianças escolhem o que querem fazer, fazem propostas e colaboram nas propostas do/a educador/a e das outras crianças, cooperam na elaboração de projetos comuns, sendo assim envolvidas no planeamento e avaliação da aprendizagem” (Silva, Marques, Mata e Rosa, 2016, p.37).

Tendo em conta que na sala de atividades o modelo pedagógico aplicado é o Movimento da Escola Moderna, este modelo dispõe e propõe um conjunto de instrumentos designados por “instrumentos de regulação” (Folque, 1999, p.8).

Assim, nas paredes da sala é possível observar que existem diversos instrumentos de regulação. Estes instrumentos facilitam o dia a dia na sala, ou seja, ajudam na organização social do grupo, sendo eles:

- **Mapa de tarefas** - exemplifica os responsáveis pelas tarefas do dia, e são escolhidos todos os dias;
- **Plano do dia** - que é mais um instrumento fundamental para que a criança possa participar no que quer fazer e para que todas fiquem a par do que se vai fazer na sala de atividades nesse dia;
- **Mapa de presenças** - é um quadro mensal de duas entradas, uma coluna com os dias da semana/mês e outra coluna com o nome das crianças, onde cada criança marca a sua presença,
- **Mapa do tempo** - é elaborado por duas crianças uma desenha o tempo e a outra coloca o papel no mapa.
- **Diário** – é semanal, e é composto por quatro colunas “Não gostamos”, “Gostamos”, “Fizemos” e “Queremos fazer”, neste instrumento a criança avalia a semana e participa no planeamento organizacional e pedagógico. Niza (1991), define o Diário como “a memória histórica e registo cultural de um grupo de alunos com o seu professor, ou de uma escola” (p.27)
- **Mapa de aniversários** – é um gráfico de barras, onde as fotografias das crianças estão expostas consoante o mês em que fazem anos. Para Vasconcelos (1997), o quadro de aniversários mostra a sucessão dos meses do ano e situa os aniversários das crianças em cada mês. Depois, cada mês está representado individualmente e cada criança tem o seu nome colocado no respetivo mês, acompanhado de um desenho.

Todos estes instrumentos de regulação ajudam a planificar, a gerir, assim como a avaliar, as atividades em que as crianças participaram.

4. Metodologia da Investigação

A metodologia utilizada baseia-se num método de investigação qualitativa. A investigação qualitativa centra-se na compreensão dos problemas, analisando os comportamentos, as atitudes ou os valores (Sousa e Batista, 2011).

Sousa e Batista (2011) dizem que este tipo de investigação caracteriza-se por maior interesse no processo de investigação por parte do investigador, este desempenha um papel fundamental a recolha de dados, tendo ainda que mostrar uma grande sensibilidade ao contexto onde está a decorrer a investigação. Ainda afirmam que esta investigação é holística, tendo em conta a complexidade da realidade, sendo uma investigação indutiva onde o investigador consegue desenvolver conceitos e chegar à compreensão dos fenómenos, através da recolha dos dados.

Toda a reflexão realizada ao longo da investigação foi fundamental para a construção do meu conhecimento no que diz respeito às relações sociais. Portanto esta investigação resultou da investigação da própria prática, que segundo Ponte (2002) “é por consequência um processo fundamental de construção do conhecimento sobre essa mesma prática e, portanto, uma atividade de grande valor para o desenvolvimento profissional dos professores que nela se envolvem activamente” (p.3).

Quando realizei esta investigação fui sempre questionando-me sobre a minha própria prática. É essencial refletirmos sobre a nossa ação pedagógica para compreender a nossa prática, portanto é necessário analisar e verificar a nossa própria prática, tal como Alarcão (2013) entende, “os professores desempenham um importante papel na produção e estruturação do conhecimento pedagógico porque refletem, de forma situada, na e sobre a ação que se gera entre a pessoa do professor e a pessoa do aluno, entre a instituição escola e a sociedade em geral” (p.176).

Estes saberes, ganhos pela reflexão, são resultados da nossa experiência ou de informação que possuímos, permitindo alcançar o objetivo deste estudo “Compreender as relações sociais numa sala de crianças de três anos”. Desta forma, este ciclo reflexivo, sobre a prática/reflexão, segundo Wallace (1991) conduz ao desenvolvimento da competência profissional. Para adquirir esta competência profissional, Ponte (2002) afirma que “a base natural para essa atuação tanto na sala de aula como na escola é a atividade investigativa, no sentido de atividade inquiridora, questionante e fundamentada” (p.2).

A pergunta de investigação para a base deste estudo é: “Como promover o

desenvolvimento das relações sociais numa sala com crianças de três anos?”.

4.1. Situar a Pesquisa

A temática abordada neste projeto de investigação centra-se na área de Formação Pessoal e Social, abordando as relações sociais que as crianças estabelecem com os adultos e com os seus pares, a criação das amizades entre pares, a resolução de problemas que dizem respeito às relações sociais e ainda como são compreendidos e expressos os sentimentos das crianças. Tendo como questão orientadora “Como promover o desenvolvimento das relações sociais numa sala com crianças de três anos?”. Após várias observações, este tema foi considerado pertinente, uma vez que se procura entender como se promovem as relações sociais na sala de jardim-de-infância e o que pode ser feito para as potenciar. Assim, faz-se o desenho da investigação onde se apresentam os momentos e o que foi realizado em cada um deles.

4.3. Desenho da Investigação

Neste desenho da investigação procura-se estruturar os diferentes momentos do estudo tendo em vista o objetivo proposto.

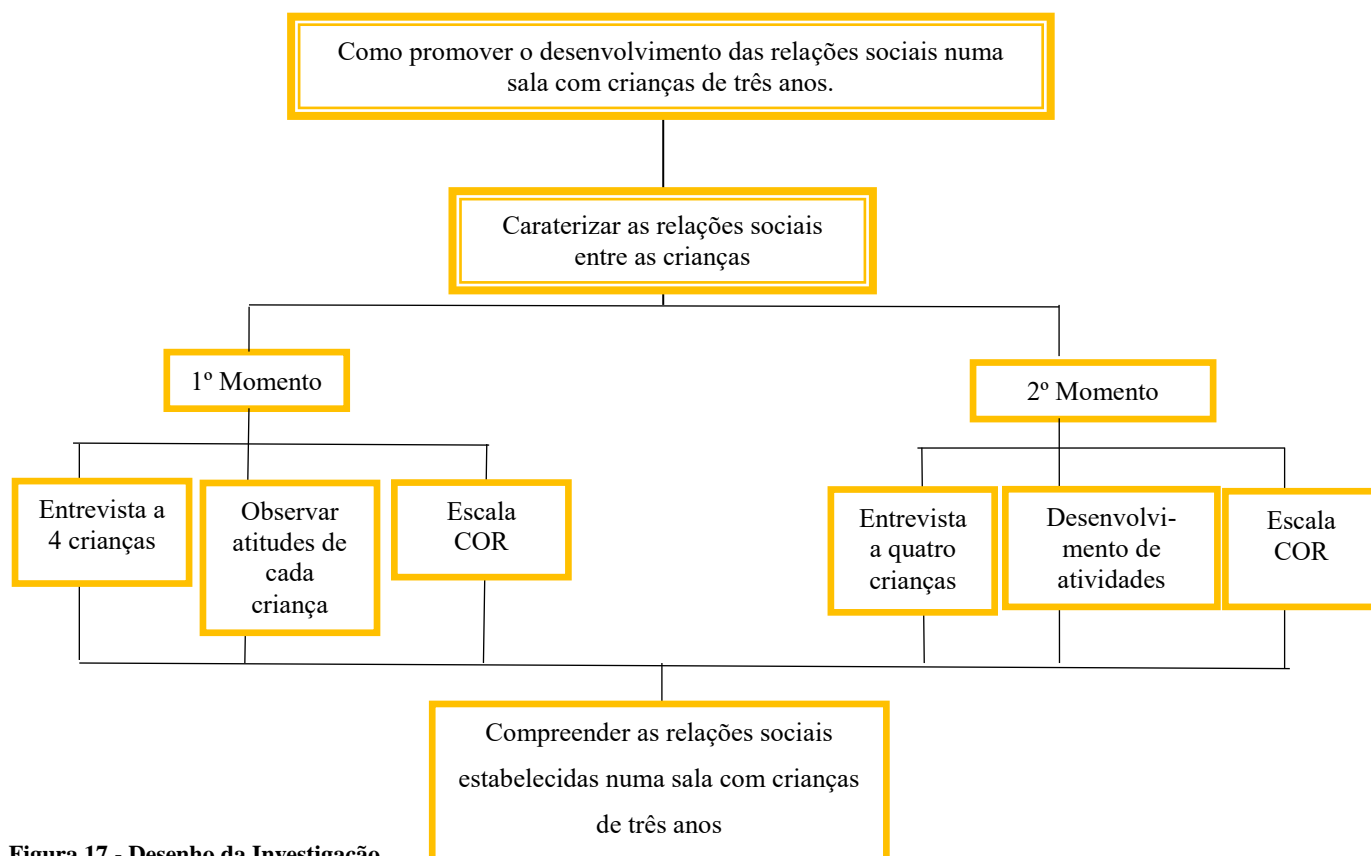


Figura 17 - Desenho da Investigação

4.2. Participantes

Esta investigação foi realizada num jardim-de-infância. A escolha dos participantes aconteceu no tempo de observação e identificaram-se as crianças para o estudo com base com abordagens distintas nas relações com os outros, possibilitando uma análise mais globalizante no que diz respeito à relação com os adultos, com as outras crianças, na expressão de sentimentos e criação de amizades. Esta sala era constituída por vinte e cinco crianças de três anos de idade, os participantes escolhidos para o estudo foram quatro elementos do grupo de crianças. Destas quatro crianças, três são meninas e um menino.

No entanto, saliento que a investigação só se realizou após autorização da direção da instituição e com a possível colaboração da educadora cooperante.

4.4. Técnicas de Recolha de Dados

Neste ponto apresentam-se as técnicas das recolhas de dados utilizadas na investigação. De acordo com Sousa e Baptista (2011, p.70) as técnicas de recolhas de dados são “o conjunto de processos operativos que nos permite recolher os dados empírico que são uma parte fundamental do processo de investigação:” também para Lima (2006, p.7): “a investigação é uma forma de aprender, de conhecer e até, de intervir na realidade”,

Neste estudo foram utilizadas diferentes técnicas para a recolha de dados: as entrevistas às crianças, Childhood Observation Record (COR), os registos de observação participativa e notas de campo.

No que diz respeito à observação esta é uma técnica de recolha de dados que implica a presença do investigador no local para recolha. Consideram-se dois tipos de observação: observação participante e observação não participante. Pode-se definir observação participante como aquela onde o investigador é o principal elemento de observação, uma vez que se investiga a própria prática. De acordo com Sousa e Baptista (2011) o investigador integra um meio a investigar, tendo acesso às perspetivas das pessoas que interage pois vive os mesmos problemas e as mesmas situações. Esta foi escolhida pois pretende-se promover as relações sociais estabelecidas numa sala com crianças de três anos de forma a responder à questão” como promover o desenvolvimento

das relações sociais numa sala com crianças de 3 anos. Afonso (2005) define a observação participante,

A observação é uma técnica de recolha de dados particularmente útil e fidedigna, na medida em que a informação obtida não se encontra condicionada pelas opiniões e pontos de vista dos sujeitos, como acontece nas entrevistas e nos questionários. (p.91)

Ainda se inclui a observação não participante uma vez que também se espera em encontrar acontecimentos onde o investigador não participa, ou seja, que seja um ator externo (Sousa e Baptista, 2011).

De forma a responder à necessidade de registar dados relativos à ação, as respostas que se obtém e as reações que se observam criam-se notas de campo. Assim, e segundo Máximo-Esteves (2008, p.88) “as notas de campo incluem: a) registos detalhados, descritivos e focalizados no contexto, nas pessoas (retratos), suas ações e interações (trocas, conversas), efetuados sistematicamente, respeitando a linguagem dos participantes nesse contexto, sendo o objetivo registar um pedaço da vida na sala de atividades, procurando estabelecer as ligações entre os elementos que interagem nesse contexto. b) material reflexivo, isto é, notas interpretativas, interrogações, sentimentos, ideias, impressões que emergem no decorrer da observação ou após as suas primeiras leituras. Através delas, o educador vê, ouve, experiência e medita sobre o que acontece à sua volta”. As notas de campo usadas foram de momentos considerados importantes para o estudo e que não se poderiam perder, fossem em brincadeiras nas áreas de trabalho da sala de atividades ou conflitos, sempre relacionadas com as relações sociais.

Ainda para enriquecer esta investigação utiliza-se a entrevista em dois momentos distintos realizada a quatro crianças. Esta constitui um importante instrumento de recolha de dados, de acordo com a natureza da pesquisa qualitativa. É um dos aspeto importante de um trabalho de investigação, na recolha de dados. Uma vez que esta recolha é fundamental e essencial para analisar e compreender a questão “Como promover o desenvolvimento das relações sociais numa sala com crianças de 3 anos”, para posteriores conclusões sobre o mesmo. Como afirma Ketele (1999) “a entrevista é um método de recolha de informações que consiste em conversas orais, individuais ou de grupos, com várias pessoas cuidadosamente selecionadas, cujo grau de pertinência, validade e fiabilidade é analisado na perspetiva dos objetivos de recolha de informações” (Sousa e Baptista, 2011, p.79). As entrevistas têm como objetivo recolher informação, para isso é

necessário construir o guião da entrevista de forma a ir ao encontro dos objetivos do estudo. O guião de entrevista é um instrumento que foi elaborado tendo em conta uma entrevista estruturada, uma vez que visa a abordagem dos temas às questões previamente determinadas e que são consideradas importantes para os objetivos do trabalho, tal como Afonso (2005) justifica que nas entrevistas estruturadas aquele que é entrevistado dá resposta às perguntas estabelecidas com um número limitado de categorias de respostas.

Para Sousa (2005),

A entrevista permite que, para além das perguntas que sucedem de modo natural e no decorrer da conversa, se efetuem os porquês e os esclarecimentos circunstanciais que possibilitam uma melhor compreensão das respostas, das motivações e da linha de raciocínio que lhes estão inerentes. (p.247)

4.5. Identificação dos instrumentos a usar

Para recolha de dados, recorreu-se ao instrumento Child Observation Record (COR), que permitiu uma observação mais focada nas relações sociais. Este instrumento foi criado para ser utilizado no curriculum no Modelo High/Scope com crianças em idade pré-escolar sendo possível fazer registos de observação diariamente quando as crianças desenvolvem as suas atividades em grupo ou individuais. Este instrumento foi construído por peritos investigadores e educadores deste modelo curricular para a avaliação individual das crianças.

Este modelo de avaliação, tem em conta uma observação cuidada, é efetuada através do trabalho de equipa, registos diários, planeamentos utilizando notas esclarecedoras diariamente. Estas avaliações são feitas através da observação, dos comportamentos das crianças e nas suas atividades pelos educadores e pela própria criança.

O COR é caracterizado por trinta dimensões importantes, está dividido por seis categorias de desenvolvimento: Iniciativa; relações sociais; representação criativa; música e movimento; linguagem e literacia e, por fim, lógica e matemática. Se em alguma das categorias de desenvolvimento não for possível corresponder ao COR, é porque é necessário fazer um reajuste de atividades ou materiais para que a criança possa fazer essa aprendizagem.

Neste estudo a categoria de desenvolvimento que foi utilizada foi a das relações sociais, que apresenta as dimensões de: relações com os adultos, relações com outras crianças, criação de relações de amizade com outras crianças, envolvimento na resolução de problemas de relações sociais e, por fim, compreensão e expressão de sentimentos. Apresenta-se detalhadamente estas dimensões, indicando os níveis correspondentes para cada:

- **Relações com adultos:**
 - (1) a criança ainda não interage com o adulto do programa;
 - (2) a criança responde quando adultos que lhe são familiares iniciam a interações;
 - (3) a criança inicia as interações com adulto que lhe são familiares;
 - (4) a criança mantém interações com adulto que lhe são familiares;
 - (5) a criança trabalha projeto complexos com adulto que lhe são familiares.

- **Relações com outras crianças:**
 - (1) a criança ainda não brinca com outras crianças;
 - (2) a criança responde quando outras crianças iniciam interações;
 - (3) a criança inicia interações com outras crianças;
 - (4) a criança mantém interações com outras crianças;
 - (5) a criança trabalha em projeto complexos com outras crianças.

- **Criação de relações de amizade com outras crianças:**
 - (1) a criança ainda não identifica o colega pelo nome;
 - (2) a criança identifica alguma das crianças pelo nome e fala a cerca delas ocasionalmente;
 - (3) a criança identifica um colega como amigo;
 - (4) a criança é identificada por um colega como amiga;
 - (5) a criança parece receber apoio social de um amigo e mostra lealdade ao amigo.

- **Envolvimento na resolução de problema de relações sociais:**
 - (1) a criança ainda não colabora com outros para resolver um conflito, em vez disso, foge ou usa a força;
 - (2) a criança encontra forma aceitáveis de obter a atenção dos outros;
 - (3) a criança requer a ajuda do adulto para a resolução de problemas com outras crianças;
 - (4) a criança tenta por vezes resolver os problemas com outras crianças de forma independente, pela negociação ou por outros meios socialmente aceitáveis;
 - (5) a criança resolver geralmente com autonomia problema com outras crianças.

- **Compreensão e expressão e sentimentos:**

- (1) a criança ainda não expressa ou verbaliza sentimentos;
- (2) a criança expressa ou verbaliza sentimentos, mas, por vezes, de modos socialmente inaceitáveis;
- (3) a criança demonstra consciência dos sentimentos dos outros;
- (4) a criança exprime geralmente dos sentimentos de forma aceitável;
- (5) a criança responde apropriadamente ao sentimento dos outros.

(High/Scope, s/d)

No total as categorias comportam trinta itens que se encontram classificados por alíneas. Estes itens estão classificados de 1 a 5, em que cada frase é definidora de um comportamento típico em que o observador escolhe o item adequado.

Para esta categoria do COR foram realizadas observações em dois momentos: o primeiro na parte inicial da investigação e o segundo no final de investigação, de forma a ser possível compreender se houve evolução nas crianças no que respeita às relações sociais.

O COR é usado para a avaliação da criança, como tal a criança deve estar inserida num contexto organizado, em volta do programa de desenvolvimento, onde estas são visualizadas a iniciar e a participar em diversas atividades e comportamentos.

A observação é o elemento principal deste instrumento de avaliação, é precisa e consegue-se tirar melhor partido do que os testes. A criança através dos testes pode demonstrar vergonha, ficar nervosa, pode não conseguir responder corretamente às questões, pode estar indisposta e pode mesmo não se sentir à vontade com o adulto (High/Scope, s/d).

Deste modo a observação é a mais fiável, deve ser feita por um longo período de tempo, onde será possível verificar se a criança está envolvida nas atividades da sala e se desenvolve as suas competências de forma natural sem estar a ser pressionada pelo adulto. No fim vai registar um retrato verdadeiro da criança, dando-lhe a oportunidade de melhoramentos na sua aprendizagem. Através destes registos de observação é ainda possível visualizar as reações das crianças para avaliar se o programa proporciona uma variedade de oportunidades e aprendizagens em diferentes áreas de desenvolvimento cognitivo, social e emocional. Nas atividades e na exploração de materiais pessoalmente significativos consegue-se ter uma noção mais ampla da sua compreensão e das suas capacidades.

Este instrumento de avaliação (COR) ajuda-nos a perceber o desenvolvimento das

crianças e avaliar o seu progresso, assim é possível verificar qual foi o progresso que a criança fez na categoria das relações sociais.

O COR tem diversas formas de avaliação:

- Avaliar o processo educacional de cada criança individualmente ou em grupo;
- O currículo em geral ou áreas específicas (pode abranger todos os aspetos do curriculum ou apenas certa áreas e itens no COR;
- Características específicas das crianças abordadas;
- Mudança ao longo do tempo- o COR pode ser utilizado para observar mudanças na criança ou no grupo. Cada ficha COR é destinada a ser usada três vezes com cada criança.

O educador pode apenas utilizar o COR como instrumento de avaliação, mas se achar necessário pode combinar com outros instrumentos tal como o Perfil de Implementação do Programa (PIP) que também faz parte do modelo HighScope.

A avaliação é entendida como um caminho para a aprendizagem. Godoi (2005), evidencia que a avaliação dará indicações ao educador sobre as crianças e de que forma poderá conduzir o seu trabalho de maneira a contemplar positivamente as necessidades, as solicitações e curiosidades das crianças, na medida em que, quando são avaliadas, reconhecemos as suas dificuldades, os seus sucessos e as diferenças entre elas.

Segundo Leite (2001, p.50), citando Ardoino & Berger (1986); Abrecht (1992), refere que avaliar é um processo organizativo de acompanhamento, de observação e de interpretação dos efeitos de uma ação, permitindo tomar decisões necessárias ao bom funcionamento dessa ação: “o que confere validade à avaliação é o facto de ser um processo de reflexão e de se abrir ao imprevisto”.

4.6. Etapas da Investigação

De seguida apresenta-se o cronograma das etapas de investigação: a conceção, o planeamento, a execução e a conclusão.

			Outubro	Novembro				Dezembro				Janeiro					Fevereiro
Fases do Projeto	Conceção	Negociação institucional	X														
		Seleção da problemática		X													
	Planeamento	Observação das crianças	X	X	X	X	X	X	X			X	X	X	X	X	
		Tomada de decisões		X													
		Elaboração do cronograma		X													
	Execução	Revisão Teórica	X	X	X	X	X	X	X			X	X	X	X	X	
		Atividades		X	X	X	X	X	X			X	X	X	X	X	
		Entrevistas			X	X									X		
		Observações	X	X	X	X	X	X	X			X	X	X	X	X	
		Registos fotográficos	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	
	Conclusão	Análise e resultados															X
		Revisão															X
		Entrega do relatório															X

Figura 18 - Etapas da investigação

5. Plano de ação no contexto educativo

5.1. Apresentação e justificação do plano de ação

O plano de ação está relacionado com a área de formação pessoal e social, e é centrado nas relações sociais dentro da sala de atividades.

Neste sentido a intervenção pedagógica procurou promover o desenvolvimento das relações sociais numa sala com criança de 3 anos.

As propostas de atividades aconteceram tendo em conta esta área de conteúdo, indo ao encontro dos temas preparados, assim como atendendo aos interesses emergentes das crianças. Ao longo do estágio foi desenvolvido um plano de ação onde estão contempladas diversas atividades que foram realizadas para promover as relações sociais entre as crianças de jardim de infância.

A primeira atividade desse plano de ação foi uma saída ao exterior, em que se procurou promover o respeito pelo outro, na organização a pares. É neste contexto que se promove a educação para a cidadania, aquela que forma pessoas responsáveis, autónomas, solidárias e que exercem os seus direitos e deveres, com respeito pelo outro, espírito democrático, pluralista, crítico e criativo (Silva, Marques, Mata e Rosa, 2016). Também nesta saída se procurou elementos correspondentes à estação do outono: apanhar folhas e troncos de árvores. Este percurso ofereceu oportunidades de relação com o outro fora do contexto de sala de atividades, uma vez que se promoveu o andar a pares e o respeito pelo outro no “comboio”, ou seja, respeito pelo grupo, sem ultrapassagens, promovendo a sua segurança e a dos pares. Foi uma atividade onde foi possível incentivar o respeito e a valorização do ambiente natural, social e paisagístico, numa perspectiva de educação para a cidadania.



Figura 19 - construção da árvore do outono

Com os elementos naturais trazidos do passeio, o grupo elaborou uma árvore de outono. As crianças sentaram-se no chão à volta do papel cenário e uma de cada vez foi colando as folhas e os ramos enquanto as restantes esperavam pela sua vez e incentivavam



Figura 20 - Árvore do Outono

a que estava a trabalhar. Assim promoveu-se a relação entre crianças, no fomento dos diálogos e na ajuda mútua. Nesta atividade procurou-se o respeito pela sua vez, o respeito pelo trabalho do outro, e o envolvimento em projetos complexos com o adulto, uma vez que este também participou. Este respeito pelo outro acaba por atender à responsabilidade social.

O dia Nacional do Pijama é um dia muito importante para que não esqueçamos que nem todas as crianças têm uma família. Esta causa consiste numa vertente, educativa e solidária e, portanto, é explicada às crianças a razão de irem de pijama. Durante a manhã realizou-se o jogo das cadeiras.



Figura 21 - Jogo da cadeira

Através das disputas pelas cadeiras e a frustração de sair do jogo, as crianças estiveram em situação de conflito e procurou-se que conseguissem exprimir os seus sentimentos ou compreender o dos amigos, de uma forma socialmente aceitável, onde se evita fazer birras ou gritar com o restante grupo, situações que aconteceram ao longo do jogo.

O tema que estava a ser explorado na sala de atividades pela educadora cooperante era sobre o corpo humano, foi explorado o género de cada uma das crianças através da construção de uma menina e de um menino. A seleção da criança para o desenho da silhueta foi feita através da colocação de peças de legos de cores diferentes correspondentes ao número de meninas e meninos respetivamente. A criança selecionada era a que tinha a peça amarela. Depois da explicação sobre o que iria acontecer uma das crianças aprontou-se para ajudar a ir buscar os materiais: os tecidos, e as revistas para escolherem e cortarem para construir a cara e vestir a menina.

Na construção das silhuetas, cada grupo de crianças foi responsável pelo seu género. Aqui procuraram-se momentos de respeito pelas opiniões dos outros, numa atitude de partilha; uma vez que, as meninas/meninos decidiram ao longo da construção

quem é que fazia o quê. As crianças tiveram oportunidade de, ao longo do trabalho, terem um desenvolvimento progressivo do espírito crítico, no trabalho em grupo, dando a sua opinião sobre os aspetos que aconteceram.

Ainda no tema do corpo humano, foram explorados os 5 sentidos. Este trabalho incluiu trabalho de equipa. Em pequenos grupos (3,4 e 5 elementos) foram distribuídas várias folhas com a imagem dos sentidos. As crianças tiveram que identificar o sentido associado à imagem, colorir, colocar a cola e colar na cartolina: este trabalho foi organizado pelas crianças do pequeno grupo responsável pelo sentido. Assim, nesta atividade procurou-se promover as seguintes aprendizagens: respeito pelos outros e pelas suas opiniões, solidarizar-se com os outros, desenvolver uma atitude crítica e interventiva relativamente ao que estava a acontecer.

A atividade que se segue surgiu devido ao aparecimento de um elemento novo na sala: um rato da Índia, que foi deixado na entrada do jardim de infância. A educadora cooperante levou-o para a sala, adotando este animal. O desafio lançado foi a escolha do nome para o rato. Cada criança disse um nome, assim como nós adultos, e fomos à votação, ou seja, cada criança teve direito a votar no nome que queria para o rato existindo uma oportunidade de escolha democrática. Depois de todos darem a sua opinião, fizemos a contagem dos votos. O nome que foi mais foi “pipoca”, por isso mesmo, o rato ficou com o nome de “pipoca”. Nesta atividade foi dada a oportunidade de crianças e adulto se envolverem num projeto, e trabalharem em conjunto, de forma democrática, para encontrarem o nome.

A atividade seguinte teve origem na entrevista que foi realizada a quatro crianças do grupo. Uma das perguntas consistia em “quais são as regras na sala” e a resposta de todos foi que não sabiam quais eram as regras. Esta pergunta tinha o intuito de compreender se os comportamentos apresentados eram orientados por regras estabelecidas pelo grupo, mesmo que estas não estivessem registadas na sala o que não acontecia, pois, as crianças desconheciam o termo. Daqui surgiu a necessidade de esclarecer este conceito e levou-se esta dúvida ao grande grupo. Apesar de saberem o que podem ou não podem fazer na sala, não associavam isso a regras e, portanto, construiu-se dois placards um que regista “O que podemos fazer” e o outro “O que não podemos fazer”. Procurou-se assim, mais uma vez, através destes placards, promover as relações sociais saudáveis que devem de existir na sala de atividade. Tal como Roberts (2004, p.144) afirma “o processo de desenvolvimento pessoal e social das crianças é, essencialmente, interativo, envolvendo relações e interações com as outras pessoas”.

Cada criança disse pelo menos uma regra que foi registada. Algumas não eram válidas porque se baseavam em regras fora da sala de atividades e a procura das regras eram do interior da sala. Todos puderam participar e mesmo discutir entre elas.

Os placards foram construídos ao redor da mesa polivalente. Coloquei as duas cartolinas em cima da mesa, as fotografias e a cola. Começamos pelo placard “do que não podemos fazer na sala e de seguida elaboramos “o que podemos fazer na sala”.

Escrevi o título e comecei a mostrar foto a foto, as crianças foram dizendo o que significava a foto, dei-lhes a cola, uma colocava a cola na foto e outra colava sempre a fazer lembrar que não se fala todos ao mesmo tempo, era preciso colocar o dedo no ar e assim eu fui pedindo a quem tinha o dedo no ar para falar, esta aquisição da relação social não foi logo conseguida, pois só depois de perceberem que eu só permitia que falassem as crianças que tinham o dedo no ar é que começaram todos a fazê-lo. Quando acabamos os placards fizemos novamente em grupo uma reflexão sobre cada regra reforçando assim para que são necessárias as relações sociais numa sala de jardim de infância.

5.2. Planificação Global

Apresenta-se de seguida a teia de planificação.

5.3. Apresentação global do plano de ação

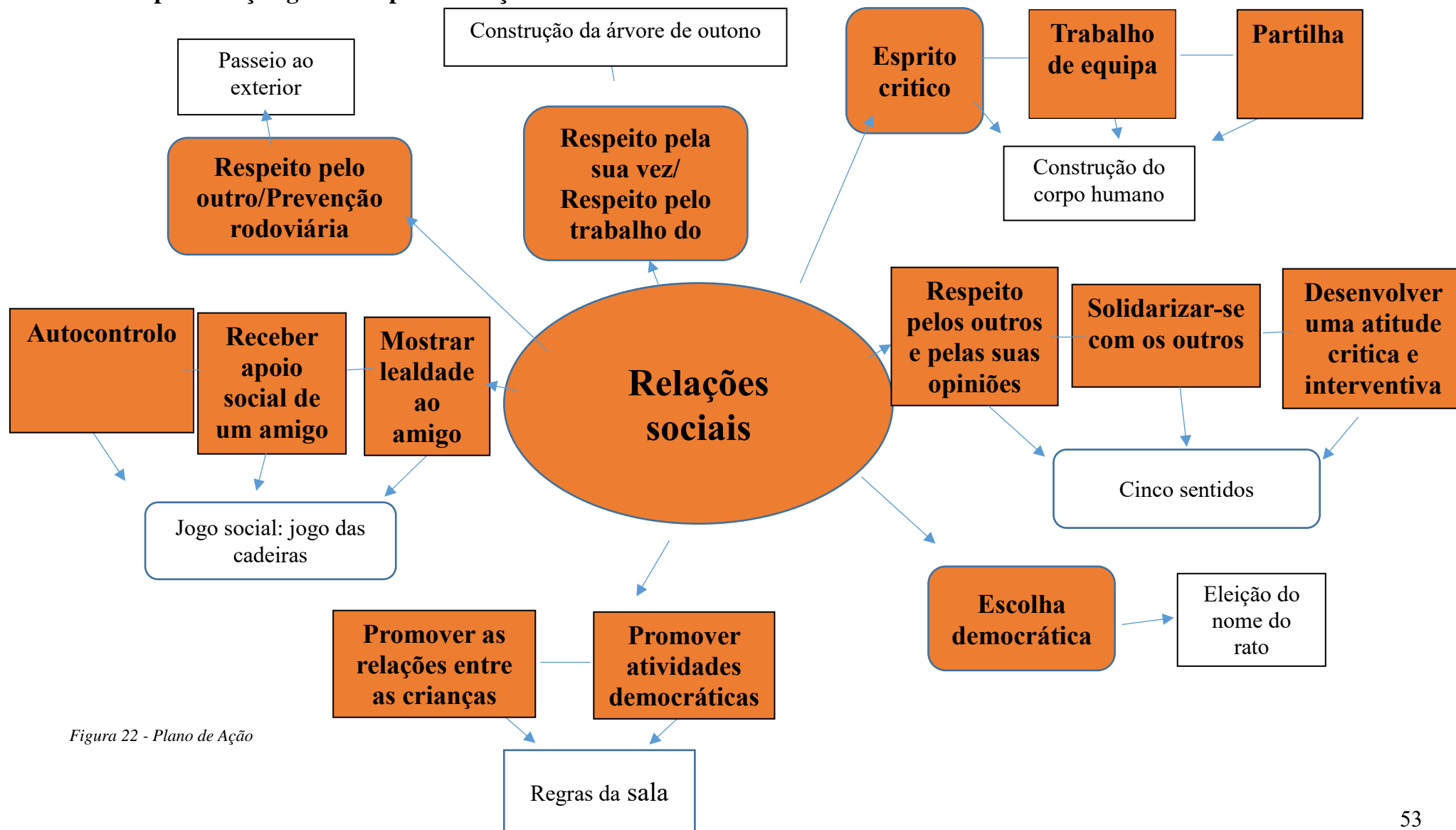


Figura 22 - Plano de Ação

6. Apresentação dos resultados obtidos

Nesta parte do trabalho de investigação apresenta-se a análise dos dados bem como a discussão dos resultados obtidos. Tendo em conta dimensões do estudo, faz-se um exame a todos os dados recolhidos e uma análise interpretativa dos mesmos.

Verificou-se que existem relações sociais positivas entre as crianças, isto é, as crianças têm relações com adultos, brincam com os pares resolvendo problemas com autonomia quando surgem e as relações que se criam de amizade são suportadas pela compreensão e expressão de sentimentos por ambas as partes; no entanto, por vezes, isso não acontece.

A análise dos dados é feita através de categorias para melhor compreensão dos resultados. Assim, apresenta-se as categorias: relação com adultos, relação com outras crianças, criação de relações de amizade, resolução de problemas e compreensão e expressão de sentimentos – que estão relacionadas com o COR – e ainda uma última categoria para analisar a regulação das interações do grupo. Apresentam-se detalhadamente as dimensões das relações sociais, apresentadas naquele instrumento, indicando os níveis correspondentes para cada:

- Relações com adultos:
 - (1) a criança ainda não interage com o adulto do programa;
 - (2) a criança reponde quando adultos que lhe são familiares iniciam a interações;
 - (3) a criança inicia as interações com adulto que lhe são familiares;
 - (4) a criança mantém interações com adulto que lhe são familiares;
 - (5) a criança trabalha projeto complexos com adulto que lhe são familiares.
- Relações com outras crianças:
 - (1) a criança ainda não brinca com outras crianças;
 - (2) a criança responde quando outras crianças iniciam interações;
 - (3) a criança inicia interações com outras crianças;
 - (4) a criança mantém interações com outras crianças;
 - (5) a criança trabalha em projeto complexos com outras crianças.
- Criação de relações de amizade com outras crianças:
 - (1) a criança ainda não identifica o colega pelo nome;
 - (2) a criança identifica alguma das crianças pelo nome e fala a cerca delas ocasionalmente;
 - (3) a criança identifica um colega como amigo;
 - (4) a criança é identificada por um colega como amiga;
 - (5) a criança parece receber apoio social de um amigo e mostra lealdade ao amigo.

- Envolvimento na resolução de problemas de relações sociais:
 - (1) a criança ainda não colabora com outros para resolver um conflito, em vez disso, foge ou usa a força;
 - (2) a criança encontra forma aceitáveis de obter a atenção dos outros;
 - (3) a criança requer a ajuda do adulto para a resolução de problemas com outras crianças;
 - (4) a criança tenta por vezes resolver os problemas com outras crianças de forma independente, pela negociação ou por outros meios socialmente aceitáveis;
 - (5) a criança resolver geralmente com autonomia problema com outras crianças.

- Compreensão e expressão de sentimentos:
 - (1) a criança ainda não expressa ou verbaliza sentimentos;
 - (2) a criança expressa ou verbaliza sentimentos, mas, por veze, de modos socialmente inaceitáveis;
 - (3) a criança demonstra consciência dos sentimentos dos outros;
 - (4) a criança exprime geralmente dos sentimentos de forma aceitável;
 - (5) a criança responde apropriadamente ao sentimento dos outros.

(High/Scope, s/d)

Em todas as categorias os dados apresentados dizem respeito às observações registadas pelo COR, na categoria das relações sociais, às entrevistas realizadas às crianças em ambos os momentos e as notas de campo registadas ao longo da investigação. Na análise das categorias, existem quatro categorias onde foi possível a análise com base nas duas entrevistas realizadas às crianças, sendo elas: a criação de relações de amizade com outras crianças, a compreensão e expressão e sentimentos, a regulação das interações do grupo e a relações com outras crianças. Em duas das categorias, as suas análises foram realizadas recorrendo à segunda entrevista, sendo elas: a relações com adultos e a envolvimento na resolução de problemas de relações sociais.

As categorias são apresentadas e analisadas de forma a facilitar a compreensão dos resultados obtidos. Para tal, sistematizou-se as respostas analisando-as e articulando-as com a respetiva revisão da literatura apresentada nos capítulos anteriores.

Relação com os adultos

A relação com os adultos é avaliada através de cinco níveis distintos: (1) a criança ainda não interage com o adulto do programa; (2) a criança responde quando adultos que lhe são familiares iniciam a interações; (3) a criança inicia as interações com adulto que lhe são familiares; (4) a criança mantém interações com adulto que lhe são familiares; (5)

a criança trabalha projeto complexos com adulto que lhe são familiares. Estas avaliações são feitas com base em observações registadas que dizem respeito à relação com os adultos.

Assim na relação com os adultos, os resultados das observações do COR (Figura 21) apontam, na primeira observação, que a Camila inicia interações com adultos (nível 3), apresentado esta o nível mais baixo. O Xavier e a Joana conseguem manter relações com os adultos (nível 4) e a Clara trabalha em projetos complexos (nível 5). Na segunda observação verifica-se que existiu evolução no Xavier e na Camila enquanto a Clara e a Joana mantiveram o nível.

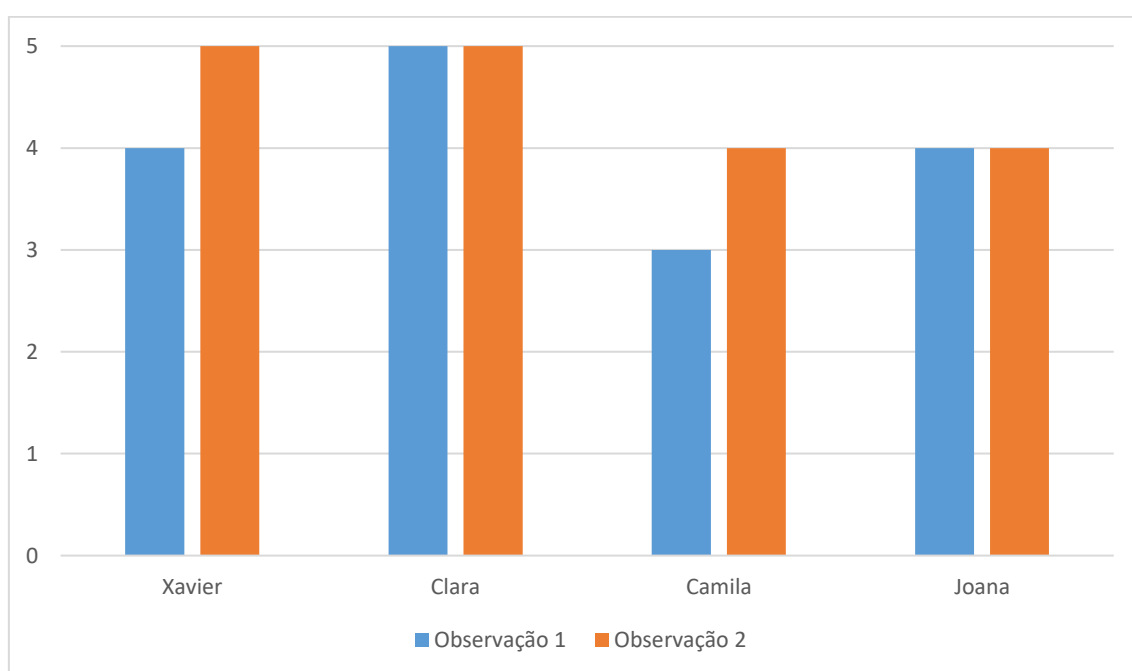


Figura 23 - E. Relações com adultos

O Xavier, na primeira observação situava-se no nível 4, onde mantinha interações com adulto que lhe são familiares. Na segunda observação evolui para o nível 5 em que trabalha projetos complexos com adulto que lhe são familiares.

Na primeira observação enquanto se abordava a história do corpo humano referiu que aquelas informações também estavam no livro do corpo humano que ele tinha em casa, mostrando que mantém interação com os adultos nesta comunicação que realizou. Na segunda observação, o grupo estava no tapete e todos estavam a falar ao mesmo tempo. Para ajudar o adulto o Xavier “*Não se pode falar assim, pois não? Tem de ser um de cada vez.*”. Ao que o adulto respondeu “*Tens razão Xavier, assim é uma grande*

confusão.” e a criança disse *“Eu vou esperar pela minha vez”* (Nota de campo, 6 de janeiro de 2016), virando-se para o restante grupo e pedindo para se calarem porque não dava para ouvir ninguém. Aqui a criança partilhou o trabalho com o adulto, realizando trabalho em projetos complexos com os adultos.

Na entrevista realizada ao Xavier corrobora-se esta presença de trabalho com os adultos, bem como o seu gosto pelo mesmo. Depois de identificar os adultos da sala, o mesmo afirmou que gosta de fazer jogos e trabalhos com os adultos.

“Quem são os adultos da sala?”

- És tu, a Rosa e a Sandra.

O que gostas de fazer com os adultos da sala?

-Gosto de fazer trabalhos rápidos e jogar o jogo dos ursos com uma de vocês. “

Segunda entrevista ao Xavier

Outra criança que demonstra evolução na relação com os adultos é a Camila, que na primeira observação estava no nível 3, onde iniciava interações com adultos, mostrando ao adulto o jogo que tinha construído (Nota de campo, 17 de outubro de 2016). Na segunda observação manteve interações com adultos que lhe são familiares, passando para o nível 4, pois quando o grupo estava sentado no tapete, a reforçar as regras a Camila entrevistou e disse ao adulto *“Eu já trouxe um diospiro para partilhar com os amigos, não foi Sofia?”* (Nota de campo, 4 de janeiro de 2017). Na entrevista realizada a Camila demonstra que a sua relação com os adultos da sala é para completar os desafios das atividades que são propostas mantendo uma relação de interação com os adultos, não mostrando interesse na iniciação de projetos complexos com os mesmos.

“Quem são os adultos da sala?”

- Sofia, a Sandra e a Rosa.

O que gostas de fazer com os adultos da sala?

- Fazer os trabalhos que mandam.”

Segunda entrevista à Camila

A Joana manteve-se no mesmo nível 4 em ambos os momentos de observação, ou seja, mantém interações com adultos que lhe são familiares. Na primeira observação a Joana foi ter com o adulto e contou que na casa dela da Amadora, tem muitas bonecas como aquela da história na biblioteca, e questionou o adulto se queria ir ver a história. Já na segunda observação, durante a reunião da manhã a Joana disse espontaneamente para o adulto: *“Sofia na sala não se corre, nem se bate aos amigos, só damos beijinhos. Se batermos eles fazem o mesmo a nós”* (Nota de campo, 4 de janeiro de 2017). Apesar de a Joana ter-se mantido no nível quatro, ainda não demonstra interesse em iniciar projetos complexos com os adultos, pois afirmou na entrevista que com os adultos apenas gosta de fazer os trabalhos orientados.

“Quem são os adultos da sala?”

-A Rosa, a Sandra e a Sofia.

O que gosta de fazer com os adultos da sala?

-Gosto de fazer todos os trabalhos que os adultos mandam.”

Segunda entrevista da Joana

Também a Clara se manteve no nível 5, ou seja, trabalha em projetos complexos com adultos que lhe são familiares. São exemplos: na primeira observação a Clara estava a fazer um trabalho na área da oralidade e escrita e notou que lhe falta a cola, foi ter com o adulto e perguntou onde estava a cola, ao que o adulto respondeu à Clara para ir a outra sala buscar a cola, utilizar, e depois devolver; ao que ela procedeu (Nota de campo, 7 de dezembro de 2016). Na segunda observação quando a Terapeuta entrou na sala, a Clara foi chamá-la para ver o seu desenho, e disse-lhe *“Queres fazer comigo?”* (Nota de campo, 12 de janeiro de 2017).

Na entrevista à Clara verificou-se que ela gosta de se envolver em trabalhos complexos com os adultos, pois afirma que gosta de ajudar a fazer as tarefas necessárias e ouvir histórias.

“Quem são os adultos da sala?”

- A Sandra, a Rosa e tu.

O que gosta de fazer com os adultos da sala?

- Ajudar, gosto de pôr a mesa e ouvir histórias contigo.”

Segunda entrevista da Clara

Também nas notas de campo registadas foi possível verificar esta vontade da Clara de participar em projetos com os adultos. Na elaboração da silhueta na atividade do corpo humano, a Clara ajudou o adulto aprontando-se para ajudar a ir buscar os materiais necessários: os tecidos, e as revistas para escolherem e cortarem para construir a cara e vestir a menina (Nota de campo, 23 de novembro de 2016).

Relação com outras crianças

A relação com outras crianças é avaliada em cinco níveis, sendo eles: (1) a criança ainda não brinca com outras crianças; (2) a criança responde quando outras crianças iniciam interações; (3) a criança inicia interações com outras crianças; (4) a criança mantém interações com outras crianças; (5) a criança trabalha em projeto complexos com outras crianças. Estas avaliações são feitas com base em observações registadas que dizem respeito à relação com outras crianças.

No que se refere à relação com as outras crianças, os resultados das observações do COR (figura 22) apontam para: na primeira observação podemos verificar que a Clara e a Joana estão no nível 4, ou seja, mantêm interações com as outras crianças, sendo que na segunda observação ambas passaram para o nível 5, isto é, trabalham em projetos complexos com outras crianças. A Camila na primeira observação, está no nível 3, pois inicia interações com as outras crianças e na segunda observação manteve-se no mesmo nível. O Xavier está no nível 5, em ambas as observações, pois trabalha em projetos complexos com outras crianças.

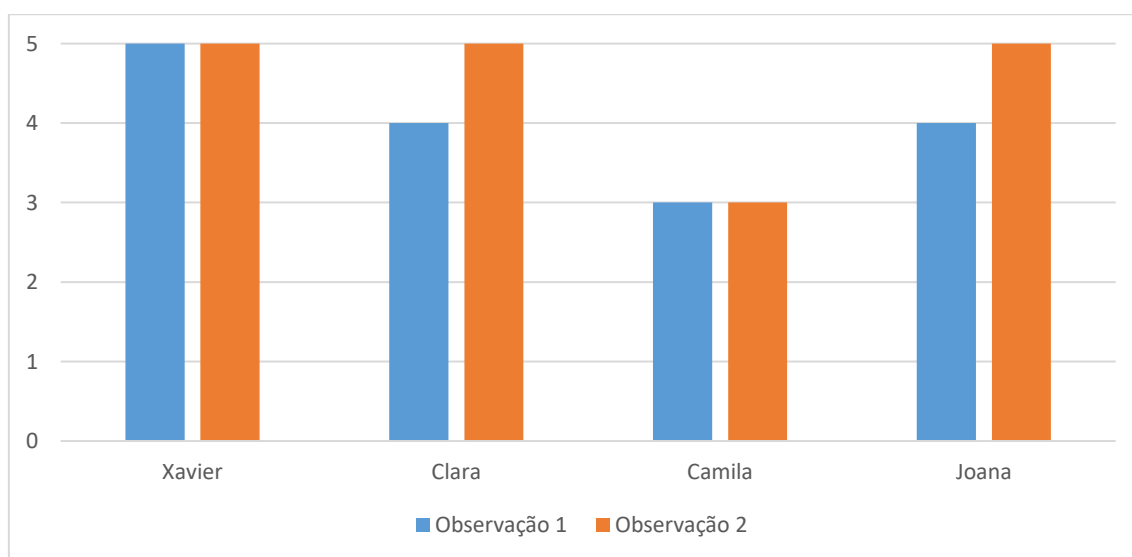


Figura 24 - F. Relações com outras crianças

Deste modo é possível visualizar que o Xavier se manteve no mesmo nível da primeira observação, nível 5, ou seja trabalha em projetos complexos com outras crianças. Na primeira observação, do COR, o Xavier estava na área das construções e convidou o Gabriel para o ajudar a contruir um castelo para os animais que não têm casa, ambos foram buscar as peças grandes e pequenas e iniciam a construção. Aqui o Xavier demonstrou que consegue trabalhar em projetos complexos com outras crianças. Na segunda observação após a confeção do bolo, o Xavier andava pela sala a dizer aos amigos que tinham de falar baixo para o bolo poder crescer (Nota de campo, 5 de dezembro, 2016) continuando assim a trabalhar em projetos complexos com os seus pares.

Na entrevista que foi realizada ao Xavier na questão de partilhar os brinquedos na primeira entrevista o Xavier deu como resposta que não partilha brinquedos exceto com um amigo específico.

“Gostas de partilhar os teus brinquedos?”

- Não, só com o Valentim.”

Primeira entrevista ao Xavier

Na segunda entrevista houve uma evolução do Xavier em relação ao emprestar os brinquedos. Este já afirmou que partilha com os outros, porque o emprestar é recíproco e identifica os amigos que o fazem.

“E gostas de os emprestar aos amigos? Porquê?”

- Sim, gosto. Porque eles também me emprestam os deles a mim.

Quem são os teus amigos aqui na sala?

- O Gabriel, o Pedro e a Matilde, porque são fixes emprestam-me os brinquedos.”

Segunda entrevista ao Xavier

Apesar de as observações do COR apontarem para o nível 5, no trabalho em projetos complexos com outras crianças, nas entrevistas o Xavier demonstrou evolução na vivência nas relações com os seus pares. Nas notas de campo observou-se, durante a elaboração do livro dos cinco sentidos um conflito. Depois de terem acordado quem iria

pintar o quê o Xavier interveio com o seu parceiro e disse “*os lábios são vermelhos, não são castanhos vai ao espelho ver*” (Nota de campo, 29 de novembro de 2016). O Xavier teve uma atitude crítica e interventiva ao ajudar o par a compreender os elementos do corpo humano, mas também, mais uma vez, mostra a sua capacidade em conseguir participar em projetos complexos com o pares.

A Camila também foi uma das crianças que se manteve no mesmo nível 3, isto é, inicia interações com outras crianças, do COR nas duas observações efetuadas. Na primeira observação a Camila durante a brincadeira livre na rua perguntou à Matilde se queria ir brincar às fadas (Nota de campo, 6 de outubro, 2016). É possível verificar que a Camila inicia interações com as outras crianças tal com o fez na segunda observação do COR: a Camila desenhou as nuvens e perguntou ao Gabriel se achava que estava bem (Nota de campo, 5 de janeiro, 2017).

Em ambas as entrevistas realizadas à Camila foram colocadas as mesmas questões. Na primeira entrevista, não partilhava os brinquedos, ainda com sentimento egocêntrico em relação aos mesmos.

“Gostas de partilhar os teus brinquedos?”

-Não, porque são meus.”

Primeira entrevista à Camila

Na segunda entrevista a mesma questão foi colocada à Camila e não houve alteração nenhuma na sua resposta. Mesmo quando questionada para identificar os seus amigos apenas identifica um, mostrando dificuldade em conseguir manter relações com os seus pares.

“E se trouxesses gostavas de os emprestar aos amigos? Porquê?”

Não, porque são meus.

Quem são os teus amigos aqui na sala?

- O Rodrigo.”

Segunda entrevista à Camila

A Camila nas observações do COR inicia interações com as outras crianças (nível 3), mas nas entrevistas, tal como se verifica, ela não gosta de partilhar os seus brinquedos

com os pares, o que não significa que ela não brinque com os outros, mas sim que ela ainda tem dificuldade em partilhar. Exemplo disto é a observação realizada e registada nas notas de campo durante a realização da árvore do outono onde a Camila, na sua elaboração trabalhou em conjunto com outras crianças e disse “*tens que carregar mais na folha porque se não, não cola*” (Nota de campo, 4 de novembro, 2016) demonstrando que consegue relacionar-se com os outros e partilhar tarefas seguindo regras.

A Clara demonstrou uma evolução da primeira observação, em que estava no nível 4, ou seja, matinha interações com outras crianças, para a segunda observação, que está no nível 5, pois trabalha em projetos complexos com outras crianças.

Na primeira observação na área do faz de conta a Clara distribuiu as tarefas por cada um dos amigos, elaborando uma brincadeira onde ela é a mãe e orienta os outros: uns deitaram-se na cama para dormir, outros fingiram ir às compras e outros sentaram-se na mesa para lancha (Nota de campo, 28 de novembro, de 2016). É assim possível verificar que esta criança mantém interações com as outras crianças, estando no nível 4.

Na segunda observação a Clara estava na área dos jogos e como não conseguia montar o puzzle, pediu ao Rodrigo se a podia ajudar (Nota de campo, 13 de janeiro, 2017). Deste modo podemos verificar que esta criança trabalha em projetos complexos com as outras crianças passando assim de para um nível 5, ou seja, trabalha em projetos complexos com outras crianças.

Em relação às entrevistas as questões colocadas foram iguais na primeira e na segunda entrevista para visualizarmos se existe alguma alteração na criança. Na primeira entrevista ela indica que gosta de partilhar os brinquedos com os pares.

“Gostas de partilhar os teus brinquedos?”

- Sim. Gosto de mostrar aos outros.”

Primeira entrevista à Clara

Na segunda entrevista a mesma questão foi colocada à Clara e a resposta manteve-se. Quando questionada sobre os seus amigos da sala de atividades identificou um par com quem tem preferência nas suas brincadeiras.

“E gostas de emprestar aos amigos? Porquê?”

- *Sim, empresto. Porque quero.*

Quem são os teus amigos aqui na sala?

- *A Joana, porque eu gosto muito dela.*”

Segunda entrevista à Clara

Esta criança demonstrou uma evolução nas observações. Nas entrevistas como podemos visualizar, na primeira diz que gosta de emprestar, no entanto, afirma que apenas gosta de mostrar aos outros. Na segunda entrevista responde que gosta de emprestar porque quer dar aos outros, sendo assim notório que existiu uma evolução na Clara.

A Joana também foi uma das crianças em que o seu nível de observação registou a subida de um nível 4, onde mantem interações com outras crianças, para um nível 5, em que trabalha em projetos complexos.

Na primeira observação a Joana estava na área das ciências e da matemática, com a Marta, estavam a fazer padrões no jogo dos picos. Sem querer, a caixa caiu ao chão, e ambas foram apanhar para continuarem o jogo (Nota de campo, 14 de dezembro, de 2016) demonstrando assim interação com o seu par.

Na segunda observação, enquanto estavam a ir para o refeitório as crianças que estavam no comboio começaram a empurrar e a Joana disse-lhes “*Não empurrem! Temos que ficar em fila e respeitar o nosso par!*” (Nota de campo, 4 de janeiro de 2017). Esta atitude da Joana revelou que esta criança sabe trabalhar em projetos complexos com outras crianças e respeita as regras.

Quanto às entrevistas que foram realizadas, a Joana responde da seguinte forma à questão:

“Gostas de partilhar os teus brinquedos?”

- *Sim gosto.*”

Primeira entrevista à Joana

Na primeira entrevista afirmou que gosta de partilhar os brinquedos. Na segunda entrevista a resposta foi a mesma, afirmando que gosta de emprestar.

“E gostas de os emprestar aos amigos? Porquê?”

- Sim, porque eu gosto de emprestar. “

Segunda entrevista à Joana

Como se verifica, a Joana na observação realizada sobe um nível nas relações com outras crianças, onde é possível verificar através dos exemplos, que é uma criança que interage bem com os outros e demonstra ter cuidados em relação às regras. Nas entrevistas a sua resposta é a mesma que na primeira, mas mais consciente na forma como respondeu.

Relações de amizade com outras crianças

A categoria das relações de amizade com outras crianças é avaliada em cinco níveis: (1) a criança ainda não identifica o colega pelo nome; (2) a criança identifica alguma das crianças pelo nome e fala a cerca delas ocasionalmente; (3) a criança identifica um colega como amigo; (4) a criança é identificada por um colega como amiga; (5) a criança parece receber apoio social de um amigo e mostra lealdade ao amigo. Estas avaliações são feitas com base em observações registadas que dizem respeito às relações de amizade com outras crianças.

O estabelecimento de relações de amizades com outras crianças é um item que se verificou, de acordo com as observações realizadas, ter níveis mais elevados. Na primeira observação todas as crianças tinham nível 5 nesta categoria e na segunda observação apenas a Camila regrediu um nível, demonstrando capacidades de identificação dos colegas como amigos e receber apoio de um par e mostrar lealdade ao mesmo.

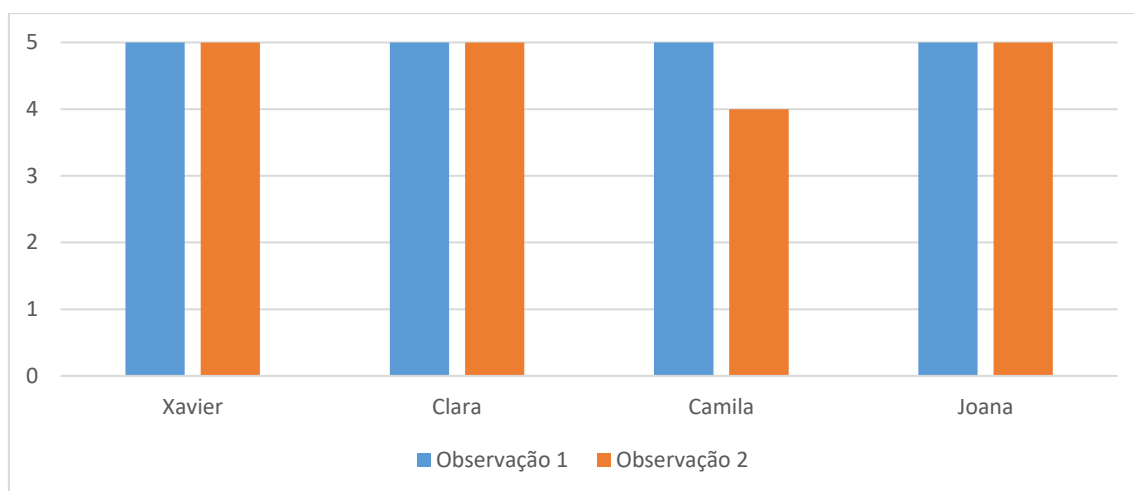


Figura 25 - G. Criação de relações de amizade com outras crianças

O Xavier na primeira observação apresenta-se no nível 5 continuando no mesmo nível na segunda observação, ou seja, parece receber apoio social de um amigo e mostra lealdade ao amigo.

A primeira observação registada aconteceu quando o Rodrigo sujou o pijama e ficou triste por ter de vestir um fato de treino. O Rodrigo começou a chorar a dizer que não queria tirar o pijama porque queria brincar com os amigos e o Xavier aproximou-se dele e disse que podia vestir o fato de treino que ele brincaria na mesma com ele, dando-lhe a mão (Nota de campo, 21 de novembro de 2016).

Na segunda observação, ocorreu outra situação com as mesmas crianças, o Rodrigo que estava na área da garagem começou a atirar carros ao Xavier, este entreviu dizendo “*Não faças isso, partes os carros e depois não temos. Os carros são no chão. Anda eu brinco contigo.*” (Nota de campo, 11 de janeiro, 2017). Em ambas as situações o Xavier demonstra carinho aos amigos, tentando ajudá-los a sentirem-se bem e procurando orientá-los para um comportamento positivo.

Já nas entrevistas o Xavier mostrou na primeira que tinha preferência que as suas brincadeiras fossem apenas com um dos seus pares, não abrindo espaço para as brincadeiras com outras crianças, mostrando, no entanto, afeto para com o seu amigo; e por isso estando de acordo com o nível observado no COR.

“Gostas de brincar sempre com o teu amigo ou com os outros também?”

- Só ao pé do Valentim, porque eu gosto muito dele.

Gostas de partilhar os teus brinquedos?”

- *Não, só com o Valentim.*”

Primeira entrevista o Xavier

Na segunda entrevista o Xavier continua a demonstrar lealdade aos seus amigos, justificando que recebe lealdade de volta, justificando o nível 5. Aqui aumenta já o espectro de amigos, o que leva a querer que procura construir amizades. Portanto, verifica-se, em ambas as entrevistas, que vão ao encontro das observações e que realmente o Xavier é uma criança que procura a criação de relações de amizade com outras crianças.

“E gostas de os emprestar aos amigos? Porquê?”

- *Sim, gosto. Porque eles também me emprestam os deles a mim.*

Gostas de brincar nas áreas?

- *Gosto, porque tem muito brinquedos.*

E gostas de brincar sozinho ou acompanhado? Porquê?

- *Acompanhado com o Gabriel, Matilde e o Pedro. Porque eles são meus amigos e são fixes.*”

Segunda entrevista ao Xavier

A Clara manteve-se no nível 5 em ambas as observações, ou seja, parece receber apoio social de um amigo e mostra lealdade ao amigo.

Na primeira observação enquanto a Joana estava a brincar com a panela do faz-de-conta, e o Ricardo tira-lha e empurra-a. A Joana começa a chorar e a Clara confronta-o (Nota de campo, 28 de outubro, de 2016).

Na segunda observação a Clara estava a brincar com a Matilde na área das expressões visuais, e o Enzo tirou a plasticina à Matilde. A Clara disse *“Devolve a plasticina. Ela é que está a brincar.”* (Nota de campo, 6 de janeiro, de 2017).

Em ambas as situações a Clara defendeu os amigos mostrando respeito pelos seus pares, empatia, mas também altruísmo, uma vez que a Clara procura ter sempre o controlo das situações, tal como é exemplo a brincadeira na área do faz de conta, em que a Clara distribuiu as tarefas por cada um dos amigos, elaborando uma brincadeira onde ela era a mãe e orientava os outros: deitarem-se na cama para dormir, ir às compras, sentarem-se na mesa para lanchar (Nota de campo de 28 de novembro de 2016).

.

Nas entrevistas a Clara mostra lealdade a um amigo em ambos os momentos.

Sendo que no primeiro indica que gosta de brincar com uma amiga em particular. Já a partilha, apesar de afirmar que gosta de partilhar, também diz que prefere mostrar apenas, sendo que parece estar numa fase de transição, onde está a começar a encontrar segurança para fazer uma partilha efetiva.

“Gostas de brincar sempre com o teu amigo ou com os outros também?”

- Gosto de brincar só com a Joana.

Gostas de partilhar os teus brinquedos?

- Sim. Gosto de mostrar aos outros.”

Primeira entrevista à Clara

Na segunda entrevista a Clara ganhou segurança e diz partilhar os brinquedos com os outros, mostrando uma conquista ao nível pessoal pois afirma a resposta positiva com um *“porque quero”*. No entanto, quando questionada se prefere brincar sozinha ou acompanhada, diz que prefere brincar sozinha, não dando aberturas para que outras crianças se envolvam. Aqui pode-se distanciar o nível que foi observado no COR uma vez que a Clara não parece querer procurar outros para brincar e, portanto, não pretender criar relações de amizade; sendo necessário continuar a oferecer oportunidades sociais.

“E gostas de os emprestar aos amigos? Porquê?”

- Sim, empresto porque quero.

Gostas de brincar nas áreas?

- Sim, porque posso brincar.

E gostas de brincar sozinho ou acompanhado? Porquê?

- Sozinha, porque gosto.”

Segunda entrevista à Clara

Em ambas as observações a Joana está no nível 5, isto é, parece receber apoio social de um amigo e mostra lealdade ao amigo.

Na primeira observação, ela recebeu apoio social de uma amiga, pois esta defendeu-a quando surgiu um problema, que aconteceu quando a Joana estava a brincar com a panela do faz-de-conta, e o Ricardo tirou-lha e empurrou-a. A Joana começou a chorar e a Clara confrontou-o (Nota de campo, 28 de outubro, de 2016).

Na segunda observação, a Joana viu a Maria Isabel a tirar a febre, aproximou-se e perguntou “*Estás doente? Precisas de miminhos?*”. A Maria Isabel respondeu que sim e a Joana deu-lhe um abraço e um beijinho na testa, (Nota de campo, de 11 de janeiro, de 2017) demonstrando lealdade ao amigo e dando-lhe apoio.

Nas entrevistas a Joana tem opiniões dispares sobre brincar com os seus pares. Na primeira ela indica que gosta de brincar com os outros e até se mostra disponível para a partilha.

“Gostas de brincar sempre com a tua amiga ou com os outros também?”

- Com todos.

Gostas de partilhar os teus brinquedos?

- Sim gosto.”

Primeira entrevista à Joana

Na segunda entrevista, apesar de continuar a querer partilhar, afirma que prefere brincar sozinha nas suas áreas preferidas. No entanto, continuando a dizer que gosta de partilhar, ou seja, na possibilidade de encontrar outra criança na brincadeira ela provavelmente irá envolvê-la.

“E gostas de os emprestar aos amigos? Porquê?”

- Sim, porque eu gosto de emprestar.

Gostas de brincar nas áreas?

- Sim, no faz de conta, na escrita e nos castelos.

E gostas de brincar sozinho ou acompanhado? Porquê?”

- Sozinha, para não chatearem.”

Segunda entrevista à Joana

A Camila na primeira observação também se apresenta num nível 5, ou seja, parece receber apoio social de um amigo e mostra lealdade ao amigo. No entanto, na segunda observação isso não aconteceu, regredindo para o nível 4, onde a criança é identificada por uma colega como amiga.

No nível 5 a Camila recebe apoio social de um amigo quando necessitou de ajuda para apertar os botões da bata, a Matilde chegou ao pé dela, e como a Camila não parava de soluçar, a amiga ofereceu-lhe ajuda (Nota de campo, de 12 de outubro, de 2016).

Na segunda observação a Camila foi identificada como amiga por outra criança depois de ter tirado o bebê ao Xavier no faz-de-conta e este lhe responder “*Não se tira os brinquedos aos amigos, espera pela tua vez*” (Nota de campo, de 6 de janeiro, de 2017).

As entrevistas mostraram que a Camila gosta de brincar com as outras crianças, no entanto, não gosta de partilhar os brinquedos.

“Gosta de brincar sempre com os teus amigos ou com os outros também?”

- Com todos.

Gostas de partilhar os teus brinquedos?

-Não, porque são meus.”

Primeira entrevista à Camila

Na segunda entrevista também se verifica que a Camila gosta de brincar com os seus pares, mas não quer emprestar brinquedos. Este pode ser um fator que levou ao decair do nível na criação de relações de amizade, uma vez que ao não querer partilhar com os outros, eles têm tendência a não querer brincar com ela, o que dificulta o estabelecimento de relações.

“E se trouxesses gostavas de os emprestar aos amigos? Porquê?”

Não, porque são meus.

Gostas de brincar nas áreas?

-Sim, no faz de conta e na escrita.

E gostas de brincar sozinho ou acompanhado? Porquê?

- Acompanhada, porque sim.”

Segunda entrevista à Camila

Tal como afirmam McCartney e Phillips (2006), a frequência da interação entre pares aumenta durante o período pré-escolar, e o brincar torna-se cada vez mais complexo à medida que as crianças se envolvem em episódios de relações sociais mais extensos. Desta forma, e indo ao encontro das autoras acima citadas, a importância da criação de relações de amizade depende muito do brincar, sendo este fundamental para que as crianças desenvolvam competências sociais.

Envolvimento na resolução de problemas de relações sociais

No envolvimento na resolução de problema de relações sociais, esta categoria é avaliada em cinco níveis: (1) a criança ainda não colabora com outros para resolver um conflito, em vez disso, foge ou usa a força; (2) a criança encontra forma aceitáveis de obter a atenção dos outros; (3) a criança requer a ajuda do adulto para a resolução de problemas com outras crianças; (4) a criança tenta por vezes resolver os problemas com outras crianças de forma independente, pela negociação ou por outros meios socialmente aceitáveis; (5) a criança resolver geralmente com autonomia problemas com outras crianças. Estas avaliações são feitas com base em observações registadas que dizem respeito ao envolvimento na resolução de problemas de relações sociais.

No envolvimento na resolução de problemas de relações sociais podemos verificar através da figura 24, que na primeira observação existem diversos resultados.

O Xavier manteve o nível 5 nas duas observações, ou seja, o Xavier consegue resolver com autonomia problemas com as outras crianças e isto verificou-se tanto na primeira como na segunda observação. A Camila e a Joana atingiram o nível 3 na primeira observação, ou seja, requerem sempre a ajuda de um adulto tendo uma delas passado para o nível 4 na segunda observação, ou seja, a criança mostra evolução e começa a tentar resolver os problemas com as outras crianças de forma independente. A Joana mostra evolução passando assim para o nível 5, onde a criança resolve geralmente com autonomia problemas com outras crianças.

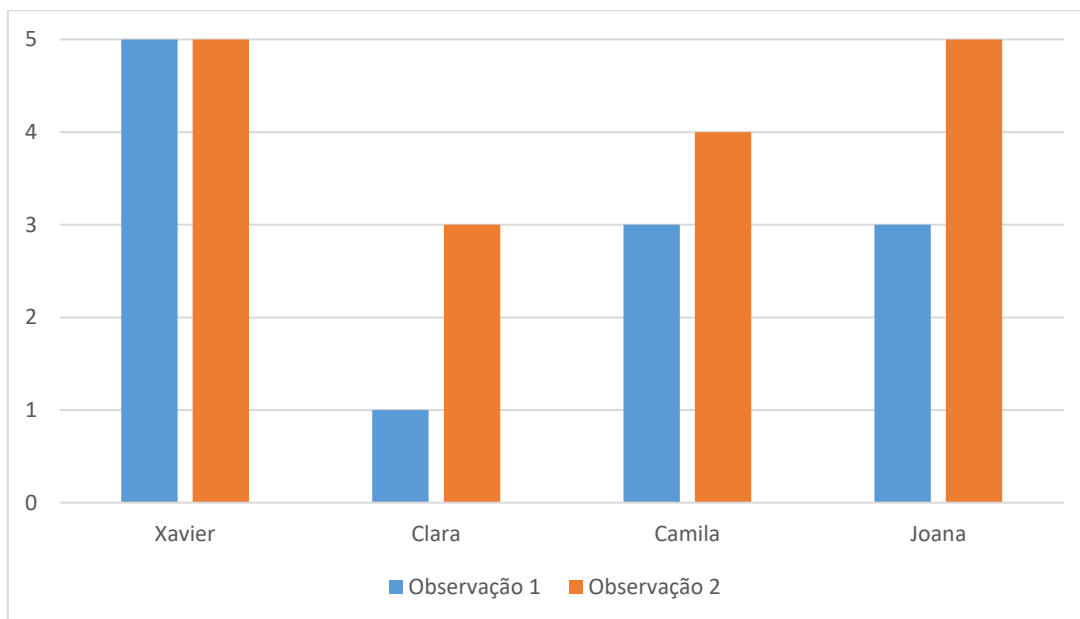


Figura 26 - H. Envolvimento na resolução de problemas de relações sociais

Na primeira observação feita pelo COR enquanto o Xavier brincava na área de expressão livre com os fantoches, o Ricardo empurrou os fantoches todos que estavam em cima do castelo para o chão. O Xavier levantou-se e disse *“Oh Ricardo, não se faz isso. Agora tens que me ajudar a apanhá-los”* (Nota de campo, 4 de novembro, de 2016).

Na segunda observação o Xavier foi para a área da matemática e a Camila já lá estava a ocupar a mesa toda, e o Xavier pediu-lhe para que ela se desviasse para ele poder fazer um jogo, dizendo *“A mesa dá para os dois”* (Nota de campo, 4 de janeiro, de 2017).

Na segunda entrevista, foi questionado ao Xavier como é que ele resolve os problemas com os pares, ao que ele responde prontamente que pede desculpa ou pergunta o que se passou.

“Como fazes se estiveres a ter um conflito (uma zanga) com um amigo?

- Peço desculpa, ou pergunto o que se passou.”

Segunda entrevista ao Xavier

Como se pode verificar, nas observações feita pelo COR e na segunda entrevista o Xavier tem capacidade para resolver conflitos de forma socialmente aceitável, justificando o nível 5.

A Clara na primeira entrevista situa-se no nível 1, ou seja, a criança ainda não colabora com outros para resolver um conflito, em vez disso, foge ou usa a força, como foi registado no primeiro momento de observação em que o Guilherme senta-se numa cadeira na área da oralidade e da escrita e a Clara diz-lhe “*Sai daí que essa cadeira é minha*” (Nota de campo, de 12 de dezembro, de 2016) empurrando o amigo para o lado.

Na segunda observação do COR a reação da Clara perante um conflito já foi diferente da primeira. A Clara estava na área do faz de conta, com o cesto das compras. O Xavier deu-lhe um empurrão, e as compras caíram ao chão. A Clara foi ter com o adulto para contar a situação (Nota de campo, de 4 de janeiro, de 2017). Esta criança apesar de não conseguir ainda resolver os conflitos com os colegas ela já não usa a força, mas pede ajuda a um adulto.

Na segunda entrevista realizada à Clara as questões colocadas foram as mesmas que foram colocadas ao Xavier.

“Como fazes se estiveres a ter um conflito (uma zanga) com um amigo?”

- Converso e dou um beijinho”

Segunda entrevista à Clara

Através desta resposta da Clara é possível verificar que ela começa a conseguir resolver o conflito fazendo a gestão de uma forma socialmente mais aceitável. Na nota de campo registada, quando a Clara estava a fazer o jogo das cadeiras, é possível verificar que, quando frustrada, tem maior dificuldade em gerir os sentimentos e, portanto, tende a chorar e a recorrer à força física para resolução dos problemas: A Clara quando perdeu começou a chorar e empurrou o Pedro que estava ao seu lado e disse “*não perdi nada*”. O adulto pegou nela ao colo e explicou que tinha que sair do jogo porque tinha perdido e ela respondeu “eu quero ganhar” (Nota de campo, 21 de dezembro, de 2016),

A Camila na primeira observação revelou necessitar da ajuda de um adulto para resolver o conflito, estando no nível 3, mas quando foi realizada a segunda observação já foi possível verificar que ela já conseguiu resolver um conflito de forma independente, passando para o nível 4.

Na primeira observação a Camila começou a chorar porque o Ricardo lhe tirou os ténis. O adulto teve que intervir (Nota de campo, 25 de novembro, de 2016) dizendo à

Camila para comunicar com o amigo para resolver o seu problema. O Pedro estava a gritar, a Camila olhou para ele e disse “*Pedro, não podes gritar na sala. É uma das regras. Queremos brincar.*” (Nota de campo, 11 de janeiro de 2017).

Na segunda entrevista foi colocada à Camila a seguinte questão:

“*Como fazes se estiveres a ter um conflito (uma zanga) com um amigo?*

- *Grito e venho dizer.*”

Segunda entrevista à Camila

Deste modo é possível verificar que a Camila já não empurra o par, mas ainda necessita da ajuda de um adulto para resolver um conflito, ainda não consegue resolver os conflitos com autonomia, tal como se verificou na primeira observação.

Na primeira observação realizada à Joana esta necessitou da ajuda de um adulto para resolver o conflito, estando no nível 3. A Maria Isabel não queria partilhar os rolos da plasticina com a Joana. A Joana foi ter com o adulto para pedir ajuda (Nota de campo, 2 de novembro de 2016).

Na segunda observação a Joana estava na área da escrita e disse para a Leonor: “*Não cortes o cabelo! A tesoura é para cortar a folha de papel... assim, olha*” e exemplificou (Nota de campo, 6 de dezembro de 2016). Nesta segunda observação do COR observou-se que a Joana já consegue intervir autonomamente para resolver problemas entre os pares, passando para o nível 5.

Na segunda entrevista realizada à Joana foi colocada a seguinte questão:

“*Como fazes se estiveres a ter um conflito (uma zanga) com um amigo?*

- *Falo com ele.*”

Segunda entrevista à Joana

Deste modo podemos verificar que a Joana já consegue ultrapassar os conflitos com os pares falando com eles, ou seja, reage autonomamente dando resposta aos problemas existentes.

Compreensão e expressão de sentimentos

Na categoria da compreensão e expressão de sentimentos a avaliação é feita em cinco níveis: (1) a criança ainda não expressa ou verbaliza sentimentos; (2) a criança expressa ou verbaliza sentimentos, mas, por vezes, de modos socialmente inaceitáveis; (3) a criança demonstra consciência dos sentimentos dos outros; (4) a criança exprime geralmente dos sentimentos de forma aceitável; (5) a criança responde apropriadamente ao sentimento dos outros.

No que diz respeito à compreensão e expressão de sentimentos, de acordo com as observações realizadas, o Xavier, a Clara e a Joana encontram-se no nível 4 na primeira observação, e continuaram no mesmo nível na segunda observação, isto é, exprimem geralmente dos sentimentos de forma aceitável. A Camila estava no nível 3, em que demonstrava consciência dos sentimentos dos outros, e na segunda observação conseguiu alcançar o nível 5, indicando que é capaz de responder apropriadamente aos sentimentos dos outros.

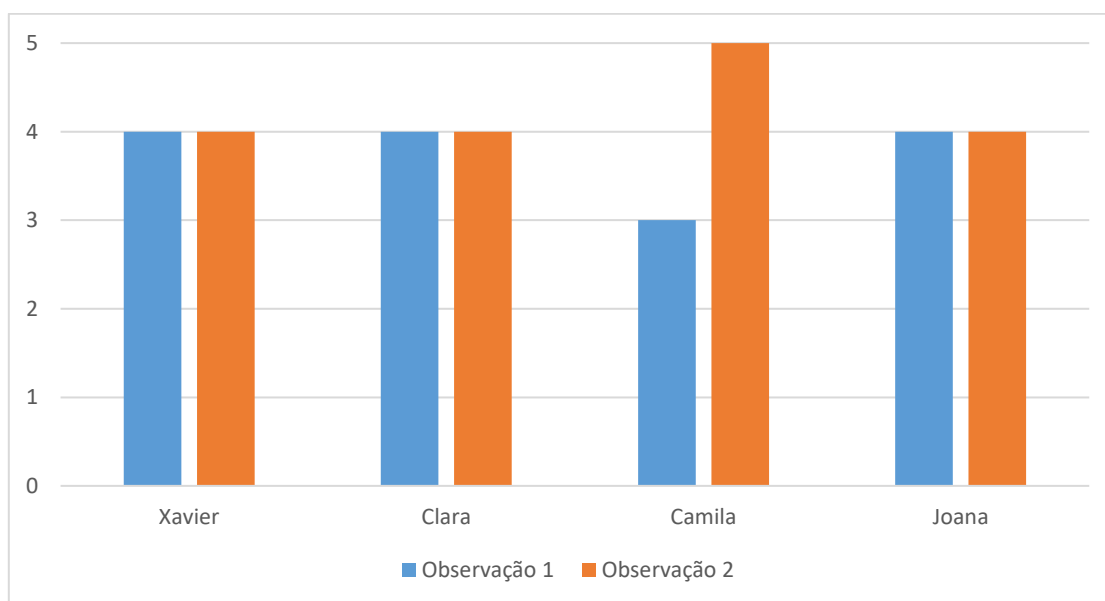


Figura 27 - I. Compreensão e expressão de sentimentos

No que diz respeito ao Xavier este mostrou capacidade de exprimir os sentimentos

de forma aceitável, em ambos os momentos de observação, manteve-se no nível 4. Na primeira observação, enquanto estava na área da oralidade e escrita o Xavier disse para a Joana *“Não risques o meu plano do dia, estás a estragar!”* (Nota de campo, 18 de novembro de 2016).

Na segunda observação o Ricardo começou a cuspir para a mesa onde estava o Xavier *“Pára, não se cospe. Olha as regras!”* (Nota de campo, 4 de janeiro de 2017). Também ao longo das entrevistas realizadas, o Xavier foi respondendo de forma a ser possível compreender se ele consegue se autorregular, por exemplo, quando surge um conflito, indicando que, quando isso acontece ele pede desculpa à criança ou pergunta-lhe o que se passou, procurando resolver o conflito de forma autónoma.

Na entrevista, quando questionado sobre se gostava de estar no jardim-de-infância, o Xavier teve de refletir sobre como se sentia neste espaço e exprimir os seus sentimentos. Ele faz uma afirmação positiva e justifica que a razão é a variedade de brinquedos disponíveis.

“Gostas de estar aqui no jardim-de-infância? Porquê?”

- Sim. Eu fico feliz porque aqui tenho muitos brinquedos.”

Primeira entrevista ao Xavier

Na segunda entrevista, na mesma questão, já oferece uma resposta mais voltada para o trabalho, sendo que continua a gostar de ir para o jardim-de-infância porque aprende todos os dias.

“Gostas de estar aqui no jardim-de-infância? Porquê?”

- Sim. Porque todos os dias aprendo coisas.”

Segunda entrevista ao Xavier

A Clara também mostrou um nível 4 na primeira observação, continuando no nível 4 na segunda observação, ou seja, mostra capacidade de exprimir os sentimentos de forma aceitável.

Na primeira observação a Clara estava na área do faz de conta e disse para o Guilherme para se deitar na cama. O Guilherme não se quis deitar, ao que a Clara respondeu *“Porque é que não te deitas? Estás a estragar a brincadeira e assim eu fico*

triste” (Nota de campo, 24 de outubro de 2016).

Na segunda observação, na reunião da manhã, a Clara estava a contar a sua novidade e os outros meninos estavam a falar. A Clara ficou chateada e disse “*Eles não ouvem. Não conto mais!*” (Nota de campo, 11 de janeiro de 2017). A Clara começa a mostrar e a conseguir verbalizar os sentimentos de forma aceitável.

Na primeira entrevista, quando questionada se gosta de estar no jardim-de-infância, a Clara teve de fazer uma pequena reflexão e pensar como se sente ali. Ela deu uma resposta positiva justificando com as amizades que tem na sala de atividades com as outras crianças.

“Gostas de estar aqui no jardim-de-infância? Porquê?”

- Sim. Gosto de vir brincar com a Joana.”

Primeira entrevista à Clara

Na segunda entrevista continuou a afirmar que gosta de estar no jardim-de-infância, ainda assim não gosta quando o Ricardo lhe bate. Apesar de já conseguir mostrar e verbalizar os seus sentimentos de forma socialmente aceitável, esta justificação aponta-nos para a Clara estar a passar por conflitos com esta criança, que necessitam de atenção.

“Gostas de estar aqui no jardim-de-infância? Porquê?”

- Sim. Mas não gosto quando o Ricardo me bate.”

Segunda entrevista à Clara

A Joana, na primeira observação encontrava-se no nível 4 e na segunda observação manteve-se no mesmo nível, isto é, a criança demonstra consciência dos sentimentos dos outros.

A primeira observação aconteceu na casa de banho quando a Joana foi tirar o papel para limpar as mãos e a Marta molhou-se com as mãos e ela diz-lhe “*Pára, estás a molhar-me, eu não quero ficar molhada!*”. (Nota de campo, 4 de novembro de 2016).

Na segunda observação a Joana começou aos pulinhos. Quando o adulto lhe questionou o porquê, ela disse “*Oh Sofia, eu tenho xixi.*”. (Nota de campo, 12 de janeiro de 2017).

Na primeira entrevista a Joana foi questionada se gostava de estar no jardim-de-infância. A sua resposta foi positiva e justifica que gosta particularmente de poder brincar no faz-de-conta.

“Gostas de estar aqui no jardim-de-infância? Porquê?”

- Sim. Porque gosto muito de vir brincar para o faz-de-conta.”

Primeira entrevista à Joana

Na segunda entrevista, e referente à mesma questão, a Joana continua a afirmar que gosta de estar no jardim-de-infância, apesar de por vezes os seus pares, que considera amigos, não mostrarem interesse em brincar com ela. Sendo assim, pode-se verificar que em ambos ela mostrou capacidade de exprimir os sentimentos de forma aceitável.

“Gostas de estar aqui no jardim-de-infância? Porquê?”

- Sim. Gosto de brincar no faz-de-conta, mas às vezes a Clara não quer brincar comigo.”

Segunda entrevista à Joana

A Camila na primeira observação apresentou o nível 3, isto é, a criança demonstra consciência dos sentimentos dos outros. O exemplo registado foi o de a Camila contrariar a Clara porque não queria ir brincar para o faz-de-conta. Então, a Clara ficou triste e a Camila decidiu ir brincar com ela (Nota de campo, 7 de dezembro, de 2016).

Na segunda observação a Camila estava a colar papelinhos do número dois e ao seu lado estava o Gonçalo que estava com dificuldade em tirar o papel autocolante. Ela perguntou se ele queria ajuda, (Nota de campo, 6 de janeiro, de 2017) ajudando-o de seguida. Aqui a Camila já mostra corresponder apropriadamente aos sentimentos dos outros, estando no nível 5. Quando se depara com um problema a Camila diz que grita, libertando a sua frustração, e vai ter com o adulto, ou seja, ainda tem dificuldade em exprimir os sentimentos de forma aceitável. Ainda assim, já começa a demonstrar consciência do que a rodeia e a conseguir compreender e expressar os sentimentos.

Na primeira entrevista a Camila foi questionada se gosta de estar no jardim-de-infância. A sua resposta foi positiva e justificou com o facto de puder elaborar brincadeiras com os seus pares.

“Gostas de estar aqui no jardim-de-infância? Porquê?”

- Sim. Porque gosto de brincar com os meus amigos e fazemos muitas brincadeiras.”

Primeira entrevista à Camila

Na segunda entrevista a Joana continua a responder de forma positiva à questão, e justifica, continuando num registo do qual continua a fazer parte os seus pares, por puder ir para a área da escrita trabalhar com um dos seus pares.

“Gostas de estar aqui no jardim-de-infância? Porquê?”

- Sim. Porque posso ir para a escrita fazer o plano do dia com o Rodrigo.”

Segunda entrevista à Camila

Regulação das interações do grupo

As regras da sala são um elemento que surge desta compreensão e expressão dos sentimentos do grupo, uma vez que aquilo que podemos ou não fazer acontece considerando os limites de cada um.

Quando questionado sobre as regras da sala, na primeira entrevista, o Xavier disse que as desconhecia.

“Quais são as regras da sala?”

- Não sei.”

Primeira entrevista ao Xavier

Na segunda entrevista o Xavier já indicou que conhece as regras da sala e inclusive recorda-se de como foram faladas e registadas, bem como soube identificar algumas.

“Conheces as regras da sala?”

-Sim.

Lembraste que construímos o placard das regras? Como foi construído lembraste?

- Sim, sentados na mesa, cada um dizia uma regra.

E consegues dizer-me algumas das regras?

- Sim. Não bater nos amigos, não empurrar, não morder, não gritar e não cuspir.

Achas que as regras são importantes?

-Sim, porque temos que as cumprir.”

Segunda entrevista ao Xavier

O Xavier mostra um conhecimento das regras da sala que o permite agir em conformidade com as mesmas e, portanto, ajuda-o a regular os seus comportamentos e a compreender os seus sentimentos e os dos outros. Na atividade das regras, quando surgiu a imagem do Ricardo, o Xavier disse “*não podemos bater nos amigos, como o Ricardo faz*” (Nota de campo, 14 de dezembro de 2016), uma vez que no placard foram colocadas fotografias das crianças para ser mais real. O Xavier mostrou-se alegre ao ver as fotografias, sentindo-se parte integrante do grupo.

Quando questionada sobre as regras da sala a Clara na primeira entrevista ela desconhecia-as.

“Quais são as regras da sala?”

- Não sei.”

Primeira entrevista à Clara

Na segunda entrevista indica que as conhece, consegue identificar algumas e afirma que as regras são importantes para a sua saúde e segurança.

“Conheces as regras da sala?”

-Sei.

Lembraste que construímos o placard das regras? Como foi construído, lembraste?

-Sim. Na mesa os meninos foram dizendo as regras que sabiam.

E consegues dizer-me algumas das regras?

- Não correr, não bater e não gritar.

Achas que as regras são importantes?

-São. Se não as cumprir posso ir para o hospital.”

Segunda entrevista à Clara

Assim, a Clara mostra conhecimento que existem regras que são necessárias serem cumpridas e que são sinónimos de segurança. Desta forma, é favorável conseguir adequar o seu comportamento na vida diária do grupo.

Na atividade em que se elaboraram as regras, depois de registadas, foram selecionadas fotografias das crianças que representassem as situações respetivas a cada regra. Quando se mostrou em grande grupo a Clara viu a primeira imagem para colar e disse “não se corre na sala só na rua” (Nota de campo, 14 de dezembro de 2016). Aqui a Clara começa a ganhar noção das regras da sala.

Quando questionada sobre as regras da sala, na primeira entrevista a Joana diz que as desconhece.

“Quais são as regras da sala?”

- Não sei.”

Primeira entrevista à Joana

Na segunda entrevista a Joana já reconhece que existem regras da sala, identifica algumas e diz que elas são importantes.

“Conheces as regras da sala?”

- Sim, não bater nos amigos, não cuspir nem saltar.

Lembraste que construímos o placard das regras? Como foi construído lembraste?

- Sim, lembro. Na mesa, correu bem só falavam os que sabem.

E consegues dizer-me algumas das regras?

- Não bater nos amigos, não se cuspe, não correr nem saltar.

Achas que as regras são importantes?

- Sim, porque se não vocês chateiam-se.”

Segunda entrevista da Joana

Quando questionada sobre a importância das regras sociais da sala, a Joana afirmou que elas são importantes apenas para não surgirem conflitos com os adultos, sendo que a importância social das mesmas ainda não está compreendida nem interiorizada, pois a Joana não compreende que para ser possível responder

apropriadamente aos outros é necessário respeitar os restantes pares e coexistir num ambiente democrático.

Na elaboração e discussão das regras uma das imagens dizia respeito à regra de respeitarmos o outro a falar, a Joana interveio: “Joana: *Não podemos falar todos ao mesmo tempo, temos que meter o dedo no ar* (Educadora estagiária: *Pois é Joana esta regra é muito importante temos que respeitar a vez de cada um, mas nem sempre isso acontece, não é?* Ela olhou e começou a rir-se. “(Nota de campo, 14 de dezembro de 2016).

Quando questionada na primeira entrevista se conhecia as regras da sala, a Camila disse que não.

“Quais são as regras da sala?”

- Não sei.”

Primeira entrevista à Camila

Na segunda entrevista, a Camila já afirmou que conhecia algumas regras, e nomeou-as. Quando questionada sobre a sua importância disse “*temos que as conhecer para não as fazer*”. Esta afirmação da Camila diz respeito ao comportamento em si, e não à regra, ou seja, será importante conhecer as regras para não ter comportamentos que se desviem dessas normas.

“Conheces as regras da sala?”

- Algumas.

Lembraste que construímos o placard das regras? Como foi construído lembraste?

- Sim, só me lembro que estávamos sentados na mesa e só diziam a regras os que sabiam.

E consegues dizer-me algumas das regras?

- Sim. Não gritar, não bater, não morder e não correr.

Achas que as regras são importantes?

- Sim, temos que as conhecer para não as fazer.”

Segunda entrevista à Camila

Apesar de na entrevista estar focada naquilo que não se pode fazer, enquanto se falava sobre a necessidade de existirem relações sociais na sala, a Camila chamou-me e disse “*Sofia, eu já trouxe um diospiro, para partilhar com os amigos, não foi Sofia*”. E a Educadora estagiária responde:” *Pois foi Camila quando falamos nos frutos do outono trouxeste um diospiro. E gostaste de partilhar com os amigos?*” Camila: “*Sim*”. (Nota de campo, 4 de janeiro de 2017), mostrando que compreende aquilo que se pode fazer na sala e, portanto, tem consciência dos comportamentos socialmente aceitáveis para uma convivência saudável no grupo.

7. Reflexões Finais

O meu estágio decorreu em jardim de infância foi por um tempo mais alongado do que o anterior o que possibilitou uma maior aprendizagem para mim, apesar de nem sempre ter sido fácil gerir as planificações com as atividades da educadora cooperante devido às festas festivas, mas é assim que crescemos com as dificuldades que por vezes não estamos à espera.

O tema que decidi pôr em ação deve-se ao facto de eu achar que é fundamental começar desde cedo a impulsionar as relações sociais em jardim de infância que vão influenciar o desenvolvimento global das crianças. A sala tinha diversas áreas o que dá para as crianças explorarem e existirem menos conflitos, apesar de eles acabarem por existir, pois estamos a falar de uma faixa etária onde elas começam a relacionar-se com outras crianças.

As relações sociais que as crianças pequenas estabelecem com os pares e com os adultos são profundamente importantes, porque é a partir destas relações que as crianças de idade pré-escolar geram a sua compreensão do mundo social, tal como afirmam Hohmann & Weikart (2011). Por isso, carece de continuar a fomentar uma relação positiva entre as crianças, os pares e os adultos para se continuar a notar evolução das crianças nesta categoria.

O jardim de infância é um lugar distinto para as crianças terem oportunidades de se relacionarem socialmente com os pares, num ambiente de valorização pessoal. Por isso, as atividades foram em redor das relações sociais, onde diversas vezes foram atividades em grupo para aprenderem a ouvir o colega, a saber esperar pela sua vez, saberem trabalhar em pares, uma vez que nesta idade todas querem falar ao mesmo tempo. O facto de não saberem as regras dentro da sala levou-me sem dúvida a desenvolver atividades que implicassem a apropriação das mesmas.

Com as estratégias devolvidas, foi possível dar voz às crianças, dar oportunidades de escolha, criar o respeito pelo outro, salientando assim a importância das relações sociais em jardim de infância.

A realização dos placards das regras foi uma mais valia para que estas crianças adquirissem novos conceitos e valores que irão que começar a implementá-los e ajudá-los a crescer como cidadãos respeitosos.

As crianças sempre colaboraram, de forma entusiasmada e curiosa por quererem saber o que íamos fazer mal eu chegava, o que me deixou bastante feliz por ver que havia

alegria e interesse em participar nas atividades. O educador tem que criar um ambiente educativo de confiança para que a criança se sinta segura, feliz e participativa e neste aspeto senti-me realizada, pois as crianças correspondiam.

Sei que consegui transmitir às crianças que é importante que existam relações sociais, é importante saberem que o mundo não gira à sua volta. Por vezes quando chegava vinham ter comigo e diziam-me logo que o amigo gritou na sala, que o outro colega não tinha esperado pela sua vez na casa de banho coisas assim que me fizeram sentir bem, pois fui-me apercebendo que o trabalho realizado fazia sentido também para o grupo.

Os gráficos apresentados na discussão de resultados, referentes às categorias: relação com adultos, relação com outras crianças, criação de relações de amizade, resolução de problemas e compreensão e expressão de sentimentos e a regulação das interações do grupo - mostraram que ao promover atividades cujo o objetivo procura promover as relações sociais, o comportamento, e as atitudes das crianças tendem a melhorar, capacitando-as para ter interações positivas com os pares, onde elas se envolvem na elaboração de projetos complexos, o que lhes permite um desenvolvimento pessoal e social, sendo capazes de transmitir os seus sentimentos e compreender os dos outros, de forma socialmente aceitável.

A construção das regras da sala teve um grande impacto no grupo. Pois, foi possível transmitir que é imprescindível existirem regras, uma vez que é através delas que seguimos num caminho democrático e participativo que nos possibilita crescer num ambiente de respeito mútuo e ser um cidadão conhecedor também dos seus direitos e deveres, podendo assim, caminhar numa aprendizagem ao longo da vida, para cidadãos autónomos, conscientes e solidários (Silva, Marques, Mata e Rosa, 2016).

7.1. Implicações do Plano de Ação para a prática profissional futura

Através da pergunta do plano de ação “Como promover o desenvolvimento das relações sociais numa sala com crianças de três anos”, foi possível desenvolver atividades que estivessem relacionadas com as relações sociais de forma a darem resposta à pergunta em questão.

Com este trabalho pude desenvolver competências, capacidades e adquirir novos conhecimentos pedagógicos, como por exemplo ter a noção que com três anos de idade é

fundamental ajudar as crianças a compreenderem as relações sociais, para que existam menos conflitos, e respeitar o par.

Para que este tema possa ser desenvolvido, a sala deve ser um espaço educativo bem estruturado de forma a possuir brinquedos que levam a criança à exploração não esquecendo que todos os materiais devem de estar ao alcance das crianças. Deste modo se a sala for apelativa e com materiais diversificados, ajuda na construção nas relações entre pares, isto é, se a variedade de materiais for suficiente para o grupo, e estes estiverem organizados por categorias, as crianças podem brincar em simultâneo o que dá-lhes oportunidades de desenvolverem projetos complexos. Tais aspetos mostraram-se reveladores para adoção na minha futura prática pedagógica.

As atividades desenvolvidas com as crianças mostraram, através dos registos que adquiriram novas capacidades, tais como: conseguirem manter interações com adultos que lhe são familiares e trabalhar em projetos complexos com os mesmos; conseguirem manter interações com outras crianças e trabalhar em projetos complexos com as outras crianças; serem capazes de criar relações de amizade com outras crianças, ao identificarem um colega como amigo ou serem identificadas por um colega como amiga e ainda receberem apoio social de um amigo e mostra lealdade ao amigo; conseguirem resolver os problemas de relações sociais de formas socialmente aceitáveis e de forma independente; ainda compreender os sentimentos dos outros e conseguir exprimir os seus sentimentos de forma aceitável.

Desta forma posso concluir que todos estes elementos contribuíram para que no futuro profissional atenda à dimensão do currículo e à organização do ambiente educativo. Assim, tais evidências permitem-me salientar a importância de existirem momentos na rotina semanal que promovam as relações sociais, com os instrumentos de regulação ajudam no planeamento da organização da vida do grupo, como por exemplo o do mapa de tarefas que ajuda na organização das mesmas para que não haja conflitos entre os responsáveis e o restante grupo.

7.2. Potencialidade e limites do estágio na promoção do desenvolvimento profissional do formando

O estágio teve a duração de três meses, durante esse tempo a aprendizagem foi constante. Cada dia é um dia por isso mesmo nesta profissão, todos os dias são diferentes.

Em todas as atividades que desenvolvi existiu interesse e curiosidade por parte das crianças o que me levou a continuar a fazer mais e melhor. O grupo integrou-se muito bem comigo e vice-versa, assim como a educadora cooperante e a auxiliar.

A sala de atividades está bem organizada assim como dispõe de diversos materiais para as crianças e está organizado de acordo com o Modelo pedagógico do Movimento da escola moderna. Modelo este que eu pretendo aplicar no meu futuro profissional. Este estágio serviu para eu refletir e avaliar todas as situações do dia a dia para melhorar a minha prática pedagógica, pois sem dúvida, que acho bastante importante refletir como foi o dia. Analisar o que correu bem e o que correu menos bem para poder ajustar o currículo. Deparei-me com os instrumentos de regulação do MEM que eu já conheço e, mais uma vez, eu acho que ajudam na organização e compreensão do grupo, onde pode ser dada a oportunidade de as crianças participarem e serem seres ativos dentro da sala de atividade. Como por exemplo, o plano do dia ser feito seguindo as intenções do grupo, o mapa de tarefas também é um instrumento bastante importante onde a criança se sente valorizada por ser responsável, pois desta forma as crianças acabam por estar envolvidas numa relação com o adulto onde realizam trabalhos complexos. Nestas tarefas as crianças vão aprendendo a relacionar-se com os outros, pois têm que respeitar o responsável, ou mesmo ajudá-lo em alguma tarefa, o que ajuda a promover as relações sociais na sala de atividades.

8. Referências Bibliográficas

- Afonso, N. (2005). *Investigação Naturalista em Educação*. Lisboa: Asa Editores.
- Alarcão, I. (2013). *Formação Reflexiva de Professores: estratégias de supervisão*. Porto: Porto Editora.
- Bondioli, A. Mantovani, S. (2003). *Manual de educação Infantil: de 0 a 3 anos – uma abordagem reflexiva*. Porto Alegre: ArtMed.
- Bronfenbrenner, U. (1994). *Internacional Encyclopedia of Education*. Vol.3 2ª ed. Oxford: Elsevier Sciences, Ltd.
- Cruz, I. (1992). O papel educativo das famílias nas crianças em idade pré-escolar. *Inovação*, 5 (1), 95-107.
- Cunha, M. (2007). *Articulação Curricular entre a Educação Pré-escolar e o Primeiro Ciclo do ensino Básico: um estudo exploratório*. Tese de Mestrado, Universidade do Minho, Braga.
- Cardona, M. (1992). A organização do espaço e do tempo na sala de jardim-de-infância. *Cadernos de Educação de Infância*, 24, 8-15.
- Cardona, M. J. (2002). Modelos de formação inicial e desenvolvimento profissional – um estudo sobre os educadores de infância portugueses. *Revista do GEDEI*, 5, 43-61.
- Dewey, J. (1967). *Vida e Educação*. São Paulo: Melhoramentos.
- Ministério da Educação. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar*. Lisboa: Direção Geral de Inovação Curricular.
- Fernandes, A. (2010). *Prática de ensino supervisionado em educação pré-escolar*. Dissertação de mestrado, Instituto politécnico de Bragança – Escola Superior de Educação, Portugal.
- Folque, M. (2014). Reconstruindo a cultura em cooperação mediado pela pedagogia para a infância do Movimento da Escola Moderna portuguesa. *Perspectiva*, 32, 951-975.
- Folque, M. (1999). A influência de Vigotsky no modelo curricular no movimento da escola moderna para a educação pré-escolar. *Escola moderna*, 5, 5-11.
- Formosinho, J. (2009). *Desenvolvendo qualidade em parceria*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.

Formosinho, J. (1996). Prefácio. In: Oliveira-Formosinho, J. (Org.). *Modelos Curriculares para a Educação de Infância*. Porto: Porto Editora.

Formosinho, J. (1996). *Educação Pré-Escolar: A Construção Social da Moralidade*. Lisboa: Texto Editora.

Freire, P. (1997). *Pedagogia da Autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

High/Scope Press. (s/d). *Manual de Registo de Observação da criança*. Michigan: Fundação de Investigação educacional High/Scope.

Hohmann, M. Banet, B. Weikart, P. (1979) *A criança em acção*. Lisboa: Edição Calouste Gulbenkian.

Hohman, M. Weikart, D. (2009). *Educar a criança*. Lisboa: Edição Calouste Gulbenkian.

Ketele, J. Roegiers, X. (1999). *Metodologia da recolha de dados*. Lisboa: Instituto Piaget.

Leite, C. (2001). Avaliação e Projectos Curriculares de Escola e/ou de Turma. Reorganização Curricular do Ensino Básico. In: DEB (Org.). *Avaliação das Aprendizagens: das Concepções às Práticas*. Lisboa: Ministério da Educação/ Departamento de Educação Básica.

Lima, J. (2006). Ética na Investigação. In: Lima, J. & Pacheco, J. (Org.). *Fazer Investigação: Contributos para a Elaboração de Dissertações e Teses*. Porto: Porto Editora.

Lobo, A. (2015). *Estudo da OCDE confirma o “poder” das competências sociais e emocionais*. Acedido em:
<http://www.educare.pt/noticias/noticia/ver/?id=38442&langid=1>.

Máximo-Esteves, L. (2008). *Visão Panorâmica da Investigação-Acção*. Porto: Porto Editora.

Marques, R. (1980). *A Criança na Pré-Escola*. Lisboa: Livros horizonte.

Marques, R. (2008). *A cidadania na Escola*. Lisboa: Livros Horizonte.

Marques, R. (1994). Colaboração escola/família: um conceito para melhorar a educação. *Revista ESES*, 5, 4-11.

Marques, R. (s.d). *A Criança na Pré-Escola. Efeitos e Programas*. Lisboa: Livros Horizonte.

McCartney, K. Phillips, D. (2006). *Blackwell handbook of early childhood development*. UK: BlackWell Publishing.

Ministério da Educação. (2010). *Pré-escolar – Tecnologias de Informação e Comunicação*. Acedido em: <http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/6567/1/MetasTICpublicadas.pdf> [consultador em 15/6/2016]

Niza, S. (1991). O Diário de Turma e o Conselho. *Escola Moderna*, 1, 27-30.

Niza S. (1998) O modelo currículo de educação pré-escolar da escola Moderna portuguesa. In Oliveira Formosinho. *Modelos curriculares para a educação de infância*. Porto: Porto editora.

Oliveira, Z. (2002.) *Educação Infantil: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez Editora.

Portugal, G. (2008). Desenvolvimento e aprendizagem na infância. *Relatório de Estudo: A educação das Crianças dos 0 aos 12 anos*, 33-67.

Ponte, J. (2002). Investigar a nossa própria pratica. In GTI (Org), *Refletir e investigar sobre a prática profissional*, Lisboa: APM.

Saracho, O. Spodek. B. (2007). *Contemporary perspectives on social learning in early childhood education*. EUA: Information Age Publishing Inc.

Schaffer, H. (1996). *Desenvolvimento social da criança*. Almada: Instituto Piaget.

Silva, I. Marques, L. Mata, L. & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a educação pré-escolar*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.

Sim-Sim, I. Silva, A & Nunes, C. (2008). *Linguagem e Comunicação no Jardim de Infância*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.

Skinner, S. (2007). *Creative activities for the early years*. Londres: Sage.

Sommer, R. Sommer, B. (2002). *A practical guide to behavioral research*. Oxford: Oxford University Press.

Sousa, A. B. (2005). *Investigação em Educação*. Lisboa: Livros Horizonte.

Sousa, M. Baptista, C. (2011). *Como Fazer Investigação, Dissertações, Teses e Relatórios*. Lisboa: Pactor.

Vasconcelos, T. (1997). O espaço de aprendizagem. In Feeney, Christensen, & Moravcik, *Who am I in the lives of the children?*. 7, Columbus: Merrill Publishing Company.

Vasconcelos, T. (2009). *A Educação de Infância no Cruzamento de Fronteiras*. Lisboa: Texto Editora.

Whitebread, D., Dawkins, R., Bingham, S., Aguda, A., & Hemming, K. (2008). Our classroom is like a little cosy house! Organizing the early years classroom to encourage independent learning. In D. Whitebread, & P. Coltman, *Teaching and learning in the early years* (pp. 25-59). New York: Routledge.

Zabalza, A. (1987). *Didáctica da educação infantil*. Rio tinto: Edições ASA.

Zabalza. (1998). Os Dez aspectos-chave de uma educação infantil de qualidade. *In Qualidade em Educação Infantil*, 49-61. Porto Alegre: Artmed.

Legislação:

Decreto-lei nº5/97 de 10 de fevereiro - Lei-quadro da Educação pré-escolar.

Decreto de lei nº 379/97 de 27 de dezembro - Condições de segurança a observar na localização, implantação, conceção e organização funcional dos espaços e recreios.

Decreto-lei n.º 241/2001 de 30 de agosto - Perfil específicos de desempenho profissional do educador de infância e do professor do 1.º ciclo do ensino básico.

Decreto de lei nº72-a/2014 de 2 de setembro -o Estatuto das Instituições Particulares de Solidariedade Social.

Despacho conjunto nº268/97 de 25 de agosto - Normas das instalações de pré-escolar.

Despacho conjunto nº 258/97 - Escolha das instalações e do equipamento didático para estabelecimentos de educação pré-escolar.

Apêndices

Apêndice I - Guião da primeira entrevista às crianças

Designação dos blocos	Objetivos	Questões
A Relações sociais na sala de atividades	Compreender as relações sociais que se estabelecem na sala de atividades entre crianças	<ul style="list-style-type: none"> - Quem são os teus amigos aqui na sala? - Porque é que achas que é teu amigo? - Gostas de estar no jardim de infância? Porquê?
B Modo de cooperação entre crianças	Identificar os modos de cooperação entre as crianças no processo de aprendizagem	<ul style="list-style-type: none"> - Gostas de emprestar os teus brinquedos aos teus amigos? - Porquê?
C Organização do ambiente educativo	Compreender como a organização do ambiente educativo pode influenciar as relações sociais entre crianças na sala de jardim-de-infância	<ul style="list-style-type: none"> - Gostas mais de brincar nas áreas sozinho ou com um amigo? - -Conheces as regras da sala? Consegues dizer-me algumas?

Apêndice II- Respostas da primeira entrevista

Nome da criança: Xavier

1.Tens algum amigo aqui na sala?

-Sim. O Valentim.

2.Porque dizes que ele é teu amigo?

-Porque ele ajuda-me a apanhar o Pedro.

3.E tu gostas de brincar com ele? Porquê?

-Sim. Porque ele é meu amigo.

4.Quando vais para as áreas fazes o que queres?

-Sim. Brinco e escolho o meu carro preferido.

5.Gosta de brincar sempre com o teu amigo ou com os outros também?

- Só ao pé do Valentim, porque eu gosto muito dele.

6.Gostas de partilhar os teus brinquedos?

- Não, só com o Valentim.

7.Quais são as regras da sala?

- Não sei.

8.Qual a tua área preferida?

- É a garagem.

9. Gostas de participar nas atividades? Porquê?

- Sim, para fazer trabalhos.

10.Participas em algum projeto?

- Não

11.Gostas mais de brincar sozinho ou acompanhado? Porquê?

-Sozinho, porque ninguém agarra nos meus carros preferidos.

12. Gostas de estar aqui no jardim-de-infância? Porquê?

- Sim. Eu fico feliz porque aqui tenho muitos brinquedos.

Nome da criança: Camila

1.Tens algum amigo aqui na sala?

-Sim. O Gonçalo, o Ricardo, o Rodrigo e a Sofia.

2. Porque dizes que eles são teus amigos?

-Porque eles gostam de brincar.

3.E tu gostas de brincar com eles? Porquê?

- Sim, porque gosto.

4.Quando vais para as áreas fazes o que queres?

- Sim, brinco com o que gosto.

5.Gosta de brincar sempre com os teus amigos ou com os outros também?

- Com todos.

6.Gostas de partilhar os teus brinquedos?

-Não, porque são meus.

7.Quais são as regras da sala?

Não sei, mas na sala não se pode correr.

8.Qual a tua área preferida?

-O faz de conta.

9. Gostas de participar nas atividades? Porquê?

-Sim, porque gosto de participar.

10.Participas em algum projeto?

- Sim, no do ballet e no das amoras.

11.Gostas mais de brincar sozinho ou acompanhado? Porquê?

-Acompanhada, gosto de ter alguém ao pé de mim.

12. Gostas de estar aqui no jardim-de-infância? Porquê?

- Sim. Porque gosto de brincar com os meus amigos e fazemos muitas brincadeiras.

Nome da criança: Joana

1.Tens algum amigo aqui na sala?

- Sim, a Clarinha.

2. Porque dizes que ela é tua amiga?

- Porque brinca comigo.

3.E tu gostas de brincar com ela? Porquê?

- Sim, porque brincamos no faz-de-conta.

4.Quando vais para as áreas fazes o que queres?

- Sim, brinco com o que gosto.

5.Gostas de brincar sempre com a tua amiga ou com os outros também?

- Com todos.

6.Gostas de partilhar os teus brinquedos?

- Sim gosto.

7.Quais são as regras da sala?

- Não sei.

8.Qual a tua área preferida?

- Faz-de-conta.

9. Gostas de participar nas atividades? Porquê?

- Gosto, porque eu gosto de fazer trabalhos.

10.Participas em algum projeto?

- Sim, no projeto do ballet.

11.Gostas mais de brincar sozinha ou acompanhada? Porquê?

- Acompanhada, para ter com quem brincar.

12. Gostas de estar aqui no jardim-de-infância? Porquê?

- Sim. Porque gosto muito de vir brincar para o faz-de-conta.

Nome da criança: Clara

1.Tens algum amigo aqui na sala?

- Sim, a Joana.

2. Porque dizes que ele é teu amigo?

- Porque às vezes ela brinca comigo.

3.E tu gostas de brincar com ela? Porquê?

- Sim, porque ela é minha amiga.

4.Quando vais para as áreas fazes o que queres?

- Sim, brinco no faz-de-conta e na escrita.

5.Gostas de brincar sempre com o teu amigo ou com os outros também?

- Gosto de brincar só com a Joana.

6.Gostas de partilhar os teus brinquedos?

- Sim. Gosto de mostrar aos outros.

7.Quais são as regras da sala?

- Não sei.

8.Qual a tua área preferida?

- Faz-de-conta e escrita.

9. Gostas de participar nas atividades? Porquê?

- Sim. Gosto, para poder trabalhar.

10. Participas em algum projeto?

- Sim, no do ballet e no das amoras.

11. Gostas mais de brincar sozinho ou acompanhado? Porquê?

- Sozinha, para não me tirarem os brinquedos.

12. Gostas de estar aqui no jardim-de-infância? Porquê?

- Sim. Gosto de vir brincar com a Joana.

Apêndice III - Guião da Segunda entrevista às crianças

Designação dos blocos	Objetivos	Questões
A Relações sociais na sala de atividades	Compreender as relações sociais que se estabelecem na sala de atividades entre crianças	<ul style="list-style-type: none"> - Quem são os teus amigos? - Como fazes se estiveres a ter um conflito com um amigo ou uma amiga? - Quem são os adultos da sala? - O que gostas de fazer com os adultos? - Gostas de estar no jardim-de-infância? Porquê?
B Modo de cooperação entre crianças	Identificar os modos de cooperação entre as crianças no processo de aprendizagem	<ul style="list-style-type: none"> - Gostas de trazer os teus brinquedos? - Gostas de emprestar os teus brinquedos aos teus amigos? -Gostas, porquê? - Lembras-te que construímos o placar? Como foi, lembras-te?
C Organização do ambiente educativo	Compreender como a organização do ambiente educativo pode influenciar as relações sociais entre crianças na sala de jardim-de-infância	<ul style="list-style-type: none"> - Gostas de brincar nas áreas? - Gostas mais de brincar nas áreas sozinho ou com um amigo? -Conheces as regras da sala? Quais são? - Achas as regras importantes?

Apêndice IV - Respostas à segunda entrevista

Nome da criança: Xavier

1. Costumas de trazer brinquedos para o jardim de infância?

- Sim, costume.

2. E gostas de os emprestar aos amigos? Porquê?

- Sim, gosto. Porque eles também me emprestam os deles a mim.

3. Gostas de brincar nas áreas?

- Gosto, porque tem muito brinquedos.

4. E gostas de brincar sozinho ou acompanhado? Porquê?

- Acompanhado com o Gabriel, Matilde e o Pedro. Porque eles são meus amigos e são fixes.

5. Conheces as regras da sala?

- Sim.

6. Lembraste que construímos o placard das regras? Como foi construído lembraste?

- Sim, sentados na mesa, cada um dizia uma regra.

7. E consegues dizer-me algumas das regras?

- Sim. Não bater nos amigos, não empurrar, não morder, não gritar e não cuspir.

8. Quem são os teus amigos aqui na sala?

- O Gabriel, o Pedro e a Matilde, porque são fixes emprestam-me os brinquedos.

9. Achas que as regras são importantes?

- Sim porque temos que as cumprir.

10. Como fazes se estiveres a ter um conflito (uma zanga) com um amigo?

- Peço desculpa, ou pergunto o que se passou.

11. Quem são os adultos da sala?

- És tu, a Rosa e a Sandra.

12. O que gosta de fazer com os adultos da sala?

- Gosto de fazer trabalhos rápidos e jogar o jogo dos ursos com uma de vocês.

13. Gostas de estar aqui no jardim-de-infância? Porquê?

- Sim. Porque todos os dias aprendo coisas.

Nome da criança: Camila

1.Costumas de trazer brinquedos para o jardim de infância?

-Não, porque a minha mãe não deixa.

2.E se trouxesses gostavas de os emprestar aos amigos? Porquê?

Não, porque são meus.

3.Gostas de brincar nas áreas?

-Sim, no faz de conta e na escrita.

4.E gostas de brincar sozinho ou acompanhado? Porquê?

- Acompanhada, porque sim.

5.Conheces as regras da sala?

- Algumas.

6.Lembraste que construímos o placard das regras? Como foi construído lembraste?

- Sim, só me lembro que estávamos sentados na mesa e só diziam a regras os que sabiam.

7.E consegues dizer-me algumas das regras?

- Sim. Não gritar, não bater, não morder e não correr.

8.Quem são os teus amigos aqui na sala?

- O Rodrigo.

9.Achas que as regras são importantes?

- Sim, para não as fazer.

10.Como fazes se estiveres a ter um conflito (uma zanga) com um amigo?

- Grito e venho dizer.

11.Quem são os adultos da sala?

- Sofia, a Sandra e a Rosa.

12.O que gostas de fazer com os adultos da sala?

- Fazer os trabalhos que mandam.

13. Gostas de estar aqui no jardim-de-infância? Porquê?

- Sim. Porque posso ir para a escrita fazer o plano do dia com o Rodrigo.

Nome da criança: Clara

1.Costumas de trazer brinquedos para o jardim de infância?

-Sim.

2.E gostas de os emprestar aos amigos? Porquê?

- Sim, empresto porque quero.

3.Gostas de brincar nas áreas?

- Sim, porque posso brincar.

4.E gostas de brincar sozinho ou acompanhado? Porquê?

- Sozinha, porque gosto.

5.Conheces as regras da sala?

-Sei.

6.Lembraste que construímos o placard das regras? Como foi construído lembraste?

-Sim. Na mesa os meninos foram dizendo as regras que sabiam.

7.E consegues dizer-me algumas das regras?

- Não correr, não bater e não gritar.

8.Quem são os teus amigos aqui na sala?

- A Joana, porque eu gosto muito dela.

9.Achas que as regras são importantes?

-São. Se não as cumprir posso ir para o hospital.

10.Como fazes se estiveres a ter um conflito (uma zanga) com um amigo?

- Converso e dou um beijinho.

11.Quem são os adultos da sala?

- A Sandra, a Rosa e tu.

12.O que gosta de fazer com os adultos da sala?

- Ajudar, gosto de pôr a mesa e ouvir histórias contigo.

13. Gostas de estar aqui no jardim-de-infância? Porquê?

- Sim. Mas não gosto quando o Ricardo me bate.

Nome da criança: Joana

1.Costumas de trazer brinquedos para o jardim de infância?

- Sim, trago para brincar.

2.E gostas de os emprestar aos amigos? Porquê?

- Sim, porque eu gosto de emprestar.

3.Gostas de brincar nas áreas?

- Sim, no faz de conta, na escrita e nos castelos.

4.E gostas de brincar sozinho ou acompanhado? Porquê?

- Sozinha, para não chatearem.

5.Conheces as regras da sala?

- Sim, não bater nos amigos, não cuspir nem saltar.

6.Lembraste que construímos o placard das regras? Como foi construído lembraste?

- Sim, lembro. Na mesa, correu bem só falavam os que sabem.

7.E consegues dizer-me algumas das regras?

- Não bater nos amigos, não se cuspe, não correr nem saltar.

8.Quem são os teus amigos aqui na sala?

- A Clara, o Rodrigo e a Marta.

9.Achas que as regras são importantes?

- Sim, porque se não vocês chateiam-se.

10.Como fazes se estiveres a ter um conflito (uma zanga) com um amigo?

-Falo com ele.

11.Quem são os adultos da sala?

-A Rosa, a Sandra e a Sofia.

12.O que gosta de fazer com os adultos da sala?

-Gosto de fazer todos os trabalhos que os adultos mandam.

13. Gostas de estar aqui no jardim-de-infância? Porquê?

- Sim. Gosto de brincar no faz-de-conta, mas às vezes a Clara não quer brincar comigo.

Apêndice V – Registo de Observações do COR

Nome: Xavier

Idade: 3 anos

Observações: primeiro ano em Jardim de Infância

E. Relações com adultos	Observação 1	Observação 2
1. A Criança ainda não interage com os adultos do programa.		
2. A criança responde quando adultos que lhe são familiares iniciam as interações.		
3. A criança inicia as interações com adultos que lhe são familiares.		
4. A criança mantém interações com adultos que lhe são familiares.	X	
5. A criança trabalha em projetos complexos com adultos que lhe são familiares (partilha o trabalho, segue regras).		X

Exemplos:

- 23/11/2016 – Enquanto se abordava a história do corpo humano o Xavier referiu que aquelas informações também estavam no livro do corpo humano que ele tinha em casa.
- 6/1/2017 – O grupo estava no tapete a falar todos ao mesmo tempo. Para ajudar o adulto este diz para ele “Não se pode falar assim pois não? Tem de ser um de cada vez”, ao que o adulto respondeu “*Tens razão Xavier, assim é uma grande confusão.*” e a criança disse “*Eu vou esperar pela minha vez.*”. Virou-se para o restante grupo e pediu para se calarem porque não dá para ouvir ninguém.

F. Relações com outras crianças	Observação 1	Observação 2
1. A criança ainda não brinca com outras crianças.		
2. A criança responde quando outras crianças iniciam interações.		
3. A criança inicia interações com outras crianças.		
4. A criança mantém interações com outras crianças.		
5. A criança trabalha em projetos complexos com outras crianças (partilha trabalhos, segue regras).	X	X

Exemplo:

- 5/12/2016 – O Xavier, na área das construções convida o Gabriel para o ajudar a contruir um castelo para os animais que não têm casa, ambos vão buscar as peças grandes e pequenas e iniciam a construção.
- 5/12/2016 - Depois da confeção do bolo, o Xavier andava pela sala a dizer aos amigos que tinham de falar baixo par ao bolo puder crescer.

G. Criação de relações de amizade com outras crianças	Observação 1	Observação 2
1. A criança ainda não identifica os colegas pelos nomes.		
2. A criança identifica algumas crianças pelo nome e fala acerca delas ocasionalmente.		
3. A criança identifica um colega como amigo.		
4. A criança é identificada por um colega como amiga.		
5. A criança parece receber apoio social de um amigo e mostra lealdade ao amigo.	X	X

Exemplo:

- 21/11/2016- O Rodrigo sujou o pijama e ficou triste por ter de vestir um fato de treino. O Rodrigo começou a chorar a dizer que não queria tirar o pijama porque queria brincar com os amigos e o Xavier aproximou-se dele e disse que podia vestir o fato de treino que ele brincaria na mesma com ele, e deu-lhe a mão.
- 11/1/2017 – O Rodrigo estava na área da garagem e começou a atirar carros ao ar o Xavier entreviu dizendo “Não faças isso, partes os carros e depois não temos. Os carros são no chão. Anda eu brinco contigo.”

H. Envolvimento na resolução de problemas de relações sociais	Observação 1	Observação 2
1. A criança ainda não colabora com outros para resolver um conflito, em vez disso, foge ou usa a força.		
2. A criança encontra normas aceitáveis de obter a atenção dos outros (não bate nem dá pontapés para chamar a atenção)		
3. A criança requer ajuda do adulto para a resolução de problemas com outras crianças.		
4. A criança tenta por vezes resolver os problemas com outras crianças de forma independente, pela negociação ou por outros meios socialmente aceitáveis.		
5. A criança resolve geralmente com autonomia	X	X

problemas com outras crianças (partilha materiais, toma a vez).

Exemplo:

- 4/11/2016 – Enquanto o Xavier brincava na área de expressão livre com os fantoches, o Ricardo empurrou os fantoches todos que estavam em cima do castelo para o chão. O Xavier levantou-se e disse “Oh Ricardo, não se faz isso. Agora tens que me ajudar a apanhá-los”.

- 4/1/2017 - O Xavier foi para a área da matemática e a Camila já lá estava, a ocupar a mesa toda e o Xavier pediu-lhe para que ela se desviasse para ele puder fazer um jogo, dizendo “A mesa dá para os dois”

I. Compreensão e expressão de sentimentos	Observação 1	Observação 2
1. A criança ainda não expressa ou verbaliza sentimentos.		
2. A criança expressa ou verbaliza sentimento, mas, por vezes, de modos socialmente inaceitáveis.		
3. A criança demonstra consciência dos sentimentos dos outros.		
4. A criança exprime geralmente os sentimentos de forma aceitável.	X	X
5. A criança responde apropriadamente aos sentimentos dos outros.		

Exemplo:

- 18/11/2016 – Na área da oralidade e escrita o Xavier diz para a Joana “Não risques o meu plano do dia, estás a estragar!”

- 4/1/2017 – O Ricardo começou a cuspir para a mesa onde estava o Xavier “Pára, não se cospe. Olha as regras!”

Nome: Clara

Idade: 3 anos

Observações: primeiro ano em Jardim de Infância

E. Relações com adultos	Observação 1	Observação 2
1. A Criança ainda não interage com os adultos do programa.		
2. A criança responde quando adultos que lhe são familiares iniciam as interações.		

3. A criança inicia as interações com adultos que lhe são familiares.		
4. A criança mantém interações com adultos que lhe são familiares.		
5. A criança trabalha em projetos complexos com adultos que lhe são familiares (partilha o trabalho, segue regras).	X	X

Exemplos:

- 7/12/2016 – A Clara está a fazer um trabalho na área da oralidade e escrita e nota que lhe falta a cola. Vai ter com o adulto e pergunta onde está a cola. O adulto diz à Clara para ir a outra sala buscar a cola, utilizar, e depois entregar; ao que ela procede.
12/1/2017 – A Terapeuta entrou na sala, e a Clara foi chamá-la para ela ver o seu desenho, e disse-lhe “Queres fazer comigo?”

F. Relações com outras crianças	Observação 1	Observação 2
1. A criança ainda não brinca com outras crianças.		
2. A criança responde quando outras crianças iniciam interações.		
3. A criança inicia interações com outras crianças.		
4. A criança mantém interações com outras crianças.	X	
5. A criança trabalha em projetos complexos com outras crianças (partilha trabalhos, segue regras).		X

Exemplo:

- 28/11/2016 – Na área do faz de conta a Clara distribui as tarefas por cada um dos amigos, elaborando uma brincadeira onde ela é a mãe e orienta os outros: deitarem-se na cama para dormir, ir às compras, sentarem-se na mesa para lanchar.
- 13/1/2017 – A Clara estava na área dos jogos e como não conseguia montar o puzzle, pediu ao Rodrigo se a podia ajudar.

G. Criação de relações de amizade com outras crianças	Observação 1	Observação 2
1. A criança ainda não identifica os colegas pelos nomes.		
2. A criança identifica algumas crianças pelo nome e fala acerca delas ocasionalmente.		
3. A criança identifica um colega como amigo.		

4. A criança é identificada por um colega como amiga.		
5. A criança parece receber apoio social de um amigo e mostra lealdade ao amigo.	X	X

Exemplo:

- 28/10/2016 – A Joana estava a brincar com a panela do faz-de-conta, e o Ricardo tira-lha e empurra-a. A Joana começa a chorar e a Clara confronta-a.

- 6/1/2017 – A Clara estava a brincar com a Matilde na área das expressões visuais, e Enzo tirou a plasticina à Matilde. A Clara disse “Devolve a plasticina. Ela é que está a brincar.”

H. Envolvimento na resolução de problemas de relações sociais	Observação 1	Observação 2
1. A criança ainda não colabora com outros para resolver um conflito, em vez disso, foge ou usa a força.	X	
2. A criança encontra normas aceitáveis de obter a atenção dos outros (não bate nem dá pontapés para chamar a atenção)		
3. A criança requer ajuda do adulto para a resolução de problemas com outras crianças.		X
4. A criança tenta por vezes resolver os problemas com outras crianças de forma independente, pela negociação ou por outros meios socialmente aceitáveis.		
5. A criança resolve geralmente com autonomia problemas com outras crianças (partilha materiais, toma a vez).		

Exemplo:

- 12/12/2016 – O Guilherme senta-se numa cadeira na área da oralidade e escrita e a Clara diz-lhe “Sai daí que essa cadeira é minha” empurrando o amigo para o lado.

- 4/1/2017 – A Clara estava na área do faz de conta, com o cesto das compras. O Xavier deu-lhe um empurrão, e as compras caíram ao chão. A Clara foi ter com o adulto para contar a situação.

I. Compreensão e expressão de sentimentos	Observação 1	Observação 2
1. A criança ainda não expressa ou verbaliza sentimentos.		
2. A criança expressa ou verbaliza sentimento, mas, por		

vezes, de modos socialmente inaceitáveis.		
3. A criança demonstra consciência dos sentimentos dos outros.		
4. A criança exprime geralmente os sentimentos de forma aceitável.	X	X
5. A criança responde apropriadamente aos sentimentos dos outros.		

Exemplo:

- 24/10/2016 – Na área do faz de conta a Clara diz ao guilherme para se deitar na cama. O Guilherme não se quer deitar, ao que a Clara responde “Porque é que não te deitas? Estás a estragar a brincadeira e assim eu fico triste.”

- 11/1/2017 – Na reunião da manhã, a Clara estava a contar a sua novidade e os outros meninos estavam a falar. A Clara ficou chateada e disse “Eles não ouvem. Não conto mais!”

Nome: Joana

Idade: 3 anos

Observações: primeiro ano em Jardim de Infância

E. Relações com adultos	Observação 1	Observação 2
1. A Criança ainda não interage com os adultos do programa.		
2. A criança responde quando adultos que lhe são familiares iniciam as interações.		
3. A criança inicia as interações com adultos que lhe são familiares.		
4. A criança mantém interações com adultos que lhe são familiares.	X	X
5. A criança trabalha em projetos complexos com adultos que lhe são familiares (partilha o trabalho, segue regras).		

Exemplos:

- 7/10/2016 – A Joana vem ter com o adulto e conta que na casa dela da Amadora tem muitas bonecas como aquela história na biblioteca. Pergunta ao adulto se quer ir ver a história.

- 4/1/2017 – Na reunião da manhã a joana disse para o adulto: “Sofia na sala não se corre, nem se bate aos amigos, só damos beijinhos. Se batermos eles fazem o mesmo a nós”.

F. Relações com outras crianças	Observação 1	Observação 2
1. A criança ainda não brinca com outras crianças.		
2. A criança responde quando outras crianças iniciam interações.		
3. A criança inicia interações com outras crianças.		
4. A criança mantém interações com outras crianças.	X	
5. A criança trabalha em projetos complexos com outras crianças (partilha trabalhos, segue regras).		X

Exemplo:

- 14/12/2016 – Na área das ciências e da matemática a Joana, com a Marta, estavam a fazer padrões no jogo dos picos. Sem querer, a caixa caiu ao chão, e ambas apanharam para continuarem o jogo.
- 4/1/2017 – Na ida para o refeitório as crianças que estavam no comboio começaram a empurrar e a Joana disse-lhes “Não empurrem! Temos que ficar em fila e respeitar o nosso par!”

G. Criação de relações de amizade com outras crianças	Observação 1	Observação 2
1. A criança ainda não identifica os colegas pelos nomes.		
2. A criança identifica algumas crianças pelo nome e fala acerca delas ocasionalmente.		
3. A criança identifica um colega como amigo.		
4. A criança é identificada por um colega como amiga.		
5. A criança parece receber apoio social de um amigo e mostra lealdade ao amigo.	X	X

Exemplo:

- 28/10/2016 – A Joana estava a brincar com a panela do faz-de-conta, e o Ricardo tirava e empurra-a. A Joana começa a chorar e a Clara confronta-a.
- 11/1/2017 – A Joana viu a Maria Isabel a tirar a febre, aproximou-se e perguntou “Estás doente? Precisas de miminhos?”. A Maria Isabel respondeu que sim e a Joana deu-lhe um abraço e um beijinho na testa.

H. Envolvimento na resolução de problemas de relações sociais	Observação 1	Observação 2
1. A criança ainda não colabora com outros para resolver um conflito, em vez disso, foge ou usa		

a força.

2. A criança encontra normas aceitáveis de obter a atenção dos outros (não bate nem dá pontapés para chamar a atenção)

3. A criança requer ajuda do adulto para a resolução de problemas com outras crianças. X

4. A criança tenta por vezes resolver os problemas com outras crianças de forma independente, pela negociação ou por outros meios socialmente aceitáveis.

5. A criança resolve geralmente com autonomia problemas com outras crianças (partilha materiais, toma a vez). X

Exemplo:

- 2/11/2016 - A Maria Isabel não quer partilhar os rolos da plasticina com a Joana. A Joana vai ter com o adulto para pedir ajuda.

- 6/12/2016 – A Joana estava na área da escrita e disse para a Leonor: “Não cortes o cabelo! A tesoura é para cortar a folha de papel... assim, olha” e fez.

I. Compreensão e expressão de sentimentos

Observação 1

Observação 2

1. A criança ainda não expressa ou verbaliza sentimentos.

2. A criança expressa ou verbaliza sentimento, mas, por vezes, de modos socialmente inaceitáveis.

3. A criança demonstra consciência dos sentimentos dos outros.

4. A criança exprime geralmente os sentimentos de forma aceitável. X X

5. A criança responde apropriadamente aos sentimentos dos outros.

Exemplo:

- 4/11/2016 – Na casa de banho a Joana vai tirar o papel para limpar as mãos e a Marta molha-a com as mãos e ela diz-lhe “Pára, estás a molhar-me, eu não quero ficar molhada!”

- 12/1/2017 – A Joana começa aos pulinhos. Quando o adulto lhe questiona o porquê, ela diz “Oh Sofia, eu tenho xixi.”

Nome: Camila

Idade: 3 anos

Observações: primeiro ano em Jardim de Infância

E. Relações com adultos	Observação 1	Observação 2
1. A Criança ainda não interage com os adultos do programa.		
2. A criança responde quando adultos que lhe são familiares iniciam as interações.		
3. A criança inicia as interações com adultos que lhe são familiares.	X	
4. A criança mantém interações com adultos que lhe são familiares.		X
5. A criança trabalha em projetos complexos com adultos que lhe são familiares (partilha o trabalho, segue regras).		

Exemplos:

- 17/10/2016 – A Camila mostra ao adulto o jogo que construiu.

- 4/1/2017 – Quando o grupo estava sentado no tapete a reforçar as regras a Camila entrevistou e disse ao adulto *Sofia, eu já trouxe um diospiro, para partilhar com os amigos, não foi Sofia?* e a Educadora estagiária responde:” *Pois foi Camila quando falamos nos frutos do outono trouxeste um diospiro. E gostaste de partilhar com os amigos?*”

Camila: “*Sim*”.

F. Relações com outras crianças	Observação 1	Observação 2
1. A criança ainda não brinca com outras crianças.		
2. A criança responde quando outras crianças iniciam interações.		
3. A criança inicia interações com outras crianças.	X	X
4. A criança mantém interações com outras crianças.		
5. A criança trabalha em projetos complexos com outras crianças (partilha trabalhos, segue regras).		

Exemplo:

- 6/10/2016 – Durante a brincadeira livre na rua a Camila pergunta à Matilde se quer brincar às fadas.

- 5/1/2017 – A Camila desenhou as nuvens e perguntou ao Gabriel se achava que estava bem.

G. Criação de relações de amizade com outras crianças	Observação 1	Observação 2
1. A criança ainda não identifica os colegas pelos nomes.		
2. A criança identifica algumas crianças pelo nome e fala acerca delas ocasionalmente.		
3. A criança identifica um colega como amigo.		
4. A criança é identificada por um colega como amiga.		X
5. A criança parece receber apoio social de um amigo e mostra lealdade ao amigo.	X	

Exemplo:

- 12/10/2010 – A Camila queria ajuda para apertar os botões da bata. Ao invés de pedir começou a chorar. A Matilde dirigiu-se à Camila e oferece ajuda.
- 6/1/2017 – A Camila tirou um bebé ao Xavier quando estava na área do faz de conta, e o Xavier disse “Não se tira os brinquedos aos amigos, espera pela tua vez”

H. Envolvimento na resolução de problemas de relações sociais	Observação 1	Observação 2
1. A criança ainda não colabora com outros para resolver um conflito, em vez disso, foge ou usa a força.		
2. A criança encontra normas aceitáveis de obter a atenção dos outros (não bate nem dá pontapés para chamar a atenção)		
3. A criança requer ajuda do adulto para a resolução de problemas com outras crianças.	X	
4. A criança tenta por vezes resolver os problemas com outras crianças de forma independente, pela negociação ou por outros meios socialmente aceitáveis.		X
5. A criança resolve geralmente com autonomia problemas com outras crianças (partilha materiais, toma a vez).		

Exemplo:

- 25/11/2016 – A Camila começou a chorar porque o Ricardo lhe tirou os ténis. O Adulto teve que intervir.

- 11/1/2017 – O Pedro estava a gritar, a Camila olhou para ele e disse “Pedro, não podes gritar na sala. É uma das regras. Queremos brincar.”

I. Compreensão e expressão de sentimentos	Observação 1	Observação 2
1. A criança ainda não expressa ou verbaliza sentimentos.		
2. A criança expressa ou verbaliza sentimentos, mas, por vezes, de modos socialmente inaceitáveis.		
3. A criança demonstra consciência dos sentimentos dos outros.	x	
4. A criança exprime geralmente os sentimentos de forma aceitável.		
5. A criança responde apropriadamente aos sentimentos dos outros.		X

Exemplo:

- 7/12/2016 – A Camila contrariou a Clara porque não queria ir brincar para o faz-de-conta. A Clara fica triste e a Camila decidiu então ir brincar com ela.

- 6/1/2017 – A Camila estava a colar papelinhos no número dois, ao seu lado estava o Gonçalo que estava com dificuldade em tirar o papel autocolante. Ela perguntou se ele queria ajuda.

Apêndice VI – Planificações das atividades desenvolvidas

INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS EDUCATIVAS

Prática Supervisionada III – 2º Ano

Nome: Sofia Silva		Local de Prática: Jardim-de-infância- O Cantinho		Educadora cooperante: Sandra Seno Nº de crianças: 23		Data: 04/11/2016
Temas/ Projetos: Yoga/ cores do outono e construção da árvore					Grupo Etário: 3 anos	
ÁREAS DE CONTEÚDO	OBJETIVOS	ATIVIDADES/ESTRATÉGIAS	RECURSOS			TEMPO
			Materiais	Espaciais	Humanos	
Área de Expressão e Comunicação (Domínio da Linguagem Oral e abordagem à escrita) Área de Formação Pessoal e Social	-Promover o diálogo -Desenvolver a autonomia na tomada de decisões; - Adquirir responsabilidade de marcar a presença	O acolhimento é feito ao redor da mesa polivalente entre as 9h 30m/10h. Cantamos o bom dia, elaboramos o plano do dia e vamos marcar as presenças. De seguida começamos as atividades.	-Folha A4 -Canetas de feltro	Sala de atividades	- Educadora estagiária; - Crianças.	30 minutos
Área de Expressão e Comunicação	Promover o equilíbrio -Aceitar as regras	Atividade 1: Atividade de yoga Depois do bom dia, retiramos as mesas da área polivalente para termos um espaço amplo. Vou ao refeitório buscar a televisão, porque hoje a aula de	-Vídeo “Yoga”	Sala de atividades	- Educadora estagiária; - Crianças.	30 minutos

<p>- Domínio da Educação física Área de Formação Pessoal e Social</p> <p>Área do conhecimento do mundo</p>	<p>da atividade</p> <p>-Adquirir técnicas de concentração</p> <p>-Aprender que as cores podem ser misturadas e que resultam noutras cores.</p> <p>-Aprender a fazer as cores do outono</p>	<p>educação física vai ser diferente. Vamos visualizar um vídeo de yoga vamos vendo e ao mesmo tempo vamos fazendo os exercícios.</p> <p>Atividade 2:</p> <p>Vamos aprender a fazer as cores do outono com as tintas. As crianças irão se sentar no tapete, à frente delas colocamos uma mesa e irei chamar duas delas para fazerem o laranja, num prato elas vão deitar um pouco de vermelho e amarelo, vão misturar com um pincel até obterem o laranja. Outras duas irão fazer o castanho, deitando um pouco de tinta azul, amarelo e rosa uma deita as tintas para o prato e a outra irá efetuar a mistura obtendo assim o castanho. Por fim outras duas irão fazer o verde. Individualmente vão fazer uma pintura com o pincel numa folha A3 utilizando todas estas cores de outono incluindo o amarelo e o vermelho. Depois de estar seco vamos colocar uma folha de outono em cima para fazer os contornos da folha para depois recortarmos e ficarmos com o desenho de uma folha.</p>	<p>-Tintas: castanho, verde, laranja, amarelo e vermelho -Pinceis -Folhas -Tesoura</p>	<p>Sala atividades</p>	<p>- Educadora estagiária; - Crianças.</p>	<p>45 minutos</p>
--	--	--	--	------------------------	--	-------------------

Área de Formação Pessoal e Social	<ul style="list-style-type: none"> - Saber respeitar a sua vez. -Saber respeitar o trabalho do outro. - Ser capaz de desenvolver projetos complexos com as outras crianças 	Atividade 3: Por fim iremos construir uma árvore de outono com as folhas e os ramos apanhados na saída ao exterior. A árvore será construída em grande grupo.	-Papel cenário -Lápis de cor - Folhas -Ramos -Cola -Cartolina	Sala de atividades	- Educadora estagiária; - Crianças.	60 minutos
-----------------------------------	---	---	--	--------------------	--	------------

INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS EDUCATIVAS
Prática Supervisionada III – 2º Ano

Nome: Sofia Silva		Local de Prática: Jardim-de-infância- O Cantinho	Educadora cooperante: Sandra Seno Nº de crianças: 22		Data: 07/11/2016 11/11/2016	
Temas/ Projetos: São martinho				Grupo Etário: 3 anos		
ÁREAS DE CONTEÚDO	OBJETIVOS	ATIVIDADES/ESTRATÉGIAS	RECURSOS			TEMPO
			Materiais	Espaciais	Humanos	
Área de Expressão e Comunicação Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à escrita	-Promover o diálogo; -Adquirir responsabilidade.	O acolhimento é feito na sala ao redor da mesa polivalente entre as 9h 30m/10h. Cantamos o bom dia, elaboramos o plano do dia e vamos marcar as presenças. De seguida começamos as atividades. Atividade 1:	-Folha A4 -Canetas de feltro	Sala de atividades	- Educadora estagiária; - Crianças.	30minutos
Área de Expressão e Comunicação Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à escrita	- Saber escutar -Adquirir novo vocabulário -Desenvolver a expressão oral	Depois do bom dia, permanecemos na mesa polivalente e conto a história da “Maria castanha”. De seguida peço para que façam o reconto da história para que todos percebam do que se tratava a história	-Livro “Maria castanha”	Sala de atividades	- Educadora estagiária; - Crianças. -	20minutos

Área de conhecimento do mundo	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar frutos de outono -Descobrir que existem diversos frutos do outono 	<p>Atividade 2: Depois mostro imagens de vários frutos do outono tais como: castanha, romã, maçã e diospiro, para que a crianças visualizem e me digam qual o nome do fruto desta época.</p>	-Imagens de diversos frutos	Sala atividades	Educadora estagiária; - Crianças.	20 minutos
Área de Expressão e Comunicação Domínio da educação artística	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver o sentido estético 	<p>Atividade 3:</p> <p>Individualmente vamos construir a Maria castanha na mesa polivalente. As crianças estão nas áreas e vou chamando para elaborarmos a Maria castanha.</p> <p>Uns irão colar o cabelo que é feito de lã, outros os olhos com as tampas, a roupa com o feltro e assim sucessivamente de forma a que todas participem e que consigam visualizar a figura humana.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Cola -Feltro -Tampas -Papel crepe -Folhas de outono -Tinta -Lã 	Sala atividades	Educadora estagiária; - Crianças.	1h 20m
Área de Formação Pessoal e Social	<ul style="list-style-type: none"> -Cooperar com os outros no processo de aprendizagem 	<p>Em conjunto fazer o resumo da história, para que a crianças se lembrem do que ouviram, para colocar ao lado da maria castanha e por fim fazer o teatro da história.</p>				
Área de Expressão e Comunicação Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à escrita	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver a linguagem -Exercitar a memória 					

INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS EDUCATIVAS
Prática Supervisionada III – 2º Ano

Nome: Sofia Silva		Local de Prática: Jardim-de-infância- O Cantinho		Educadora cooperante: Sandra Seno Nº de crianças: 25		Data: 14/11/2016 18/11/2016	
Temas/ Projetos: Construção das imagens da história “A fada partiu a asa”				Grupo Etário: 3 anos			
ÁREAS DE CONTEÚDO	OBJETIVOS	ATIVIDADES/ESTRATÉGIAS	RECURSOS			TEMPO	
			Materiais	Espaciais	Humanos		
Área de Expressão e Comunicação Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à escrita Área de Formação Pessoal e Social	- Desenvolver a linguagem; -Iniciar e manter relações com os adultos e os pares;	O acolhimento é das 9h 30m/10h em redor da mesa polivalente. Cantamos o bom dia, elaboramos o plano do dia, e como hoje é segunda as crianças contam as novidades. Escrevo a novidade de cada criança numa folha a4 e só depois é que irão marcar a presença. Atividade 1: As crianças que contarem alguma novidade vão ficar na mesa polivalente a escrever essa novidade, por baixo do que eu escrevi. As restantes vão para as áreas brincar.	-Canetas de feltro -Folha A4	Sala de atividades	Educadora estagiária; - Crianças.	40 minutos	
Área de Expressão e Comunicação - Domínio da Linguagem	-Despertar para a curiosidade da escrita		- Folha a4 -Caneta	Sala atividades	Educadora estagiária; - Crianças.	40 minutos	

Oral e Abordagem a Escrita		À hora pedida as crianças arrumam as áreas e vão fazer a higiene para se preparem para o almoço.				
Área de Expressão e Comunicação - Domínio da Linguagem Oral e Abordagem a Escrita	- Conseguir escutar – Adquirir novo vocabulário -Compreender o que ouve.	Atividade 2: As crianças irão se sentar no tapete para ouvirem a história “a fada que partiu a asa” que está relacionada com o dia nacional do pijama e irão aprender a música que está relacionada com esta causa.	-Livro “A fada que partiu as asas”	Sala atividades	Educadora estagiária; - Crianças.	20 minutos
Área de Expressão e Comunicação -Subdomínio das Artes Visuais	-Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de experimentações e produções plásticas -Desenvolver a capacidade de pintar	Atividade 3: As crianças vão realizar as diversas atividades que se destinam a representar este dia. Irão construir uma casa, uma varinha mágica, fazer estrelas e relógio de cuco. Serão divididas por grupos em que cada grupo ficará responsável pelo desenho pretendido.	- Tintas -Cola -Papel cenário Purpurinas -Palhas -Cartolina	Sala atividades	Educadora estagiária; - Crianças.	1h 30m
Área de Formação Pessoal e Social	-Saber trabalhar em equipa -Saber gerir os conflitos					

INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS EDUCATIVAS
Prática Supervisionada III – 2º Ano

Nome: Sofia Silva		Local de Prática: Jardim-de-infância- O Cantinho		Educadora cooperante: Sandra Seno Nº de crianças: 23		Data: 21/11/2016	
Temas/ Projetos: Dia Nacional do pijama				Grupo Etário: 3 anos			
ÁREAS DE CONTEÚDO	OBJETIVOS	ATIVIDADES/ESTRATÉGIAS	RECURSOS			TEMPO	
			Materiais	Espaciais	Humanos		
Área de Expressão e Comunicação - Domínio da Linguagem Oral e Escrita Área de Formação Pessoal e Social	-Promover o diálogo -Desenvolver a autonomia na tomada de decisões; - Adquirir responsabilidade de marcar a presença	O acolhimento é feito na sala de atividades ao redor da mesa polivalente e ocorrerá entre as 9h30/10h.Cantaremos o bom dia para iniciar o nosso dia de seguida elaboramos o plano do dia e depois as crianças irão marcar as presenças. Atividade 1	-Folha a4 -Canetas de feltro	Sala de atividades	Educadora estagiária; - Crianças.	30 minutos	
Área de expressão e comunicação	-Identificar o número de crianças no jogo	Vamos realizar diversos jogos, um deles será o jogo das cadeiras. Cada vez que parar a música as crianças têm que se sentar. Aproveitamos e	-Rádio -Cadeiras	Sala de atividades	Educadora estagiária; - Crianças.	25 minutos	

Domínio da Matemática		fazemos a contagem de quantas crianças estão sentadas até ao final do jogo.				
Área de Formação Pessoal e Social	<ul style="list-style-type: none"> -Respeitar o amigo que apanha a cadeira -Autocontrolo -Receber apoio social do amigo 					

INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS EDUCATIVAS
Prática Supervisionada III – 2º Ano

Nome: Sofia Silva		Local de Prática: Jardim-de-infância- O Cantinho		Educadora cooperante: Sandra Seno Nº de crianças: 22		Data: 23/11/2016 25/11/2016	
Temas/ Projetos: O corpo humano				Grupo Etário: 3 anos			
ÁREAS DE CONTEÚDO	OBJETIVOS	ATIVIDADES/ESTRATÉGIAS	RECURSOS			TEMPO	
			Materiais	Espaciais	Humanos		
Área de Expressão e Comunicação Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à escrita	- Desenvolver a linguagem; -Saber escutar	O acolhimento é feito na sala ao redor da mesa polivalente entre as 9h 30m/10h. Cantamos o bom dia, elaboramos o plano do dia e vamos marcar as presenças.	-Folha a4 -Canetas de feltro	Sala de atividades	Educadora estagiária; - Crianças.	30 minutos	
Área de Formação Pessoal e Social	-Iniciar e manter relações com os adultos e os pares;	Atividade 1:					
Área do conhecimento do mundo	-Representar a figura humana -Identificar o género - Iniciar e manter	Irão ouvir a história do corpo humano. Depois as crianças vão para as áreas brincar. Quando já todas estiverem nas áreas chamo as meninas para fazer a silhueta de uma delas. Esta menina será escolhida ao acaso. Cada uma tem uma	-Livro	Sala atividades	Educadora estagiária; - Crianças.	20 minutos	

Área de Formação Pessoal e Social	interações com os pares -Respeitar o trabalho em equipa -Promover a partilha - Promover a autonomia	peça de lego, todas de cores diferentes e eu vou dizer uma cor, quem tiver essa cor, mostra-me a peça e vou pedir para se deitar no chão para desenhar a sua silhueta. Com os meninos irei fazer o mesmo. Depois com as revistas, tecido e lã vão vestir a menina, deixando assim ao critério das crianças os materiais que vão usar, existindo respeito pela opinião de cada um.	-Legos -Lápis -Papel cenário -Cola -Revistas -Tecidos -Lã	Sala atividades		2h 30m
-----------------------------------	--	--	---	-----------------	--	--------

INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS EDUCATIVAS
Prática Supervisionada III – 2º Ano

Nome: Sofia Silva		Local de Prática: Jardim-de-infância- O Cantinho	Educadora cooperante: Sandra Seno Nº de crianças: 24		Data: 28/11/2016 30/11/2016	
Temas/ Projetos: os cinco sentidos			Grupo Etário: 3 anos			
ÁREAS DE CONTEÚDO	OBJETIVOS	ATIVIDADES/ESTRATÉGIAS	RECURSOS			TEMPO
			Materiais	Espaciais	Humanos	
Área de Expressão e Comunicação - Domínio da Linguagem Oral e Abordagem a Escrita	- Desenvolver a linguagem – Adquirir novo vocabulário	O acolhimento é feito na sala ao redor da mesa polivalente entre as 9h 30m/10h. Cantamos o bom dia, elaboramos o plano do dia e vamos marcar as presenças. Atividade 1:	-Folha a4 -Canetas de feltro	Sala de atividades	Educadora estagiária; - Crianças.	30 minutos
Área do conhecimento do mundo	-Adquirir conhecimentos sobre os 5 sentidos do corpo humano	Após a reunião da manhã irei contar uma história dos cinco sentidos. Iremos começar pelo olfato e pelo paladar. Através do jogo da cabra cega as crianças têm que dizer qual o paladar que sentem. Colocando num copo um pouco de água com sal, noutro copo água com açúcar.	-Livro - Copos - Sal -Açúcar -Água	Sala de atividades	Educadora estagiária; - Crianças.	1h 30m Minutos

<p>Área de Expressão e Comunicação</p> <p>Subdomínio das artes visuais</p> <p>Área de Formação Pessoal e Social</p>	<p>- Desenvolver o sentido estético</p> <p>-Respeitar a opinião dos outros</p> <p>-Solidarizar-se com os outros</p> <p>-Desenvolver uma atitude crítica e interventiva</p>	<p>Para o olfato irão cheirar a canela e tentar adivinhar o que é.</p> <p>Atividade 2:</p> <p>Após as crianças já saberem quais são os cinco sentidos vamos contruir um livro sobre o tema em questão para ficar na biblioteca da sala. Irão pintar a imagem de uma boca, um ouvido, um nariz e um olho. Para o tato irão pintar a sua própria mão e depois calcar na cartolina.</p>	<p>-Cartolina</p> <p>-Lápis de cor</p> <p>-Cola</p> <p>-Tinta</p>	Sala atividades	<p>Educadora estagiária;</p> <p>- Crianças.</p>	1h
---	--	---	---	-----------------	---	----

INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS EDUCATIVAS
Prática Supervisionada III – 2º Ano

Nome: Sofia Silva		Local de Prática: Jardim-de-infância- O Cantinho	Educadora cooperante: Sandra Seno Nº de crianças: 25			Data: 2/12/2016
Temas/ Projetos: Eleição do nome do rato da índia			Grupo Etário: 3 anos			
ÁREAS DE CONTEÚDO	OBJETIVOS	ATIVIDADES/ESTRATÉGIAS	RECURSOS			TEMPO
			Materiais	Espaciais	Humanos	
Área de Expressão e Comunicação - Domínio da Linguagem Oral e Abordagem a Escrita	- Desenvolver a linguagem	O acolhimento é feito na sala ao redor da mesa polivalente entre as 9h 30m/10h. Cantamos o bom dia, elaboramos o plano do dia e vamos marcar as presenças	-Folha a4 -Canetas de feltro	Sala de atividades	Educadora estagiária; - Crianças.	30 Minutos
Área de formação Pessoal e Social	-Respeitar a opinião dos outros -Respeitar a sua vez -Aceitar o nome eleito	Atividade 1: Após o bom dia e a reunião da manhã, como temos um novo membro na sala, vamos eleger um nome para o mesmo que é um rato da índia. Vamos permanecer sentados na mesa polivalente cada um de nós irá dizer um nome que gostaria para o rato incluindo nós adultos. Depois de cada um mencionar o nome preferido vamos votar nos nomes existentes, para no final fazermos a contagem dos votos e ver qual o nome vencedor.	-Folha a4 -Caneta	Sala de atividades	Educadora estagiária; - Crianças.	1h 10m
Área de expressão e comunicação Domínio da Matemática	- Desenvolver o conceito de número					

INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS EDUCATIVAS
Prática Supervisionada III – 2º Ano

Nome: Sofia Silva		Local de Prática: Jardim-de-infância- O Cantinho		Educadora cooperante: Sandra Seno		Data: 12/12/2016 16/12/2016	
Temas/ Projetos: Regras na sala-O que não podemos fazer/o que podemos fazer				Grupo Etário: 3 anos			
ÁREAS DE CONTEÚDO	OBJETIVOS	ATIVIDADES/ESTRATÉGIAS	RECURSOS			TEMPO	
			Materiais	Espaciais	Humanos		
Área de Expressão e Comunicação - Domínio da Linguagem Oral e Abordagem a Escrita	- Desenvolver a linguagem – Adquirir novo vocabulário	O acolhimento é feito na sala ao redor da mesa polivalente entre as 9h 30m/10h. Cantamos o bom dia, elaboramos o plano do dia e vamos marcar as presenças Atividade 1:	-Folha a4 -Canetas de feltro	Sala de atividades	Educadora estagiária; - Crianças.	30 minutos	
Área de Formação Pessoal e Social	-Promover atividades de democráticas -Promover as relações entre as crianças	Após o bom dia e a reunião da manhã. As crianças vão permanecer sentadas na mesa polivalente para começarmos a elaborar os placards das regras. Primeiro será feito o placard do “que não podemos fazer na sala”, através das imagens a crianças vão dizendo o que não se pode fazer na sala, depois o placard “o que podemos fazer”. Será elaborado da mesma maneira através de imagens as crianças vão divulgando as regras.	-Cartolinas -Imagens -Cola -Canetas	Sala de atividades	Educadora estagiária; - Crianças.	1h 45m	

INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS EDUCATIVAS
Prática Supervisionada III – 2º Ano

Nome: Sofia Silva		Local de Prática: Jardim-de-infância- O Cantinho		Educadora cooperante: Sandra Seno		Data: 5/12/2016 9/12/2016
Temas/ Projetos: fazer árvore de natal				Grupo Etário: 3 anos		
ÁREAS DE CONTEÚDO	OBJETIVOS	ATIVIDADES/ESTRATÉGIAS	RECURSOS			TEMPO
			Materiais	Espaciais	Humanos	
<p>Área de Expressão e Comunicação Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à escrita</p> <p>Área de Formação Pessoal e Social</p> <p>Area de Expressão e Comunicação - Domínio da educação artística</p>	<p>- Desenvolver a linguagem;</p> <p>-Iniciar e manter relações com os adultos e os pares;</p> <p>- Desenvolver a motricidade fina</p>	<p>O acolhimento é das 9h 30m/10h em redor da mesa polivalente. Cantamos o bom dia, elaboramos o plano do dia, e como hoje é segunda as crianças contam as novidades. Escrevo a novidade de cada criança numa folha a4 e só depois é que irão marcar a presença.</p> <p>Atividade 1:</p> <p>Após o bom dia e a reunião da manhã as crianças irão marcar as presenças e escolher qual a área para onde querem ir. Depois irei chamar a pares para a construção da árvore de natal. Numa folha A4 apenas se encontram uns picotados, onde as crianças vão passar com a</p>	<p>-Folha a4</p> <p>-Canetas de feltro</p> <p>-Folhas</p> <p>-Lã</p> <p>-Agulhas</p> <p>-Cola</p> <p>- Estrelas</p>	<p>Sala de atividades</p> <p>Sala de atividades</p>	<p>Educadora estagiária; - Crianças.</p> <p>Educadora estagiária; - Crianças.</p>	<p>1h 30m minutos</p> <p>1h 30m minutos</p>

		agulha que tem lã de forma a fazer uma árvore de natal. No final escolhem a cor da estrela que querem colocar no cimo da árvore. Estas estrelas foram feitas com o furador no material “Eva”.				
--	--	---	--	--	--	--

Anexo VII - Notas de campo

Xavier

Data: 23/11/2016

– Enquanto se abordava a história do corpo humano o Xavier referiu que aquelas informações também estavam no livro do corpo humano que ele tinha em casa.

Data: 5/12/2016

– O Xavier, na área das construções convida o Gabriel para o ajudar a contruir um castelo para os animais que não têm casa, ambos vão buscar as peças grandes e pequenas e iniciam a construção.

Data: 21/11/2016

- O Rodrigo sujou no pijama e ficou triste por ter de vestir um fato de treino. O Rodrigo começou a chorar a dizer que não queria tirar o pijama porque queria brincar com os amigos e o Xavier aproximou-se dele e disse que podia vestir o fato de treino que ele brincaria na mesma com ele, e deu-lhe a mão.

Data: 4/11/2016

- 4/11/2016 – Enquanto o Xavier brincava na área de expressão livre com os fantoches, o Ricardo empurrou os fantoches todos que estavam em cima do castelo para o chão. O Xavier levantou-se e disse “Oh Ricardo, não se faz isso. Agora tens que me ajudar a apanhá-los”.

Data: 18/11/2016

- Na área da oralidade e escrita o Xavier diz para a Joana “Não risques o meu plano do dia, estás a estragar!”

Data: 14/12/2016

Na construção do placar das regras da sala existiu uma imagem onde aparece o Ricardo, então o Xavier disse “não podemos bater nos amigos, como o Ricardo faz”.

Data: 5/12/2016

Depois da contagem dos votos para escolher o nome do rato da índia o nome mais elegido foi “pipoca” por isso mesmo o rato ficou com o nome de “pipoca”. O Xavier disse logo “olha Sandra ganhou o nome que escolheste, mas o rato não é uma pipoca”.

Data: 29/11/2016

Na construção do livro dos 5 sentidos a imagem que provocou um conflito foi o sentido do olfato. O Xavier iria pintar o lábio de baixo e o Gonçalo o lábio de cima, este foi o acordo entre eles, mas o Gonçalo agarrou na cor castanha para pintar e o Xavier interveio e disse que “os lábios são vermelhos, não são castanhos vai ao espelho ver”.

Clara

Data: 7/12/2016

– A Clara está a fazer um trabalho na área da oralidade e escrita e nota que lhe falta a cola. Vai ter com o adulto e pergunta onde está a cola. O adulto diz à Clara para ir a outra sala buscar a cola, utilizar, e depois entregar; ao que ela procede.

Data: 28/11/2016

– Na área do faz de conta a Clara distribui as tarefas por cada um dos amigos, elaborando uma brincadeira onde ela é a mãe e orienta os outros: deitarem-se na cama para dormir, ir às compras, sentarem-se na mesa para lanchar.

Data: 28/10/2016

– A Joana estava a brincar com a panela do faz-de-conta, e o Ricardo tira-lha e empurra-a. A Joana começa a chorar e a Clara confronta-a.

Data: 12/12/2016

12/12/2016 – O Guilherme senta-se numa cadeira da área da oralidade e escrita e a Clara diz-lhe “Sai daí que essa cadeira é minha” empurrando o amigo para o lado.

Data: 24/10/2016

– Na área do faz de conta a Clara diz ao guilherme para se deitar na cama. O Guilherme não se quer deitar, ao que a clara responde “Porque é que não te deitas? Estás a estragar a brincadeira e assim eu fico triste.”

Data: 14/12/2016

Quando se mostrou em grande grupo a Clara assim que viu a primeira imagem para colar disse “não se corre na sala só na rua”.

Data: 23/11/2016

A Clara perguntou “Sofia o que vamos fazer?”, depois de explicar ela aprotou-se para ajudar a ir buscar os materiais: os tecidos, e as revistas para escolherem e cortarem para construir a cara e vestir a menina.

Data: 21/12/2016

Durante a manhã realizaram-se alguns jogos, mas o das cadeiras foi o mais disputado havendo mesmo crianças a chorar por não ganharem o jogo. A clara quando perdeu começou a chorar e empurrou o Pedro que estava ao seu lado e disse “não perdi nada” peguei nela ao colo e expliquei que tinha que sair do jogo porque tinha perdido e ela respondeu “eu quero ganhar”.

Joana

Data: 7/10/2016

– A Joana vem ter com o adulto e conta que na casa dela da Amadora tem muitas bonecas como aquela história na biblioteca. Pergunta ao adulto se quer ir ver a história.

Data: 14/12/2016

– Na área das ciências e da matemática a Joana, com a Marta, estavam a fazer padrões no jogo dos picos. Sem querer, a caixa caiu ao chão, e ambas apanharam para continuarem o jogo.

Data: 28/10/2016

– A Joana estava a brincar com a panela do faz-de-conta, e o Ricardo tira-lha e empurra-a. A Joana começa a chorar e a Clara confronta-a.

Data: 2/11/2016

- A Maria Isabel não quer partilhar os rolos da plasticina com a Joana. A Joana vai ter com o adulto para pedir ajuda.

Data: 4/11/2016

– Na casa de banho a Joana vai tirar o papel para limpar as mãos e a Marta molha-a com as mãos e ela diz-lhe “Pára, estás a molhar-me, eu não quero ficar molhada!”

Data: 4/11/2016

Depois da construção da árvore de outono com os elementos da natureza que apanharam na rua perguntei à Joana se estava a gostar e ela respondeu “sim a árvore está grande e nem foi preciso destruir a natureza”

Data: 14/12/2016

“(Joana) Não podemos falar todos ao mesmo tempo, temos que meter o dedo no ar. (Eu) Pois é Joana esta regra é muito importante temos que respeitar a vez de cada um, mas nem sempre isso acontece, não é? Ela olhou e começou a rir-se.

Camila

Data: 17/10/2016

– A Camila mostra ao adulto o jogo que construiu.

Data: 6/10/2016

– Durante a brincadeira livre na rua a Camila pergunta à Matilde se quer brincar às fadas.

Data: 12/10/2010

– A Camila queria ajuda para apertar os botões da bata. Ao invés de pedir começou a chorar. A Matilde dirigiu-se à Camila e oferece ajuda.

Data: 25/11/2016

– A Camila começou a chorar porque o Ricardo lhe tirou os ténis. O Adulto teve que intervir. O adulto teve que intervir dizendo à Camila para comunicar com o amigo para resolver o seu problema.

Data: 7/12/2016

– A Camila contrariou a Clara porque não queria ir brincar para o faz-de-conta. A Clara fica triste e a Camila decidiu então ir brincar com ela.

Data: 4/11/2016

As crianças sentaram-se no chão à volta do papel cenário para construírem a árvore de outono com os elementos da natureza que apanharam na rua. Uma de cada vez foi colando as folhas e os ramos enquanto as restantes esperavam pela sua vez e incentivavam a que estava a trabalhar, como a Camila que disse “tens que carregar mais na folha porque se não, não cola”